



Universidade Católica do Salvador
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania

ANA CAROLINA OLIVEIRA DOS SANTOS

SER OU NÃO SER INTERNAUTA?

Os significados da internet a partir do seu uso para jovens graduandos em redes de computadores na cidade de Salvador.

Salvador
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANA CAROLINA OLIVEIRA DOS SANTOS

SER OU NÃO SER INTERNAUTA ?

**Os significados da internet a partir do seu uso para jovens graduandos
em redes de computadores na cidade de Salvador**

**Dissertação apresentada à Universidade
Católica do Salvador como requisito para
aprovação no Mestrado de Políticas Sociais e
Cidadania**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mary Castro

Salvador
2009

ANA CAROLINA OLIVEIRA DOS SANTOS

SER OU NÃO SER INTERNAUTA ?
Os significados da internet a partir do seu uso para jovens graduandos
em redes de computadores na cidade de Salvador

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação **Políticas Sociais e Cidadania**, da **Universidade Católica do Salvador**, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Políticas Sociais e Cidadania

Aprovada em ___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Mary Garcia Castro (Orientadora)
Universidade Católica de Salvador

Prof. Dra. Ângela Borges
Universidade Católica de Salvador

Prof. Dra. Lynn Alves
Universidade do Estado da Bahia

AGRADECIMENTOS

Ao Universo que propicia acontecimentos maravilhosos;

À minha super mãe pela eterna ebulição de incentivo e apoio;

Ao meu maridão por conseguir me fazer respirar quando o ar faltava;

À minha orientadora Mary que sabe a importância de “endurecer, mas sem perder a ternura”;

A minhas irmãs que conseguem me fazer rir, mesmo quando os motivos parecem esvaziar; Aos meus bichinhos Frank Sinatra, o gato, e Cachorro, o cachorro, que por várias vezes, me forçaram a descansos mentais impositivos, mas extremamente necessários;

Aos amigos que souberam compreender que em 1 m², às vezes só cabe uma pessoa, respeitando assim meu espaço, e

A todos aqueles que disponibilizaram seus tempo e conhecimento, ao invés da comodidade de um “não” como resposta. Muitíssimo obrigada!

RESUMO

Com o objetivo de compreender a importância de tornar-se internauta, “Ser ou não ser internauta?” reflete sobre os significados da internet para jovens, que de acordo com PNAD 2005 e com pesquisa de 2007 do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), são maioria dentre os usuários da internet no Brasil, sendo que o uso desta tecnologia é uma característica de uma nova geração: a geração @. Como metodologia de investigação, foi feita pesquisa bibliográfica e, a partir desta, elaborou-se questionário que foi aplicado com jovens entre 18 e 29 anos a fim de conhecer hábitos e finalidades de uso da internet. A partir deste, foram selecionados diferentes perfis para entrevista objetivando aprofundamento da investigação do objeto - os significados da internet a partir do seu uso para jovens graduandos em tecnologia de redes de computadores na cidade de Salvador. Pelo curso que fazem, estes graduandos apresentam mais intimidade com a internet – isto é significativo, pois mesmo entre universitários, o conhecimento sobre internet ainda em muitos casos é limitado apenas para e-mail ou pesquisa acadêmica, por exemplo- e a partir disto foi possível aferir a visão deles sobre a influência desta tecnologia em suas identidades, relações sociais e rotina. Discute-se como a prática de uso da internet intervém em rotinas, identidades e relações, ressaltando-se significados. Os jovens focalizados não representam o universo da geração @ de nível universitário, mas considerando sua socialização com computadores, por força do curso que seguem, sugerem: 1) que no plano das relações sociais e da modelação de auto imagens a internet é considerada mais que um meio, uma técnica, e sim um capital que lhes diferencia, ampliando possibilidades de ação e 2) ainda que todos estudem sobre redes de computadores, há diversas práticas quanto ao uso e sentidos dados a internet, ou seja não necessariamente são um todo homogêneo;

Palavras-chave: internet - jovens – significados – possibilidades

ABSTRACT

Aiming to understand the importance of becoming an internet user, "To be or not to be an internet user?" reflects on the meanings of internet for young people, who according to PNAD 2005 and the search for 2007 of the Management Committee of the Internet in Brazil (CGI . ph), are among the majority of internet users in Brazil. The use of this technology is a characteristic of a new generation: the generation @..As a methodology of the research, the literature was discussed and a questionnaire applied to young people between 18 and 29 years to ascertain habits and purposes of the use of internet. From this, different profiles were selected for interview aimed to analyze meanings of the internet among young graduate students in technology of computer networks in the city of Salvador. These graduate students have more intimacy with the internet - this is significant, because even among university students, knowledge about internet yet in many cases is limited to email or academic research, for example - and since this was possible ascertain their view on the influence of this technology in their identities, social relations and routine. It discusses how the practice of use of the internet intervenes in routines, identities and relationships, emphasizing it is meanings. The youth focused not represent the universe of generation @ at university-level, but considering their socialization with computers, by virtue of the course that follow it, suggests: 1) that in terms of social relations and the modeling of self images, the internet is considered not just a medium, a technique, but a capital that differentiates them, expanding opportunities for action and 2) even among computer students, there are several practical ways on how to use data and the Internet, in other words, they are not an homogeneous group.

Key-words: internet - youth – meaning – possibilities

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 INTERNET: ACESSO A SIGNIFICADOS EM NÍVEL GLOBAL	23
2.1 A INTERNET NA CONTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS.....	23
2.2 A CONDIÇÃO GLOBAL DA COMTEMPORANEIDADE.....	26
2.3 INTERNET: QUEBRANDO BARREIRAS NA GLOBALIZAÇÃO	28
3 SUPER-NET	34
3.1 “AGORA, COM A INTERNET, EU POSSO...”.....	34
3.2 UM POUCO DE CRIPTONITA PARA A SUPER-NET.....	41
3.3 TV-MARAVILHA <i>VERSUS</i> SUPER – NET.....	48
4 SER UM INTERNAUTA JOVEM - GERAÇÃO @	58
4.1 GERAÇÃO @ - DEFINO MEUS CAMINHOS.....	59
4.2 GERAÇÃO @ - SOU ISTO, MAS POSSO SER AQUILO, OU ELA, OU....	61
4.3 GERAÇÃO @ - PAREÇO, LOGO SOU.....	64
4.4. GERAÇÃO @ - TODA RELAÇÃO TEM LIMITE.....	67
5 O QUE É SER INTERNAUTA	74
5.1 ALGUNS DESAFIOS PARA OS INTERNATUTAS E PARA O FUTURO.	79
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
7 REFERÊNCIAS	91
APÊNDICES	98
APÊNDICE A - Roteiro de perguntas entrevista	99
APÊNDICE B - Roteiro de perguntas questionário	100
APÊNDICE C - Carta convite	102
APÊNDICE D - Texto padrão para início das entrevistas	103
APÊNDICE E - Perfil demográfico	104
APÊNDICE F - Perfil do internauta	105
APÊNDICE G - TABELA 1: Tempo de permanência <i>versus</i> local de uso	106
APÊNDICE H - TABELA 2: Finalidade de uso da internet <i>versus</i> consumidor/produtor	107
APÊNDICE I - Publicações e grupos de pesquisa sobre TIC'S	108
ANEXOS	115
ANEXO A - Pesquisa sobre o uso das TICs no Brasil – 2007	116

1 INTRODUÇÃO

Compreender os significados que os jovens têm da internet¹, a partir do seu uso, torna-se uma discussão relevante, tendo em vista que a rede é tema de debate em diversas áreas de conhecimento. O seu uso, apesar de ainda restrito à minoria da população brasileira, faz cada vez mais, parte da rotina destas, possibilitando novas formas de ser e agir, visto que oportuniza meios inéditos de relacionar-se, apresenta referências de significações globais, possibilitando contatos profissionais e pessoais das mais diversas ordens.

Entretanto, apesar de seu acesso ser apontado como fator de facilitação e melhora da vida cotidiana, por autores como Silveira (2005), Castells (1998) e Lévy (1999), é preciso constatar se, na prática, esta tecnologia é percebida como meio de transformação - destas rotinas, identidade, e relações - para os seus usuários. Surge daí, a interrogação sobre o significado deste meio de comunicação para os jovens.

De acordo com Turner (2000), significados são formados pelas pessoas a partir de suas interações com o mundo desde o momento do nascimento, sendo que cada ser constrói significados próprios, o que contribui no processo de individualização. Estas experiências de contato com o mundo fazem com que cada ser crie modelos mentais de representação da realidade - percepções e compreensões - que antecipam eventos ou problemas e que colaboram no processo de sociabilidade. A internet, assim, apresenta-se como um repositório vivo de significados ao proporcionar experiências em diversos âmbitos, através do contato com pessoas e informações, colaborando, mas não determinando, no processo de formação do indivíduo e de sua identidade.

O uso que se faz da internet, assim como pode ajudar a diferenciar cada indivíduo, também se torna diferente para cada um – tendo em vista a personalidade da pessoa, o conhecimento técnico da tecnologia e a capacidade de apropriação para tornar reais as expectativas que se tem da rede. Para alguns, este novo meio de comunicação pode não trazer nenhuma mudança, para outros pode ser transformador e apresentar-se como fator

¹ Que também será denominada de “rede” ou “ciberespaço” no decorrer deste trabalho

de diferenciação. “(...) O agente de mudança não é a tecnologia em si mesma, mas sim os usos e a construção de sentido ao redor dela”. (HINE, 2004, p.13)²

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem trazer novos sentidos na forma das pessoas se reconhecerem. Este fato pôde ser constatado em pesquisa realizada com 386 trabalhadores petroquímicos e bancários ao se observar que eles possuíam percepções distintas sobre a presença da tecnologia em suas atividades profissionais (BOULHOSA; SANTOS; PINHO, 2001). Como resultado, observou-se que enquanto a maioria dos petroquímicos identifica-se como substituíveis por tecnologia em algumas de suas funções, os bancários, ao contrário, não acreditavam que podiam ser substituídos pela tecnologia, por considerarem preponderante a relevância do fator humano para a execução do trabalho. Notou-se, também, que em ambos os casos, havia uma dificuldade em nomear a atividade que exerciam, isto porque as tecnologias substituíram muitas das funções antes realizadas pelo trabalhador (como os caixas de auto-atendimento no caso dos bancários e do sistema de automação de produção, para os petroquímicos) e não havia clareza ainda sobre as novas funções executadas. Nesta perspectiva, Itani (1997) dá o exemplo das conseqüências que o automatismo das funções dos metroviários parisienses e paulistas trouxe para suas identidades profissionais:

(...) a modernização do metrô com a automatização dividiu o coletivo dos condutores entre os “antigos”, ocupantes dos postos mecânicos, e os “novos”, admitidos recentemente dentro de novos perfis. Os novos não são reconhecidos como condutores. São tratados como “datilógrafos”. A imagem desvalorizada compreendia a idéia de que novos condutores não asseguram mais a função de condução de trem. “Eles se contentam em apertar botões”. (ITANI, 1997, p.142)

A juventude contemporânea, por sua vez, tem como característica ter nascido e estar se desenvolvendo junto com a introdução cada vez maior das TICs em diversos campos da vida. A internet é um marco característico de uma geração, que corresponde aos nascidos entre 1979 e os dias atuais, sendo a “primeira geração a crescer cercada pela mídia digital” (TAPSCOOT, 1999). Assim como aconteceu com os “boomers”, nascidos entre 1946 e 1964, que viveram permeados, em seus valores e cultura, pelos

² (...)el agente de cambio no es la tecnología em sí misma, sino los usos y la construcción de sentido alrededor de ella.

meios de comunicação de massa; pressupõe-se, que a internet contribui, não isoladamente, na construção de significados pelos jovens internautas, já que esta lhes permite viver experiências, criar relações, obter informações que ajudam na concepção de representações,³ de si, dos outros, do mundo e da própria internet.

Feixa (2000, p. 11) afirma que “gerações não são estruturas compactas, mas sim referências simbólicas que identificam vagamente os agentes socializados em uma mesma coordenada temporal”. Desse modo, o termo “geração @⁴” traz como característica o acesso universal às TICs e o acesso ao processo de globalização.

Assim, de acordo com o IBGE (2005), em sua Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), os jovens internautas, pessoas entre 15 e 29 anos, que representam a maioria de usuários no Brasil, correspondem a 48,5% dos internautas. Este dado foi relevante para a seleção da amostra desta pesquisa - composta por jovens do curso de redes de computadores de uma faculdade privada da cidade de Salvador. A escolha por graduandos de redes de computadores garantiu maior intimidade do entrevistado com as TICs - visto que o curso capacita o aluno a projetar e gerenciar redes e a internet se trata de uma rede mundial - promovendo uma visão mais aprofundada do ciberespaço.

Na rede, o jovem pode conhecer e criar novas possibilidades de atuação: 1) ocultar-se; 2) apresentar-se de forma diferente; 3) viver experiências exclusivas da estrutura do mundo virtual (como diferentes formas de sociabilidade); 4) fazer compras e acessar serviços virtualmente; 5) ter acesso a informações em nível global, e, ainda, 6) manter contatos ou conhecer pessoas que não conseguiria off-line. Este último fator, por exemplo, pode ser transformador, pois a estrutura descentralizada do ciberespaço que conecta pessoas entre si, independente de suas localizações geográficas, potencializa a rede social de um jovem, influenciando nos conhecimentos e oportunidades que ele terá no decorrer da vida, ampliando sua visão de atuação e caminhos. Isto vale para aqueles

³ Representar ou representar-se corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se repora a um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, um idéia, uma teoria, etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas é sempre necessário (...) regem nossas relações com o mundo e com os outros” (JODELET, 2001)

⁴ Autores utilizam diferentes termos para referir-se a estes jovens que nascem e se desenvolvem em meio às TICs. Alguns deles: geração @, G-Net, Geração Net ou Net Generation..

pertencentes a diferentes inscrições quanto a gênero, raça e classe social. Abramovay e Castro (2002, p.71) explicam que o desenvolvimento do capital social amplia os recursos materiais e simbólicos dos atores na busca das soluções de seus problemas. Assim, cada uma destas experiências advindas com o uso da internet pode resultar em novos significados e expectativas que se constrói sobre si e sobre a rede.

Por outro lado, Hine (2004, p. 19) ⁵ afirma que “falar da internet como artefato cultural implica assumir que nossa realidade atual poderia ter sido outra, pois as definições tanto do que é, como do que se faz são resultados de compreensões culturais que poderiam ter sido diferentes” Assim que para compreender os significados da internet, a partir do seu uso para jovens graduandos em tecnologia de redes de computadores na cidade de Salvador, foram consideradas as observações de especialistas em metodologia de pesquisa, para garantir a credibilidade de todo o processo, sendo relevante considerar que:

O processo de interação contém quatro elementos que devem ser explicitados, enfatizando-se suas vantagens, desvantagens e limitações. São eles: a) o entrevistador; b) o entrevistado; c) a situação da entrevista; d) o instrumento de captação de dados, ou roteiro de entrevista (HAGUETTE, 1992, p.86).

Both, Colomb e Williams (2000) apresentam um caminho para construção de um objeto socialmente relevante, que deve ser específico - para uma verificação possível, mas partindo de uma problemática geral - que influencie a realidade das pessoas. O da presente pesquisa é: **Os significados da internet a partir do seu uso para jovens graduandos em tecnologia de redes de computadores na cidade de Salvador.**

A relevância e a construção do objeto e do problema de pesquisa estão embasadas em uma revisão bibliográfica diversificada, com ênfase nos temas: internet e tecnologias da informação e comunicação, inclusão digital, juventude, identidade. A partir daí, algumas reflexões surgiram. Uma delas perpassa pela necessidade de compreender que a globalização toca em diversos âmbitos da sociedade - economia, política, cultura, relações, conhecimento, etc. - diversificando quadros de referências, que antes se

⁵ Hablar de Internet como artefacto cultural implica asumir que nuestra realidad actual pudo haber sido otra, pues lãs definiciones tanto de lo que es como de lo que hace, son resultado de comprensiones culturales que pudieron ser diferentes.

restringiam a contextos locais (GIDDENS, 1991; HALL, 2000). Considerando que num processo de individualização, busca-se diversas formas de conceber significados e expressar-se, presumiu-se que a internet é vista pelo jovem como meio de romper com a localidade, trazendo novas interações, que podem contribuir, mas não determinar, para construção da identidade dos jovens.

Outra reflexão considera que, junto com a geração @, surge também a cibercultura aqui compreendida como o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modelos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17). Dentre outros aspectos, a cibercultura apresenta aos internautas uma gama de novas possibilidades de ações e comportamentos durante interações virtuais. Fato que torna necessário compreender se os jovens consideram que a internet **contribui nas suas formas de se relacionar**.

A construção de significados sobre a rede também ocorre a partir da sua inserção na rotina das pessoas. Castells (1999), Prado (1998), Lévy (1999), Tapscoot (1999) apontam oportunidades que a estrutura do próprio ciberespaço oferece aos usuários, fazendo com que estes: 1) percebam-se como mais atualizados por ali ser uma fonte de informações e debate em âmbito global; 2) reforcem sua individualidade, já que podem buscar assuntos e discussões específicas de interesse; 3) sintam-se mais próximas e capacitadas ao mundo profissional, já que aí surgem novas funções e meios de contatos neste âmbito; 4) sintam-se aptos para expressar pensamentos e sentimentos, primeiro porque blogs e sites pessoais oferecem espaços para suas falas, além disto, a possibilidade de anonimato e de construção/reconstrução de uma identidade diferente da off-line (conhecidas como “fake”) pode trazer maior sensação de segurança.

Observa-se que são inúmeras as possíveis colaborações da tecnologia para a rotina das pessoas. Silveira (2005, p.5) defende, também, que a inclusão digital é um meio estratégico para inclusão social – considerando que a inclusão digital pressupõe o “acesso ao computador conectado à internet, bem como, ao domínio da linguagem básica para manuseá-lo com autonomia” (SILVEIRA, 2003). Acredita-se, a partir desta afirmação, que, se ser internauta, representa ter acesso a outras formas de atuar na rotina, é compreensível que pessoas incluídas digitalmente possam se sentir diferentes das demais.

A rede oferece aos usuários a chance de construir significados de acordo com sua individualidade e interesse, todavia, as infindáveis possibilidades oferecidas por este novo meio de comunicação são irrelevantes se as pessoas não sabem aproveitá-las. Algumas a vêem como facilitadora, outras como um impeditivo, por sua falta de acesso, dificuldade ou falta de habilidade em manusear o computador ou a internet e mesmo a falta de tempo para navegar. O ser e o agir não se transformam quando internauta não atua no ciberespaço de forma a apreender algum novo significado deste, mas quando entra na rotina dos jovens, oferecendo novas bases possíveis de ser e agir, aí sim, é possível modificar suas vidas, perspectivas e a realidade.

A juventude que compõe a presente geração @ é agente na construção desta realidade, pois “não só o tempo constrói socialmente o jovem; a juventude também constrói socialmente o tempo na medida em que modela, readapta e projeta novas modalidades de vivência do tempo. (FEIXA, 2000, p.13)⁶. Assim, se as TICs fazem cada vez mais parte da contemporaneidade, é preciso conhecer quais os significados que os jovens constroem da internet a partir do seu uso.

Diante das possibilidades metodológicas, para responder a estas reflexões, o uso de pesquisa qualitativa e quantitativa foi considerada adequada, pois “a importância de se trabalhar com vários indicadores complementares para se aferir uma mesma meta vem do fato de que é preciso observar diferentes aspectos de objetivos complexos buscando-se aferir uma visão crítica dos resultados” (ASSIS; DESLANDES; MINAYO. SANTOS, 2005, p.112).

Justifica-se a escolha pela pesquisa qualitativa, considerando que, de acordo com Minayo (2005), a busca cada vez maior por este método é resultado de uma sociedade contemporânea mais complexa - e foi neste contexto que o uso da internet tornou-se popular - dando-se importância à vida cotidiana, já que as ações dos indivíduos são criadas a partir das suas relações - as estruturas, assim, não são vistas como únicas determinantes da atuação. Aquela é o “... espaço no qual os sujeitos constroem o sentido do seu agir e no qual experimentam as oportunidades e os limites para ação”

⁶ No sólo el tiempo construye socialmente lo juvenil; también la juventud construye socialmente el tiempo, en la medida en que modela, readapta y proyecta nuevas modalidades de vivencia temporal.

(MELUCCI, 1996, p.29). Dessa forma, a rede torna-se parte do cotidiano como um novo meio de interação, de criação e manutenção de relações na rotina dos jovens.

As investigações qualitativas “(...) não buscam homogeneidades e sim diferenciações e especificidades” (MINAYO, 2005, p.124), dão importância às diferenças culturais, territoriais e individuais e isto é fundamental para análise dos significados que os jovens têm da internet, pois o uso e as percepções que se cria desta, varia de acordo com a individualidade de cada um. Para compreensão destes significados é preciso considerar quem usa, para quê e como esta é utilizada. Assim, foi construído um roteiro para entrevista semi-estruturada (APÊNDICE A), em que uma lista de questões foi apresentada a todos os entrevistados, com a possibilidade de inserção de questões que parecessem relevantes durante o trabalho de campo.

Na formulação do roteiro foram consideradas três dimensões ligadas ao objeto de pesquisa: 1) relacionamento, 2) transformação de rotina e 3) identidade. Todas as dimensões estão ligadas ao fato de que a internet traz novas possibilidades potenciais, que se tornam concretas a partir da ação, variando de pessoa a pessoa, determinando as expectativas e sensações que cada um tem dela. Diante disto, a elaboração do roteiro totalizou 11 questões que estão expostas no Apêndice A.

Para validação, as questões foram apresentadas como tema de redação para alunos dos cursos de software e redes de computadores, a fim de preservar as características semelhantes a dos entrevistados, em especial idade, gênero e proximidade com a internet, podendo observar assim, as expressões mais utilizadas e as compreensões acerca das questões propostas. Cada pergunta foi transformada em tema de redação para, pelo menos, cinco alunos – o que só foi possível pelo fato de uma das disciplinas ministradas pela pesquisadora ser justamente Redação e os cursos em questão estarem diretamente ligados às TICs . Fato justificado na orientação de Minayo et al (2005, p. 152), ao afirmar que “é desejável, verificar, desde o pré-teste, se as respostas obtidas são realmente as informações que se deseja. Se as perguntas solicitam atitudes, opiniões, percepções ou valores, se existem dúvidas sobre a validade das respostas a cada uma das perguntas” .

Ainda assim, o roteiro completo foi submetido a pré-teste com jovens, de características semelhantes a dos entrevistados, que foram orientados a apontar as questões que suscitasse dúvidas. Em seguida, foram questionados sobre os termos e idéias que não estavam claros. Quanto a isso, apontaram como haviam entendido e o que havia ficado dúbio. Os termos foram substituídos por aqueles que os jovens expressaram como sendo mais compreensíveis. Durante as entrevistas, apenas a questão sete (Todas as pessoas têm diferentes papéis sociais que constroem suas identidades. Quais são as suas identidades que navegam na internet?) suscitou dúvidas. Assim, a questão foi reescrita, ficando assim: “Todas as pessoas têm diferentes papéis sociais que constroem suas identidades. Eu, por exemplo sou: esposa, professora, pesquisadora, filha, etc.. Então...quais identidades de _____navegam na internet?” (sendo a lacuna preenchida com o nome do respectivo entrevistado).

Foram realizadas 19 entrevistas – sendo seis presenciais e treze via MSN – que, para manutenção do sigilo da identidade dos respondentes, serão identificadas no decorrer deste documento pela codificação: letra “E” junto com o número de ordem da entrevista. Sendo assim o entrevistado de número um é o (E1), o de número 2 é o (E2) e assim sucessivamente. As entrevistas presenciais ocorreram em salas de estudo em grupo da faculdade dos entrevistados, iniciando às 17:30h ou 18:00h – antes do horário de início das aulas dos graduandos. As entrevistas foram gravadas em fitas K7 com o consentimento dos internautas. As entrevistas via msn, em sua maioria, ocorreram após às 23:00h ou durante horário de almoço dos jovens, pois os entrevistados, apesar de mostrarem-se interessados, não tinham disponibilidade de tempo para encontro presencial, por trabalharem pela manhã e tarde e estudarem à noite.

Este aspecto deve ser enfatizado, pois, segundo Haguette (1992, p.88)

As afirmações de natureza subjetiva estão sempre imersas em reações que devem ser levadas em conta: o estado emocional do entrevistado, suas opiniões, suas atitudes, seus valores que devem ser confrontadas ou complementadas [...] dentre outros fatores com as expressões “não-verbais.

Isto pôde ser observado na prática, quando, durante uma das entrevistas, o respondente faz uma solicitação, para sentir-se mais à vontade, que foi prontamente atendida: “Tem foto não (...) aí parece que tô falando com a senhora realmente”(E9). A ausência física

dos entrevistados e a indisponibilidade de web cam não permitiram a percepção destes aspectos não verbais, o que não comprometeu, todavia, o processo de pesquisa.

Além disto, Haguette (1992, p.90) aponta a importância de considerar a “fluência ou facilidade de expressão” do entrevistado. Neste caso, é preciso observar que expressar-se de forma escrita, para algumas pessoas, pode diminuir sua fluência, além de que o entrevistador perde a oportunidade de captar momentos de impulsividade do entrevistado que, todavia, são substituídos por uma reflexão mais atenta a cada questão respondida. Para trazer maior proximidade ao processo de pesquisa, as citações retiradas das entrevistas não presenciais, conservam as especificidades de um diálogo virtual (a exemplo de AXO = acho; VC = você, etc.), tendo sido alterado somente o que comprometia a compreensão, mas que não interferiu na essência das idéias e, tampouco, no reflexo das personalidades dos entrevistados.

Para escolha dos entrevistados, atentou-se para o fato de que, hoje, a internet é utilizada por pessoas de diferentes raças e classes sociais. A imagem que se tem deste meio de comunicação varia de acordo com suas histórias, assim, foram escolhidos alguns critérios para definir entrevistados que pudessem responder à problemática da pesquisa. O primeiro critério foi entrevistar jovens, sendo que a idéia de “juventude” foi determinada pela **idade**, de 15 a 29 anos, de acordo com a Secretaria Nacional de Juventude. Esta faixa etária corresponde a 48,5% de pessoas que “utilizaram a internet no período de referência nos últimos três meses” (IBGE, 2005).

O segundo critério considerou a **freqüência de uso da internet** de acordo com a pesquisa “Juventudes Brasileiras” da UNESCO (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006). Este critério justifica-se por se pressupor que o uso freqüente traz um maior conhecimento e aproveitamento da tecnologia. Foram priorizadas, assim, faixas etárias que mantêm maior constância de uso, correspondendo ao intervalo entre 18 e 29 anos de idade. Os dados apontam que em torno de 40% dos jovens usam o computador diariamente ou algumas vezes na semana, nesta faixa etária. Apesar de não ser especificado, pressupõe-se também o uso da internet nesta rotina.

A mesma pesquisa mostra que as pessoas desta faixa etária têm um uso variado do computador e conhecimento em informática. Constatou-se que a maioria não sabe usar

o computador ou sabe apenas o básico. Acredita-se que a importância que a internet tem para o jovem vai variar, dentre outros fatores, de acordo com o conhecimento que se tem da mesma e do reflexo que esta utilização tem em suas vidas. Assim, foi necessário incluir mais dois critérios, para garantir que os entrevistados tenham um mínimo de envolvimento com a rede:

1. Foram entrevistados universitários, para aprofundar entrevistas com pessoas que usem a internet rotineiramente. Na universidade, a iniciação ao uso da internet torna-se cada vez mais comum - como, por exemplo, para fonte de pesquisa - o que força o contato do jovem com esta tecnologia. Além disto, “(...) as universidades são os principais agentes de difusão de inovações sociais porque geração após geração de jovens que por ali passa, conhecem novas formas de pensamento, administração, atuação e comunicação e se habitua a elas.”(CASTELLS, 1999, p. 440). Isto pode ampliar as perspectivas de uso da internet. Além disto, o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2007, p. 150-152) mostra que o uso cresce, proporcionalmente, aos anos de estudo, assim, destaca que apenas 9% dos analfabetos acessam a rede; 34% de estudantes de ensino fundamental, 64% dos alunos de ensino médio enquanto 85% dos universitários, sendo que entre estes último 72% acessam diariamente; 23% pelo menos uma vez na semana; 4% pelo menos uma vez por mês e 1% menos de uma vez por mês.
2. Considerou-se, ainda o risco de, mesmo entre universitários, o conhecimento sobre o ciberespaço ser limitado - apenas para e-mail ou pesquisa acadêmica em sites de busca, por exemplo. Diante disto, decidiu-se entrevistar jovens universitários, que o curso/profissão têm as TICs como base central: o de redes de computadores. Apesar de outros cursos - como software, análise de dados, ciência da computação, sistemas de informação - também terem a internet como base central, a presença da pesquisadora como professora da faculdade e do curso em questão durante todo o processo da pesquisa, garantiu maior acessibilidade aos entrevistados. Além disto, a formação em redes de computadores torna o aluno apto a projetar e gerenciar redes e, neste caso, a internet que é o foco desta pesquisa, é uma rede mundial. Hoje, a cidade de

Salvador possui apenas dois cursos de graduação em redes de computadores, ambos em instituições privadas.

Sentiu-se, ainda, a necessidade de conhecer previamente os hábitos e as finalidades de uso que estes jovens têm da internet, a fim de se verificar se adequavam-se ao objetivo da pesquisa para, a partir daí, escolher aqueles a serem entrevistados. Diante desta variável, a pesquisa quantitativa apareceu como uma demanda, sendo formulado um questionário (ver APÊNDICE B) que foi aplicado ao universo dos alunos do curso de redes de computadores. Considerou-se a orientação de Minayo et al (2005, p.143) para quem “construir um bom questionário, é necessário que sejam definidos, de forma clara, os objetivos e os métodos de análise que serão utilizados para se atingi-lo. Este arcabouço especifica as questões que comporão o questionário”.

O questionário elaborado contemplou três tipos de questões (abertas, fechadas e mistas) e levou em conta as características apontadas pela supracitada autora, de que nas questões abertas, por vezes, os “respondentes não possuem informação precisa e a estimam” (2005, p.147); e, que, nas questões fechadas “as alternativas devem ser coletivamente exaustivas e mutuamente exclusivas (2005, p.146) e ainda que as questões mistas “são elaboradas com o objetivo de garantir a exaustão de todas as possibilidades frente ao tema tratado” (2005, p.148).

Depois de finalizado, o questionário também passou por processo de validação a exemplo do que foi feito com o roteiro de perguntas para as entrevistas; ficando, em seu formato final, dividido em três partes:

- O **perfil demográfico**: gênero, idade, profissão, estado civil, escolaridade e classe social. Quanto a esta última característica, a questão é mista e os pesquisados se auto-classificaram.
- O **perfil inicial do internauta**: Principal (is) local (is) de acesso à internet, frequência de uso, média de horas por acesso, sites mais frequentes, ano de primeiro acesso à internet, posse de site pessoal, blog, fotolog, perfil no orkut.
- **Conhecimento e uso de ferramentas e possibilidades oferecidas pela internet**: com objetivo de mapear, entre os possíveis entrevistados, diversidade de uso e utilizações que se aproximavam do objeto de pesquisa.

Na primeira semana de maio de 2008, os questionários foram aplicados ao universo que corresponde a 234 alunos de curso de redes de computadores através de seus professores. Destes, 154 foram respondidos. Os questionários foram auto-preenchidos pelos alunos, “essa modalidade tem como vantagens, o fato de se poder atingir um grande número de pessoas. (...) No entanto, observa-se baixa taxa de retorno” (ASSIS; DESLANDES; MINAYO; SANTOS, 2005, p.150). Assim, foi essencial que a maior parte das questões fosse fechada, pois “apresentam facilidade e rapidez no ato de responder” (ASSIS; DESLANDES; MINAYO; SANTOS, 2005, p.146).

Em seguida, foram considerados alguns critérios para consolidar a amostra a ser entrevistada:

- Disponibilidade de algum dos meios de contato solicitado na parte 2 do questionário (email, orkut, site pessoal, blog, fotolog). 32 pesquisados não colocaram meios de contatos.
- Maior quantidade de uso de ferramentas e possibilidades oferecidas pela internet (na parte 3 do questionário) e correspondência direta destas com problema de pesquisa.
- Variedade de idade entre 18 e 29 anos. Sendo que dois não responderam a esta questão e 42 estavam acima de 29 anos.

Apenas 78 estavam entre 18 e 29 anos e disponibilizaram endereço de email, blog, fotolog, site pessoal ou orkut – impedindo o acesso aos demais para entrevista. Destes, nem todos estavam legíveis e seis pesquisas foram anuladas. Assim, 72 questionários foram analisados quantitativamente.

Para a pesquisa qualitativa, a seleção inicial foi composta de 32 pessoas a serem entrevistadas. Foi elaborada e enviada carta convite com retorno de apenas duas pessoas. Uma segunda seleção foi feita e foram enviados mais 28 cartas convites com retorno de apenas uma pessoa. Alguns endereços estavam incorretos no questionário, os demais convidados não deram retorno. A partir de então, procurou-se pessoalmente nos corredores da faculdade aqueles que haviam respondido ao questionário e que disponibilizariam a participar da entrevista.

A elaboração da carta convite (APÊNDICE C) e de um texto padrão para o início das entrevistas (APÊNDICE D), foi um momento cuidadoso do processo no qual se observou as considerações de Haguette (1992) sobre aspectos que podem interferir na qualidade dos dados obtidos por parte do entrevistado como:

a) motivos ulteriores, ou seja, quando ele pensa que suas respostas podem influenciar positivamente sua situação futura (dentro de uma fábrica ou organização, por exemplo); b) quebra de espontaneidade, como a presença de outras pessoas por ocasião da entrevista ou inibições ocasionadas por certas características dos entrevistados como sexo, raça, educação, classe social (fatores reativos); c) desejo de agradar o pesquisador, especialmente quando ele percebe suas orientações ou posicionamentos; d) fatores idiossincráticos, tais como fatos ocorridos no intervalo entre entrevistas que eventualmente alteram a atitude do entrevistado com relação ao fenômeno observado(...) e) conhecimento sobre o assunto da entrevista(...) (HAGUETTE, 1992, p.89-90)

Como 17 entrevistados eram ou foram alunos do entrevistador, houve a preocupação de apontar na carta convite: 1) o objetivo da pesquisa, desvinculando-a de quaisquer ganhos no âmbito professor-aluno; 2) os critérios de seleção dos entrevistados e a importância de serem alunos de um curso ligado às TICs, estando assim capacitados para a temática proposta e esclarecendo a impessoalidade da escolha; 3) a liberdade de escolha de horário, dia e meio de entrevista, para garantir uma atmosfera confortável ao jovem; 4) a manutenção de sigilo de suas identidades, para maior espontaneidade e segurança de respostas no processo de entrevista.

Como a carta convite foi enviada para alguns com mais de uma semana de intervalo de tempo, em relação ao momento das entrevistas, o texto padrão no início das mesmas teve o objetivo de reforçar os pontos acima citados e fizeram parte tanto dos contatos presenciais como via msn.

O perfil demográfico dos 72 jovens que participaram da pesquisa quantitativa aponta que todos são graduandos de redes de computadores, sendo que 1,3% já finalizou outro curso universitário, possuindo, assim, nível superior completo e os outros 98,7% está cursando a primeira faculdade. 88,9% são solteiros e 11,1% casados. 93% são do gênero masculino e apenas 5,6% do gênero feminino, o que é uma característica comum nos cursos voltados à tecnologia (1,4% não respondeu à questão). Quanto à classe social, 40,3% considera-se de classe média, 8,3% percebem-se de classe média alta, 45,8% de classe média baixa e 5,6% apontam-se de classe baixa (1% não respondeu à questão).

Temos a segmentação a seguir de idade: 18 anos (1,4%); 19 anos (5,6%); 20 anos (16,7%); 21 anos (9,7%); 22 anos (8,3%); 23 anos (8,3%); 24 anos (4,2%); 25 anos (16,7%); 26 anos (6,9%); 27 anos (6,9%); 28 anos (11,1%) e 29 anos (4,2%). (APÊNDICE E)

Enquanto internautas, o perfil dos 72 entrevistados diz que 89% utilizam a internet diariamente, 9,7% algumas vezes por semana e apenas 1,3% acessa raramente; Quanto ao início do uso da internet, 2,8% começou no ano de 1992; 4,2% no ano de 1994, 12,5% no ano de 1995; 9,7% no ano de 1997; 13,7% no ano de 1997; 15,3% no ano de 1998; 15,3% no ano de 1999; 12,5% no ano 2000; 4,2% no ano 2003; 2,8% no ano 2004 (4,8% não responderam e 2,8% são nulos). Percebe-se um aumento no número de acessos entre 1998 e 2000, correspondendo a 43,1% dos entrevistados. (APÊNDICE F)

Quanto ao local de acesso, a “lan house” é o local menos comum, apenas 2,7% dos respondentes navegam na internet neste local. Os infocentros são freqüentados por 11,1% dos entrevistados. Os locais de acesso mais comuns são a casa com 91% dos entrevistados, seguido de faculdade (83,3%) e trabalho (75%). Considerando que 51,7% trabalham em áreas ligadas à tecnologia, compreende-se a grande percentagem de jovens que acessam neste último local. A casa e o trabalho são os locais em que as permanências são mais demoradas (a partir de 6h). A faculdade, diferente do esperado, é um local de acesso rápido, tendo em vista que 62,5% permanecem na rede até no máximo 1h (APÊNDICE G)

O presente trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro, descreve a condição contemporânea da globalização observando os principais reflexos desta na vida das pessoas, evidenciando a necessidade de conhecer e participar do mundo global. Apresenta, também, a internet como ferramenta de acesso a esta nova condição, ao permitir a quebra de barreiras espaço-temporal, o que possibilita acesso a referências, que não se restringem ao entorno local e que contribuem para a formação de significados por parte das pessoas.

O segundo capítulo introduz a internet como espaço de possibilidades em que são oferecidas novas oportunidades de ação, mas também novos riscos. Se de um lado ela dá oportunidades ao internauta como: interatividade, sensação de segurança, anonimato,

relações virtuais, etc., por outro, traz perigos como vícios e crimes etc.. Por último, é feita uma reflexão comparativa entre a rede e a televisão a partir dos temas: comportamento, opinião pública e poder de escolha. Cabe esclarecer que não se pretende ajuizar um valor a esta nova tecnologia, mas indicar que, assim como ocorreu com a televisão, a polêmica e discussão são fundamentais para conhecer e descobrir a utilidade e conseqüências deste novo paradigma.

O terceiro capítulo reflete sobre as novas formas de relacionar-se, expressar-se e produzir, ser ou não ser internauta, tornar-se característica de uma nova geração (a geração @) que utiliza a tecnologia para suprir suas necessidades. Mostra, ainda, que jovens vêm a internet como meio de suprir demandas relacionadas à vulnerabilidade, relacionamento, uso fakes como meio de fuga e mobilidades de papéis sociais.

O quarto capítulo sinaliza que o aproveitamento das possibilidades oferecidas pela rede depende da cultura, educação, história e interesse de cada um, esclarecendo a ineficácia de projetos da inclusão digital, caso as ações para alcançá-la focalizem apenas em dar acesso a técnicas sem oportunizar um conhecimento autônomo da tecnologia. E, por fim, no capítulo seis, são apresentadas as conclusões.

Para uma melhor dinâmica de leitura e compreensão da relação entre a prática e a teoria da temática abordada, optou-se por desenvolver o diálogo entre as referências bibliográficas e os dados obtidos nas pesquisas qualitativa e quantitativa durante todo o documento, não tendo sido reservado um capítulo separado para análise de dados e outro para o estado da arte.

2 INTERNET: ACESSO A SIGNIFICADOS EM NÍVEL GLOBAL

Uma das conseqüências da globalização é que o local e o global se influenciam mutuamente, refletindo, mesmo quando se trata de fatos, aparentemente, distantes, na vida das pessoas. A internet é um meio de comunicação que reafirma e colabora, apesar de não determinar, na quebra de fronteiras e propõe novas questões concernentes às relações sociais, rotina e ao desenvolvimento individual, ao oferecer fontes de significados pelos contatos com pessoas e informações que ultrapassam o espaço local. Sobre este aspecto, afirma Feixa, (2000, p. 9) que “com a emergencia do espaço ‘global’ e do ‘ciberespaço’, os territórios se ‘desespacializaram’, reduzindo a influência do meio geográfico de origem na configuração das identidades sociais”, discussão que será apresentada ao longo do capítulo.

2.1. A INTERNET E A CONTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS

Depois das revoluções industriais dos séculos XVIII e XIX, que se destacaram respectivamente pela substituição de trabalhos manuais por máquinas - a exemplo da máquina a vapor - e pelo desenvolvimento da eletricidade, no século XX, teve início uma nova revolução: a das tecnologias de informação e comunicação, com características peculiares em relação às anteriores.

Castells (1999) esclarece estas características: 1) a informação como matéria prima, sobre a qual devemos agir. 2) penetrabilidade de seus efeitos, tendo em vista que “a informação é parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora com certeza não determinados) pelo novo meio tecnológico” (CASTELLS, 1999a, p.108); 3) flexibilidade, permitindo a reversibilidade de processos; 4) lógica da redes, que permite a flexibilidade e 5) a “convergência de tecnologias específicas num sistema altamente integrado(CASTELLS, 1999a, p.109)”, que une entre si a microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicação/radiodifusão, optoeletrônica e outros. Desse modo, a internet é uma tecnologia de informação que, aos poucos, está plasmando as atividades cotidianas das pessoas, atribuindo novos significados às suas rotinas; a

exemplo do uso em bancos, mercados, celulares, escolas, empresas privadas e do governo.

Lévy conceitua o ciberespaço como:

o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY,1999, p.17).

E a cultura que se desenvolve com o surgimento do ciberespaço, ele chama “cibercultura”. Apesar destes conceitos de Lévy (1999), propor um conceito conclusivo do que é a rede, provavelmente seria uma tentativa frustrante. Acredita-se que sua atualidade impede abarcar a totalidade de suas características, assim como suas conseqüências. Frustrante, também, porque a presente pesquisa partiu do pressuposto de que “nossas crenças sobre a internet podem ter conseqüências importantes sobre a relação que tenhamos com a tecnologia e sobre as relações sociais que construímos através dela” (HINE, 2004, p.17)⁷. Assim, a rede, não “é” simplesmente, ela “É” para alguém - e para uma coletividade - de alguma forma, por algum motivo.

Nesse contexto, compreende-se a definição da internet como um artefato cultural, “um produto da cultura, enfim: uma tecnologia que foi gerada por pessoas concretas com objetivos e prioridades contextualmente situados e definidos e, também, conformada pelos modos em que foi comercializada, ensinada e utilizada”. (HINE, 2004, p.19).

Um artefato cultural, para evitar qualquer confusão, pode ser claramente definido como um repositório vivo de significados compartilhados, produzido por uma comunidade de idéias. Um artefato cultural é um símbolo de comunidade (no sentido não violento, não religioso, da palavra) de pertinência e possessão. Um artefato cultural torna-se infinitamente mutável e gera muitas auto-referências e narrativas mútuas de definição ao invés de criar uma linha mestra única. (SHAH, 2005)⁸

⁷ Nuestras creencias acerca de Internet pueden tener consecuencias importantes sobre la relación individual que tengamos con la tecnología y sobre las relaciones sociales que construyamos através de ella.

⁸ A cultural artefact, to avoid any confusion, can be clearly defined as a living repository of shared meanings produced by a community of ideas. A cultural artefact is a symbol of communal (in the non-violent, non-religious sense of the word) belonging and possession. A cultural artefact becomes infinitely mutable and generates many self-referencing and mutually defining narratives rather than creating a master linear narrative.

Na afirmação de Shah(2005), dois pontos merecem esclarecimento: a mutabilidade infinita e o repositório vivo de significados. A mutabilidade infinita se refere à sobrevivência e desenvolvimento da internet, enquanto artefato cultural dependente da ação humana, a informação é apenas matéria-prima (CASTELLS, 1999) e a atuação individual das pessoas sobre ela e o seu intercâmbio de informações permitem a existência de uma “inteligência coletiva” (LÉVY 1998). Por isso, a rede é caracterizada pela velocidade, onde nada pode ser definido como eterno, e universalidade que consiste, justamente, em acolher o diverso, afastando-se da unicidade. Dessa maneira, cada um apreende um significado da rede.

A formação de significados, por sua vez, influencia na construção da identidade humana. Este processo é contínuo e iniciado a partir do nascimento, pois quando começamos a interagir com o mundo, apreendemos diversos signos o tempo todo. A palavra signo vem do latim *signum* e sinaliza a idéia de representar. Em termos comunicacionais, Pereira (2005, p.44-46) explica que o signo possui duas partes: 1) significante, algo que atinge os sentidos, que se toca, ou se vê, ou se ouve, se cheira ou se sente o sabor e 2) o significado, parte inteligível do signo que atribui um conceito, uma idéia. Associamos uma idéia a cada objeto/pessoa com a qual interagimos. Assim, quando acessamos a internet e temos contato com textos, sons e imagens da inteligência coletiva, vivemos um processo comunicacional que ocasiona a construção de significados. (E10) explica que a rede lhe traz benefício por poder: “(...) ampliar a visão das coisas que nos cercam, o poder de crítica e argumentação também”.

Construímos significados a partir de nossas experiências, elaborando nosso entendimento do mundo em que vivemos, sendo que cada um de nós gera percepções próprias, nossos próprios modelos mentais para que nossas experiências ganhem sentido. O conceito de “modelos mentais” foi criado pelo psicólogo Kenneth Craik, como um modelo de realidade construído por nossa mente em pequena escala, a partir das nossas percepções, para explicar o mundo e antecipar eventos (JOHNSON; BYRNE, 2000), o que colabora no processo de interação com o mundo. Pressupõe que não existe uma realidade única e objetiva. Sobre este aspecto, Guimarães esclarece que:

aquilo que chamamos de realidade não é exatamente a realidade, e sim, nossa construção da realidade. Essa construção é determinada pelo momento

histórico que vivemos, pela região em que moramos, pelos estímulos que recebemos do nosso grupo social e pela nossa própria personalidade (...) Como a percepção varia, os modelos mentais variam junto (GUIMARÃES, 2008, p.47.)

O ciberespaço, enquanto “repositório vivo de significados”, interfere na construção dos modelos mentais dos internautas, ao permitir que estes formem percepções próprias das suas experiências e comunicações na rede. “Às vezes acreditamos em algo, mas não temos como saber se é verdade ou não e com a ajuda da internet podemos comprovar se estamos certos ou enganados (...)” (E9).

Cada pessoa, a depender do uso que faz da rede, individualiza-se e cria um significado da mesma para si. Viver experiências que trazem novos significados e compreensões de si e do mundo, colabora no processo de construção do ser.

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados (...). Constituem fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individualização. (CASTELLS, 1999, p. 22-23)

Hoje, o ciberespaço parece apresentar-se como um dos atributos culturais que colaboram no processo de construção de identidade, pois “todos nós nos tornamos humanos através da interação com outros, e nela adquirimos uma personalidade, aprendemos como nos adaptamos em sociedade e organizar nossas vidas.(...) nossas experiências sociais influenciam o que nos tornamos.” (TURNER, 2000, p.75-76) e a rede ganha ênfase por possibilitar interações e percepções em nível global, como será visto a seguir. Conhecer os significados da internet para os jovens a partir do seu uso é, portanto, refletir sobre a interferência das TICs no desenvolvimento da juventude e do futuro da história.

2.2. A CONDIÇÃO GLOBAL DA CONTEMPORANEIDADE.

Na contemporaneidade, cada pessoa ou grupo recebe influência direta ou indireta de situações, contextos ou relações que acontecem, não somente ao seu redor, mas em locais, que por vezes desconhecem. O governo brasileiro pode decidir adotar uma

política social específica em prol de grupos subalternizados, negros, deficientes, etc., ao perceber que esta é uma tendência que vem sendo adotada em outros países. Um trabalhador pode receber proposta de atuar a quilômetros de distância do Brasil. Pessoas podem se interessar em saber sobre a cultura africana, por terem conhecido um habitante do país via web. Assim, nota-se que questões globais e contextos locais influenciam-se mutuamente. As fronteiras territoriais de Estados-Nação, igualmente, já não limitam o espaço de influência externa do âmbito político, cultural, econômico e social sobre um país e as relações sociais das pessoas.

Essa nova condição contemporânea é uma constituinte da globalização: “a intensificação das relações sociais em escala mundial, que liga localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa” (GIDDENS, 1991, p.69). A globalização, assim, permite a ocorrência de relações sociais dinâmicas entre pessoas nos mais diversos e distantes locais, através da quebra de barreiras geográficas e temporais viabilizada pelo avanço industrial e conseqüente desenvolvimento de meios de comunicação e transporte. Giddens explica, ainda, que esta nova dinâmica é conseqüência de três fatores: 1) “Separação do tempo e do espaço”; 2) “Desencaixe dos sistemas sociais”, e 3) “Reflexividade das relações sociais”.

Tempo e espaço se separam, quando se tornam independentes. Isso acontece com o tempo, quando o ser humano deixa de mensurá-lo através de marcadores sócio-espaciais ou de ocorrências naturais regulares (como o pôr-do-sol) e cria marcadores que trazem a “uniformidade da organização social do tempo” a exemplo do relógio. O espaço, por sua vez, torna-se independente, quando seu conceito é dissociado da idéia de lugar (localidade física). No lugar, o contato entre pessoas é condicionado pelas suas presenças físicas num mesmo momento, mas o processo de globalização “arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros ‘ausentes’, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face”. (GIDDENS, 1991, p.27).

Um dos resultados deste processo é o “desencaixe dos sistemas sociais” que é a possibilidade de interação entre pessoas mesmo que elas estejam fisicamente distantes, fora do mesmo local. Relações sociais têm como base a troca de informações e como

conseqüência a “reflexividade” na vida social que “consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”. (GIDDENS, 1991, p.45)

Diante desses três fatores, percebe-se a característica contemporânea de que o local e o global podem se influenciar mutuamente, através das relações de desencaixe, devido ao distanciamento espaço-tempo, tendo como conseqüência a reflexividade. (E14), que faz sua graduação em redes de computadores em Salvador, indica essa influência em sua vida: “moro em Dias d'Ávila perto de Camaçari. É um pouco longe de Salvador. Fiz variadas inscrições em vestibulares pela internet, já fiz compras de produtos que não são vendidos por aqui e várias outras coisas”.

Essa nova possibilidade de relações é proporcionada pela globalização, que por sua vez é reflexo de processos econômicos, culturais e políticos e subsidia as mais diversas relações humanas. Dessa forma, quando o acesso a informações e as interações humanas se deslocam do local para o global, reflete uma série de conseqüências, como: trabalhos e relacionamentos à distância, conhecimento de novas culturas, perda de autonomia de autogestão dos Estados-Nação, acesso a uma gama maior de informações, etc.. A partir do momento que as pessoas têm acesso a novos contextos culturais e sociais, têm contato com referências diversificadas, podendo mudar os próprios indivíduos nas suas formas de ser e se comportar, o que reflete na auto-imagem e identidade.

2.3. INTERNET: QUEBRANDO BARREIRAS NA GLOBALIZAÇÃO

A internet é a consolidação máxima da globalização no que tange a quebra de barreiras geográficas, encurtamento de distâncias e possibilitando interação em tempo real mesmo que a ausência física seja suplantada pela presença virtual. Ações feitas neste novo espaço se desdobram no espaço físico tradicional, pois ela influencia reflexivamente a vida das pessoas que têm, mas também as que não têm, acesso nos mais diversos campos. “(...)a visão da pessoa muda em relação ao mundo. Por que na internet você pode acessar tudo, qualquer tipo de conteúdo. Você pode acessar o mundo pela internet. A sua visão amplia”.(E2). (E15), por sua vez, considera que viver sem internet: “É como se ver o mundo do lado de fora.... Não consigo ficar muito tempo sem

internet, isso já virou rotina em minha vida, posso dizer que me sentiria incomunicável sem ela”. Nessa mesma perspectiva, afirma (E8): “A internet acabar com as extensões geográficas, permite que eu preste serviço a uma empresa em Ilheus sem mesmo nunca ter ido lá”.

“Hoje, o direito à comunicação é sinônimo de direito à comunicação mediada por computador. Portanto, trata-se de uma questão de cidadania” (SILVEIRA, 2003). Alguns anúncios de trabalho solicitam envio de currículo apenas por endereço eletrônico (via internet), a educação à distância já é uma realidade e emergem novos “espaços” de sociabilidade digital, a exemplo de chats, sites de relacionamento, fóruns on-line. Notícias apontam:

- Dados do orkut estão em risco. Ministério Público pede quebra de sigilo e investigará comunidades⁹; (DADOS DO ORKUT, 2008)
- “Para mim, a internet é maravilhosa (...). Pelo computador, eu faço meus trabalhos de escola e pesquisas. Hoje chega a ser fundamental”, diz Mariana Maester, deficiente visual em entrevista ao Laboratório de Inclusão digital e educação comunitária¹⁰ (ASSOCIAÇÃO PROMOVE, 2006)
- A Associação Quilombo de Ivaporunduva, no Vale do Ribeira (SP), ganha licitação para fornecer banana nanica para merenda escolar. Um dos únicos canais de comunicação da comunidade é o programa Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão (GESAC), que possibilita conexão via satélite da rede.¹¹ (QUILOMBOLAS CONECTADOS, 2006)

Os jovens graduandos em redes de computadores que foram pesquisados adotaram a internet em sua rotina. Eles a utilizam para as mais diversas atividades. Sem sair da

⁹ A matéria completa está disponível em: http://www.juspodivm.com.br/noticias/noticias_711.html

¹⁰ A matéria completa está disponível em <http://www.acessasp.sp.gov.br/html/modules/news/article.php?storyid=167>

¹¹ A Matéria completa está disponível em <http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/noticia/quilombolas-conectados-a-internet-vencem-licitacao-em-sao-paulo/>

frente do computador eles conhecem pessoas, divulgam seus trabalhos e fazem pesquisas sem precisar ir para uma biblioteca, lêem jornal sem terem que ir numa banca comprar; Relacionam-se com outras pessoas, por vezes desconhecidas, e tratam de assuntos de interesse comum, ou assuntos polêmicos. Do mesmo modo, não precisam mais ir a cinemas para ver filmes, pois baixam séries que, em alguns casos, ainda não chegaram nem nas locadoras e jogam com amigos sem precisarem do contato presencial; Fazem pagamentos e compras “delivery”, sem precisarem se deslocar.

As finalidades de uso apontadas no questionário de pesquisa serão apresentadas a seguir e variam entre os pesquisados, mas, cabe esclarecer que, todas elas possuem ao menos um adepto, isto mostra que os jovens se permitem à reflexividade global intermediada por essa nova tecnologia, cada um com sua individualidade. (E16) reconhece que a rede lhe trouxe muitas oportunidades: “Já fechei negócios, comprei produtos em São Paulo, que não encontro aqui em Salvador (...)”. (E9) acha que é um ótimo meio de fazer novas amizades: “(...) tenho liberdade de conhecer outras culturas sem ter de sair de casa. Já conheci primeiro a pessoa pela internet depois viajei até lá(...)é uma experiência única que só foi possível através da internet”.

Mais do que oportunidades de fazer novas ações, alguns jovens assumem que a internet influencia suas visões sobre o mundo, como: (E14) que diz que ali é onde ele forma “opinião diante de assuntos do dia-a-dia” e (E7) concorda: “a pessoa crê em uma coisa e ao ler, navegar, ela encontra outro jeito de vê a mesma coisa que ela acredita”.

As finalidades de uso que os respondentes fazem da internet são apresentadas na tabela abaixo. Seja em maior ou menor grau, percebe-se que todas as ações listadas estão ligadas à quebra de barreiras físicas pela tecnologia.

Tabela 0 2 - FINALIDADE DE USO DA INTERNET

1-Usa Internet para este fim?	sim	Não
Conhecer pessoas	62,3%	33,7%
Conhecer pessoas de país/estado/cidade diferentes da sua	50%	50%
Conhecer pessoas com interesses iguais aos seus	75%	25%
Conhecer lugares diferentes	79,2%	20,8%
Manter contatos pessoais	88,9%	11,1%
Manter contatos profissionais	97%	7%
Divulgar seu trabalho	63,3%	34,7%
Divulgar coisas que você produz	51,9%	48,1%
Fazer pesquisa profissional (trabalho/estudo)	100%	-

Fazer pesquisa pessoal	95,8%	4,2%
Pesquisar em sites de busca	97%	3%
Pesquisar pessoas que conhece (em orkut, blogs, fotolog, etc...)	63,9%	36,1%
Tratar de assuntos polêmicos e/ou íntimos	44,4%	55,6%
Participar de fóruns	81,9%	18,1%
Enviar e-mail	100%	-
Participar de chats	50%	50%
Usar MSN	95,8%	4,2%
Ler notícias	95,8%	4,2%
Acessar comunidades virtuais	90,3%	9,7%
Entretenimento	86%	14%
Baixar filmes e séries	84,7%	15,3%
Baixar programas	98,6%	1,4%
Baixar Música	95,8%	4,2%
Baixar livros	69,4%	30,6%
Baixar jogos	84,7%	15,3%
Jogar	62,5%	37,5%
Navegar no “Second life”	9,7%	90,3%
Navegar no site “ You tube”	77,8%	22,2%
Acessar blogs	40,3%	59,7%
Acessar fotolog	31,9%	68,1%
Acessar site “My space”	18%	82%
Acessar serviços on-line oferecidos pelo governo	81,9%	18,1
Enviar imposto de renda	66,7%	33,3%
Acessar serviços de software livres	90,3%	9,7%
Realizar compras	72%	28%
Realizar vendas	41,7%	58,3%
Fazer transações bancárias	68,1%	31,9%
Telefone via Internet	59,7%	40,3%
Participação em movimentos políticos/sociais/ambientais, etc.	22,2%	77,8%
Informações sobre atividades hackers e crackers	76,4%	23,6%
Acessar sites de conteúdo sexual	62,5%	37,5%

A internet influencia o internauta e seu cotidiano, dessa maneira, as ações deles, na rede, refletem e transformam o mundo global. Na esfera econômica, a exemplo, aqui representada pelos 72% dos graduandos que fazem compras e pelos 41,7% que fazem vendas pela rede mundial; além dos 68,1% que realizam transações bancárias. Este fato parece esclarecer porque muitas lojas inauguraram estabelecimentos virtuais para atender a esta demanda. Um exemplo é o “www.mercadolivre.com.br” que serve como uma feira global onde o internauta pode vender e comprar qualquer tipo de mercadoria.

Mas as transformações econômicas que acontecem devido às ações dos internautas na rede podem ser ainda mais profundas:

No futuro é possível que os sistemas eletrônicos de distribuição da informação sejam uma ameaça para as livrarias e editoras convencionais(...). A venda de livros é umas das formas de comércio virtual de maior êxito em

termos de volume de vendas. Em vez de desprezar os livros, a internet tem contribuído enormemente para sua distribuição. (HINE, 2004, p.12)¹²

Os internautas entrevistados esclarecem que o ciberespaço é um meio de conseguir as coisas de forma rápida e gratuita. 87,4% dos jovens pesquisados baixam filmes e seriados; 69,4% baixam apenas filmes e 95,8% deles fazem “download” de músicas. O motivo parece óbvio: por que pagar R\$ 20,00 em um CD, se é possível adquiri-lo gratuitamente? Questionado sobre coisas que não fazia antes e que passou a fazer por ter acesso à internet, (E13) exclama: “economizar bastante com cds musicais...agora é só baixar!”

Como conseqüência, a indústria fonográfica também passa por um momento de transformações. Artistas, a exemplo do cantor Lobão, optam pela distribuição independente (das empresas distribuidoras) de seus CDs, o que garante a queda de preço no produto final e traz a esperança de aumento de consumo, já que os artistas vendem menos discos agora que os consumidores podem baixá-los da internet (é claro que também não se pode deixar de mencionar os CDs piratas). O mercado editorial, por sua vez, teve que repensar novas estratégias para garantir a venda de seus produtos, sem, no entanto, negar a presença das TICs.

... É preciso notar que os serviços gratuitos proliferam ainda mais rapidamente [...]. Não há sentido em opor comércio de um lado e a dinâmica libertária e comunitária que comandou o crescimento da internet do outro. Os dois são complementares, para desgosto dos maniqueístas. (LÉVY, 1999, p.13)

Não só a economia tem sido modificada devido às ações dos jovens na internet, mas também os valores, auto-imagem, relações sociais, conhecimento são alvos de mudança.

O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura. Contudo, surge a questão das condições, característica e efeitos reais dessa mudança (CASTELLS, 1999, p. 414)

¹² En el futuro, es posible que los sistemas electrónicos de distribución de la información sean una amenaza para la economía de las librerías y editoriales convencionales.(...) la venta de libros es una de las formas más exitosas de comercio virtual en términos de volumen de ventas. En vez de desplazar a los libros, Internet ha contribuido enormemente con su distribución (...)

Acessar a rede significa entrar diretamente em contato com o mundo globalizado. É poder conhecer com rapidez e com multiplicidade de visão o que está acontecendo no mundo, o que pode influenciar direta ou indireta a vida das pessoas. Navegar por este mundo virtual é, também, ter a oportunidade de interferir no mundo global, de agregar valor à “inteligência coletiva” (LEVY, 1999). (E13) aponta a importância de se ter cada vez mais indivíduos construindo este espaço de influência: “a inclusão digital iria atribuir muito mais pessoas que ainda não tem acesso a internet, isso iria ajudar a me comunicar com pessoas que estão sem nenhum acesso”. (E13). Assim, pode-se constatar que, ao se ter acesso, a possibilidade de ser agente de influência e mudanças é facilitado.

3 SUPER-NET

A internet apresenta-se como um espaço de possibilidades, como explica Lévy (1996), ali as coisas existem em potência e o que vai determinar a sua concretização ou não é a ação do ser humano, sua interatividade. Assim, a existência dessas novas possibilidades não dá a garantia de que será utilizada e, muito menos, praticada apenas de maneira positiva e benéfica, para o indivíduo ou para o coletivo. Cada ação depende da imaginação e condicionamentos refletindo a identidade daquele que a utiliza. Desse modo, o ciberespaço aparece como uma:

encarnação tecnológica do velho sonho de criação de um mundo paralelo, de uma memória coletiva, do imaginário, dos mitos e símbolos que perseguem o homem. Nos tempos imemoriais, a potência do imaginário era veiculada pelas narrações míticas, pelos ritos. Eles agiam como um verdadeiro mídia entre os homens e os seus universos simbólicos. (LEMOS, 2006)

Entretanto, cabe reforçar que: 1) a ação humana é necessária para a construção e a conseqüente mutabilidade constante do ciberespaço; 2) este novo “espaço” tem como base a informação que agora está disponível para todos que por aí navegam, e 3) devido à reflexividade global, as referências não precisam ser fundadas exclusivamente por influências locais, pelas instituições primárias e secundárias.

3.1 “AGORA, COM A INTERNET, EU POSSO...”

Mas afinal quais são as possibilidades de novo que a internet oportuniza? O que se pode com ela que não se podia antes, ou que agora é possível numa perspectiva diferente? Os tópicos abaixo listados têm caráter exploratório e não representativo, mas servem para figurar algumas das possibilidades não quantificáveis. Prado (1998) expõe fatores importantes ligados ao uso da rede:

a) **Segurança** – Apesar de já existirem programas que identificam usuários, a fim de lidar com questões como preconceito e pedofilia; a rede permite a sensação de que um sujeito pode se expressar livremente, sem que, praticamente, nenhuma conseqüência

haverá em sua vida em decorrência do que foi dito. Esta sensação faz aflorar partes que ficam submergidas, devido ao policiamento do olhar do outro. A possibilidade do anonimato e de construção de identidades on-line, que dificultam a identificação da pessoa off line (fake), vêm contribuir para que os internautas sintam-se seguros ao se expressarem on-line. Na pesquisa realizada, 44,4% dos graduandos usam a rede pra tratar de assuntos polêmicos ou íntimos. Segundo Prado (1998), a facilidade de tratar destes assuntos no ambiente virtual está dentre os fatores mais importantes que a rede traz para os jovens.

(E12) diz que pela internet é capaz de efetuar perguntas que não teria coragem pessoalmente e que pela rede se sente confortável de perguntar a uma pessoa: “(...)o que fez da vida para chegar onde chegou e quais seriam as dicas que esta pessoa me daria para eu melhorar a minha(...)”. E justifica que:

(...)pela internet eu não olho nos olhos da pessoa... por isso as coisas são facilitadas... e se a pessoa não quiser responder... eu não sei o tom com que aquela pessoa disse o "não". Pode ser um simples não ou um NÃOOOO!!! e não sinto isso pela internet (E12).

b) Personalidades desreprimidas – Prado (1998) aponta que através de um grupo de usuários que se propõem a uma comunicação mediada pelo computador (CMC), é formado um suporte social que responde a necessidades das pessoas que estão com problemas de relacionamentos interpessoais causados muitas vezes por auto-estima rebaixada, timidez.

Pessoas se relacionam sem preconceitos na net, não levam em consideração minha classe social ou raça. E as pessoas se mostram mais abertas para estabelecer diálogos via net do que num ponto de ônibus. Internet é a melhor forma de se relacionar com as pessoas (E11).

A fala de (E11) demonstra que o indivíduo sente-se acolhido no coletivo.

c) Reconhecimento e Poder – As pessoas podem se sentir mais fortes quando no papel do personagem. Isto é uma saída para satisfação de necessidades psicológicas. Quando começou a usar a internet (E5) sempre usava fakes, pois acreditava que a internet era um “mundo de faz de conta”. Apesar de isto não ser mais um hábito, assume a importância da prática para o seu ego: “eu me sentia poderoso (...). Eu achava que era

mais adulto, eu acha que eu podia ter todo mundo a minha disposição... eu acreditava que tinha mais influencia com as pessoas por fingir ser um jogador de futebol”.

Segundo Prado (1998), o reconhecimento de poder e a personalidade virtual, também estão dentre os fatores mais importantes que a rede traz para o grupo de internautas que entrevistou. “As personas permitiram aos indivíduos obter reconhecimento e atingir o poder principalmente através da criação de personagens” (PRADO, 1998).

d) Criação de persona – A rede permite criar um outro eu, alterando características físicas, idade, raça, sexo. Características que talvez sejam incômodas off-line, adotando-se comportamentos que, por algum motivo, são desencorajados fora da conexão. “Na maioria dos casos, uma persona on-line é um paradoxo dela na vida real” (PRADO, 1998). Esta nova identidade é conhecida como “fake¹³” (falso). Neste caso, o mais importante é que, até então, isto não é considerado falsidade ideológica. Nos chats, por exemplo, a pessoa pode adotar uma identidade diferente a cada acesso. Se hoje se sente velho, pode apresentar-se desta forma para um bate-papo. Se ficar tocado por alguma questão social, pode adotar a identidade de “justiceiro” e se caracterizar e comportar conforme este “eu” numa discussão. Especificamente, na pesquisa realizada 55,6% dos jovens pesquisados assumem já terem utilizado “identidade virtuais diferentes das suas” ao navegarem no ciberespaço. Os jovens entrevistados justificam que os motivos para o uso desta prática são diversos e, de acordo com suas percepções, necessários.

(E13) já utilizou fake para conseguir informações sobre uma pessoa no site orkut sem deixar rastros. (E4) precisou adotar esta prática para ter acesso a sites de conteúdos proibidos para menores: “Quando eu era jovem e não podia acessar sites aí eu criava identidade falsa. (...)”. Para (E6), este foi o meio de garantir o sucesso de uma comunidade em que era o moderador, estimulando a participação dos usuários: “Usei em uma determinada comunidade da qual eu fazia parte para não parecer que era eu que tava puxando... o assunto. Mas sim pra criar um tópico, para as pessoas começarem a

¹³ Por uma questão de terminologia, no decorrer deste documento, o termo “fake” é entendido como uma identidade adotada pelo internauta, com características diferentes da sua identidade apresentada off line, seja em termos de idade, raça, personalidade, comportamento, gênero, etc., independente da finalidade. A adoção apenas de um nome diferente, mas com a preservação de características reais de identidade, não é considerado aqui como “fake” e será nomeado como “pseudônimo”, relacionando-se apenas com anonimato.

responder aqueles tópicos. E ajudou, as pessoas começaram a falar”. (E1), que é casado, foi motivado pela curiosidade de conhecer como se comportam e interagem mulheres homossexuais.

Eu já fiz isso...eu já fiz isso nem só pra brincar. Teve uma vez que eu estava de madrugada acordado, não tinha o que fazer, entrei no msn...né? E lá tinha uma pasta só de lésbica. (...)Eu fingi que era uma menina de 17 anos, querendo ter relações com outras meninas via internet, utilizando web cam. (...) Tive acesso a muitas conversas que eu não tinha acesso. (...) E eu pensei que com homem é diferente né? Mas não...duas mulheres conversam da mesma maneira que dois homens conversam, né?! Então... elas falam pornografia...essas coisas que homens conversam. (...). Eu adquiri experiência e passei meu tempo. (E1)

Apesar de não ser a favor de fakes, (E2) diz que se necessário utilizará para fugir do preconceito que os homens têm sobre as mulheres na sua área de trabalho. Ela desabafa: “meninos não gostam de falar com meninas sobre informática, por que acham que a gente não conhece. Então se eu preciso tirar uma dúvida(...) e tenho que fingir que sou homem, eu finjo que sou um homem”. Ela não acha uma prática absurda e não se surpreende que as pessoas também usem identidades falsas com ela, justifica: “Eu já espero isso na internet”.

Além destes fatores apontados por Prado (1988), outros merecem ser pontuados:

e) **Anonimato** - O anonimato reforça a sensação de que é possível navegar livremente pelas páginas da web de forma segura - apesar de já existirem programas de rastreamento. São muitas as possibilidades de ação em que não são solicitados CPF, RG e endereço, em outros casos, pode-se utilizar um pseudônimo para evitar a identificação. No WWW (world wide web), faz-se pesquisas em sites de busca e a partir daí navega-se por toda rede, conhecendo e discutindo temas, que, mais uma vez, por algum motivo, a pessoa se sentiria desencorajada, caso sua identidade fosse revelada. A rede passa a impressão, de que ao contrário do que reza a Constituição Brasileira (1988) no Art. 05 – Inciso IV, aí é permitida a livre manifestação do pensamento não sendo vedado o anonimato.

Na pesquisa em questão, 55,6% dos jovens pesquisados assumem já terem ocultado suas identidades ao navegarem no ciberespaço. (E8), apesar de condenar pessoas que

fingem ser outras através de identidades fake, confessa que a manutenção de sua identidade anônima, através do uso de pseudônimo, faz com que se sinta menos inibido. “Me faz sentir ‘sem vergonha’. Hoje eu continuo usando um pseudônimo(...): ‘Perco o amigo, mas não perco a piada’. A única diferença é que você não fica sem graça quando faz uma piada sem graça.Rsssss”(E8)

O cuidado em não se expor na rede mundial também figura nos dados da pesquisas dos jovens graduandos em redes de computadores: 65,3% deles divulgam seu trabalho na rede e 51,9% divulgam coisas que produz, entretanto nenhum dos jovens disponibilizou endereço de site pessoal ou blog (durante as entrevistas, verificou-se que 4 dos 19 jovens possuem um desses meios de divulgação). Note-se que estas são ferramentas que oferecem a oportunidade dos internautas deixarem suas idéias e seu trabalho disponível para o mundo e que a graduação em redes de computadores viabiliza o conhecimento necessário para construção de páginas pessoais e blogs, além disso, existem sites auto-explicativos que facilitam a composição destes meios de expressão, todavia, o que parece é que estes jovens preferem meios de divulgação direcionada, onde podem apresentar o que desejam, sem terem suas identidades disponíveis e acessíveis pra o mundo ou delimitando aqueles que terão acesso a seus dados, como (E2) que divulgava seu serviço de suporte apenas via orkut.

Pesquisa da Rede de Informação para o Terceiro Setor - RITS (2004), feita em um telecentro de São Paulo (em que diversas faixas etárias foram entrevistadas) aponta comportamento interessante, pois o número de pessoas que reage negativamente à possibilidade de escrever e publicar histórias e notícias na rede corresponde a 59,91%. Mas, a mesma resistência diminui com veículos de comunicação comunitários, já que 50,24% das pessoas participam ou gostariam de participar dos mesmos. A pesquisa não aprofundou características culturais da comunidade que expliquem esta tendência, talvez a novidade da internet seja um dos motivos, mas o que se analisa é que veículos comunitários não expõem o rosto do indivíduo, neste as idéias são apresentadas com a assinatura de uma organização e não de uma pessoa com um rosto e identidade. O anonimato aparece então como outro recurso disponível ao internauta.

f) **Expressão digital** – Mas para quem deseja distribuir suas idéias e manter contato com um universo de pessoas muitas vezes desconhecidas, a internet dá espaço. (E11) costuma divulgar via internet vídeos, fotos e textos que produz. Exclama: “me sinto feliz, ao ver meu trabalho e idéias sendo acessada pelas pessoas na internet. Mesmo sem ter nenhum fim lucrativo(...). O público de acesso pela internet do material feito por mim é bem maior do que publicado na vida offline”(E11)

Blogs e Fotologs são ferramentas que colaboram no direito de expressão. E-mails e mensagens instantâneas intermedeiam a comunicação entre os pontos do mundo. Apesar de não haverem disponibilizado endereço de blogs, fotologs ou sites pessoais, 100% dos internautas pesquisados se comunicam via e-mail e 95,8% usam msn. Silveira (2005, p.30), destaca que “a maioria da população ao ser privada do acesso à comunicação mediada por computador, está sendo simplesmente impedida de se comunicar pelo meio mais ágil, completo e abrangente”. Claro que só o acesso não garante a eficácia da comunicação, mas em termos de potencialidades, isto se apresenta como uma limitação ao Artigo 5º, Inciso IX da Constituição (1988) que aponta a “livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação”. No ciberespaço, as idéias dos sujeitos podem atingir um âmbito global de manifestação.

g) **Interatividade e individualidade** – a decisão é tomada de acordo com o interesse, a qualidade e a quantidade da informação que vai obter na rede. E isto acontece na velocidade de sua vontade e habilidade. (E13) diz que a interatividade vinculada a sua individualidade torna o acesso ao ciberespaço uma necessidade para sua vida. “Imagina ontem 23 horas eu precisar encontrar um livro que me explicasse sobre o padrão IEEE 802.11(...), é muito mais fácil na net”, explica (E13).

h) **Simulações** – contribuindo para pessoas físicas e jurídicas, “podemos simular de forma gráfica e interativa fenômenos muito complexos ou abstratos, para os quais não existe nenhuma imagem natural(...) pertence, portanto, a um tipo particular de *encenação*”(LÉVY, 1999, p.67). Antes de agir, pensamos. No ciberespaço, podemos pensar e simular através de diversos softwares. A criação de fakes é apenas uma das formas de simulação na rede. Outra é praticada através da multiplicidade de jogos cibernéticos que permitem diferentes níveis de interatividade e “realidade”. E observando diversas lan houses, percebe-se que não é uma demanda apenas infantil: 62,5% dos jovens graduandos em redes pesquisados jogam pela internet.

i) **Relações virtuais** - A criação de relações via internet possui características particulares que são vista como benefícios pelos internautas. A primeira característica refere-se à iniciativa na criação de relações. No mundo virtual, pode ser mais tranquilo e confortável aproximar-se para conhecer pessoas, seja por timidez ou por sentir apreensão quanto a possível reação do outro em relacionamentos presenciais. Na rede, uma situação de rejeição não tem o mesmo valor que fora dela.

Hoje é difícil você chegar pra uma pessoa presencial e dizer “oi tudo bom?”. Mas no mundo virtual é mais fácil você dizer “oi, tudo bom” e a pessoa te responder “oi tudo bem”(…) Se o outro te der uma queimada e falar “sai daqui que eu não quero falar com você” é mais fácil você ser rejeitado no virtual do que na realidade. Na vida real dói mais. No virtual você parte para outra e sabe que tem milhões de pessoas ali que podem te aceitar(…). O olhar influencia muito. Na internet não tem o olhar, que o sentido de negação é mais forte. (E5)

Ter contato com o outro sem se comprometer, antes de criar qualquer tipo de vínculo, também foi um recurso pontuado, sendo que ser reconhecido fisicamente já é visto como uma forma de comprometimento indesejado, pois não gostando da pessoa, não se quer nenhum tipo de laço, nem de simples conhecidos, como diz (E3) que se sente mais protegido com este tipo de prática e justifica:

Eu posso entrar num site hoje, conversar com uma pessoa, tentar conhecer e ver que não é o que eu quero. Se eu tô oculto posso dar um “tchau e tchau”. Agora, por exemplo... (...) aconteceu esse mesmo caso. Não gostei da pessoa, ela não era o que eu esperava... falava demais, reclamava demais, era chata. E seu eu passei meu telefone, se eu me expus a ela, ela pode ligar pra mim, ela pode me procurar. (E3)

Outro benefício apontado por um dos entrevistados combate à supervalorização da imagem, tão cultuada na contemporaneidade. As relações iniciadas primeiro no ciberespaço podem ser tidas como um meio de priorizar o interior da pessoa, suas idéias, seus caráter. É uma forma de analisar se deve ou não aprofundar a relação. Apesar de valorizar o contato presencial, (E1) acredita que:

Tem hora que você encontra uma pessoa, mas a conversa não é boa, só acha ela interessante fisicamente. Então via internet acontece o oposto, primeiro você conhece as idéias da pessoa, se for agradável, você marca um encontro pessoalmente. (E1)

Não ter que seguir a etiqueta social de estar disposto a falar ou ao menos cumprimentar alguém ao encontrar foi apontado como outra vantagem das relações em rede: “Então eu prefiro ficar off line no msn (...). Você conversa a hora que quiser, responde a hora que quiser.(...)Se a pessoa te faz uma pergunta, você faz de conta que foi no banheiro, que saiu, que ta fazendo uma coisa”(E1).

Um último ponto que agrega valor positivo aos relacionamentos virtuais é a possibilidade de conhecer pessoas em comunidades específicas, cuja temática é de interesse do internauta. Isto economiza tempo e evita desgaste nas relações. Reforça o que Prado (1998) aponta como suporte social. “Offline a pessoa quer que você se adeque a ela. ‘Meu gosto é esse, ou você faz isso ou não quero fazer o que você vai fazer’. No virtual, você acha sua comunidade e aí se sente bem porque todo mundo vai fazer o que você gosta de fazer” (E5). 75% dos jovens pesquisados utilizam a internet para conhecer pessoas com interesses semelhantes aos seus.

Pelos dados coletados e apresentados até então, fica claro que a rede oferece um novo poder: de ser, de se relacionar e expressar-se de forma diferente. Estando neste novo espaço, as pessoas têm muitas possibilidades que não seriam realizadas ou seriam feitas de formas diferentes off-line, bastando compreender, manipular e usar as potencialidades ali oferecidas.

3.2 UM POUCO DE CRIPTONITA PARA A SUPERNET

O espaço virtual não está dissociado da realidade. A perspectiva de novos recursos não é exclusiva de prazeres e benefícios individuais e coletivos, a estes agregam-se conseqüências negativas que também devem ser consideradas, como: vício pela internet, crimes cibernéticos e violência (nos jogos eletrônicos). A primeira se destaca pela discussão acerca do caráter patológico. A segunda e terceira pela repercussão sobre a vida e riscos sociais. Sobre estes aspectos, Young observa que :

a tecnologia está mudando a natureza dos problemas que as pessoas estão tendo ao usá-la(...). Pesquisas da última década têm identificado o vício pela internet como uma nova e freqüente desordem clínica desconhecida relacionada a habilidade do usuário controlar seu uso da internet que pode

causar problemas relacionais, ocupacionais e sociais. (YOUNG, 2007, p. 1-2)¹⁴

Assim como ocorre com outras drogas, o vício pode levar à criminalidade, a exemplo do que ocorreu em Ohio (EUA), onde uma mulher foi condenada a dois anos de prisão com direito à liberdade condicional por ter deixado de cuidar de seus três filhos por ser “viciada em internet” (FOLHA ON-LINE, 2006). Algumas questões que devem ser observadas como sintomas que representam sinais de alarme sobre este tipo de transtorno são:

1. “Você se sente ansioso por causa da internet (pensa nela quando está off-line ou antecipa o próximo acesso)?;
2. Você Sente necessidade de se conectar mais vezes como meio de obter alguma satisfação?;
3. Você se esforça repetitivamente de maneira infrutífera para controlar, reduzir ou parar o uso de internet?;
4. Você sente inquietação, depressão ou irritação ao tentar restringir ou parar o uso?;
5. Você permanece conectado mais tempo que o previsto?;
6. Você já comprometeu, ou pôs em risco, alguma relação pessoal significativa, trabalho, estudos ou oportunidade de carreira por causa da internet?;
7. Você já mentiu para família, terapeuta ou outros para ocultar sobre seu grau de envolvimento com a internet?;
8. Você usa a internet como meio de evadir-se dos problemas ou aliviar algum mal- estar, como sentimento de desamparo, culpa, ansiedade, depressão?”

(Young, 1996)¹⁵

¹⁴ Technology is changing the nature of problems people are having as well as how we treat them.(...)Research over the last decade has identified Internet addiction as a new and often unrecognized clinical disorder that impact a user’s ability to control online use to the extent that it can cause relational, occupational, and social problems.

¹⁵ Do you feel preoccupied with the Internet (think about previous on-line activity or anticipate next on-line session)?; 2- Do you feel the need to use the Internet with increasing amounts of time in order to achieve satisfaction?; 3- Have you repeatedly made unsuccessful efforts to control, cut back, or stop Internet use?; 4- Do you feel restless, moody, depressed, or irritable when attempting to cut down or stop Internet use?; 5- Do you stay on-line longer than originally intended?; 6- Have you jeopardized or risked the loss of significant relationship, job, educational or career opportunity because of the Internet?; 7- Have you lied to family members, therapist, or others to conceal the extent of involvement with the

As entrevistas feitas com os jovens internautas não tiveram o objetivo de aferir um possível vício, mas apesar de não poder assegurar que possuem todas as características acima citadas, alguns entrevistados possuem algumas: (E5), que costumava utilizar fakes nas relações virtuais, via nisto um meio de melhorar seu estado de ânimo, diminuindo algum tipo de mal-estar. Sentia-se poderoso com a prática, ao ser reconhecido como alguém importante. (E8), apesar de trabalhar na área de tecnologia, o que o obriga a um uso constante da internet, costuma passar 12h diárias conectado e quando está off line pensa na próxima conexão e sofre em situações que o abstenha do ciberespaço:

É horrível. De férias fui pra casa dos meus pais em MG e lá não tem internet. Fui pra ficar 20 dias, acabei voltando com 15 e olha que já tinha 5 anos sem ver minha mãe, é algo inenarrável.(...) tornou-se parte do meu corpo, sem ela é como se eu perdesse os 2 braços. E isso não é exagero. Eu me sinto assim (E8).

Ao ser questionado se se considerava viciado em internet, (E16) enfatiza em caixa alta (que na linguagem digital representa gritos): “Não, eu não sou viciado!!! NÃO SOU, NÃO SOU, NÃO..... SOU NÃO!”. Questionado sobre o porquê da ênfase na resposta, explica seus sentimentos, apontando que sem acesso ao ciberespaço se sentiria:

“ABANDONADO, ENTRARIA EM PÂNICO!!!! TALVEZ ME SENTIRIA NUMA ILHA, AXO QUE NÃO CONSIGO! (...) Eu trabalho pela internet, me divirto pela internet, estudo pela internet!! Namoro pela internet ! (...) mas é que já vi gente pior que eu!!! ...eu conheço uma pessoa que passa mal quando fica ao menos um dia sem navegar!”(E16).

Em pesquisa exploratória sobre a rede, Prado (1998) aponta que no quadro brasileiro o uso patológico de internet tende a aparecer e desaparecer com o tempo. Defende que, talvez pela novidade, as pessoas que começam a acessá-la, navegam em demasia, tornando o uso prejudicial, porém com o passar do tempo, elas adquirem um uso menos excessivo, o que é mais saudável.

Quanto aos delitos cometidos on-line, é preciso considerar que a atualidade e multiplicidade de possibilidades oferecidas pela internet trazem à tona atuações

criminosas inéditas. Além do que, se estamos num entorno global, desde já, uma legislação local parece ser limitada, para controlar as infrações.

A ampliação geográfica que a globalização traz para a economia e ações sociais também é aberta para criminalidade e o mesmo ocorre com as facilidades providas pela rede “(...) A novidade não é o maior grau de penetração do crime e seu impacto na política. A novidade é a conexão global do crime organizado, condicionando relações internacionais, tanto econômicas como políticas, à escala e ao dinamismo da economia do crime” (CASTELLS, 1999, p. 304). Os tipos de ações são as mais variadas e a Folha On-line (2006) traz uma coletânea destes “cibercrimes” que viraram notícia nos últimos 12 anos: apologia a drogas, pedofilia, desvio de dinheiro, alteração de conteúdo de “home pages”, obtenção de informações privilegiadas, racismo, são apenas alguns deles. O caso mais recente, descoberto em julho de 2008, envolve a Google, que está respondendo ao Ministério Público sobre 150 páginas relacionadas à pornografia infantil, crimes raciais, venda de drogas, de receitas médicas em branco e de remédios sem receita na comunidade Orkut (de responsabilidade da Google).

Assim como na vida off line, o mundo virtual oferece riscos, alguns iguais e outros exclusivos da cibercultura. (E11) defende que: “pessoas se relacionarem com identidades falsas, no meu ponto de vista deveria ser considerado um crime digital. (...)Na vida off line as pessoas são processadas por usar falsidade ideológica, na vida on-line deveria ser da mesma forma.”. (E18) diz já ter vivido a situação em que uma pessoa estava usando a identidade dele como fake: “me senti péssimo, pois ele estava tentando se passar por mim e poderia estar passando para as pessoas uma pessoa que não era a minha pessoa”.

José Henrique Portugal é assessor técnico do recente Projeto de Lei Substituto nº 89 de 2003, referente a crimes cometidos na rede e explica que a principal limitação que tange a verificação e punição de crimes eletrônicos é justamente o fato de que:

(...) quem dá acesso não é obrigado a identificar o usuário (identificador de acesso, nome, data de nascimento, senha ou equivalente, endereço) e nem verificar se as informações que ele eventualmente tenha fornecido são reais ou autênticas, e ainda, não há a obrigação de guardar os dados de conexão, (endereço IP, data e hora e referência GMT), dados fundamentais para uma investigação criminal. (...) Não se sabendo quem é o autor, nem os dados de

conexão, o crime acontece, mas não pode ser investigado com bons resultados. (HYPESCIENCE, s.d)

Surgem, também, duas novas práticas a partir do uso da rede: “hacker” e “cracker”. Os hackers são internautas com alto conhecimento em sistemas operacionais que conseguem elaborar ou modificar softwares e hardwares e identificar falhas de segurança em redes e sistemas. Os crackers têm as mesmas habilidades que os hackers, mas podem utilizar este conhecimento para o mal - como entrar em um banco e roubar dinheiro dos correntistas ou acessar cartões de créditos destes. De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br, 2007), 29% dos brasileiros afirmam já terem tido problemas de segurança na internet; enquanto 27% declara que “já sofreu ataque de vírus ou outro programa malicioso”, 2% já viveu “uso indevido de informações pessoais na internet” e 1% já passou por uma “fraude bancária, de cartão de crédito ou outro tipo de fraude financeira. Individualmente, a utilização de antivírus é a medida de proteção usada por 75% dos brasileiros. (E16) conta que já foi alvo deste tipo de prática: “Depois que eu tive a internet na minha vida, passei a ter malícia com minhas coisas. Uma vez liguei por engano pra uma pessoa, por acaso trocamos e-mail e no final eu tinha uma conta NO JOGATINA.COM, fui roubado por essa pessoa!”. Ao término da entrevista me adverte: “Cuidado com os fake hein! Olha... liga pra sua operadora, pra poder ocultar seu número, quando vc ligar para alguém”. (E16)

76,4% dos jovens graduandos que participaram da pesquisa assumem buscar na rede informações sobre atividades hacker e cracker. Considerando a área de estudo deles, compreende-se que isto possa ser um meio de aprofundar a formação profissional - apesar de um dos jovens assumir já ter praticado atividade cracker com motivação ilícita. Três dos entrevistados apontam que têm interesse em trabalhar com segurança de sistemas e para isso é preciso que saibam como os crackers atuam. (E2) aponta que prefere utilizar a internet para aprofundar seu conhecimento sobre conteúdos cracker:

(...)Quanto vc tá on line, vc pode conhecer hackers e crackers. Ate fingir que é um cracker pra poder conhecer, mas não se envolver. Não roubar de ninguém. E quando acontece pessoalmente é mais complicado. Por que se vc reunir com um monte de cracker...se a policia chegar, ninguém vai falar que vc não estava ali envolvido. (...) Vc tem más companhias mas talvez não coma o farelo, né...(E2)

Esse depoimento traz à reflexão sobre o limite entre ser ou não criminoso virtual. Na vida off line, entrar em contato e manter conversa com criminosos sobre uma prática ilícita é figurado como cumplicidade, mas quando (E2) diz que: “ na internet você pode se envolver em “más companhia, mas talvez não comer o farelo”, afasta esta prática do valor de criminalidade no mundo virtual. Acreditar que está a salvo de ser preso em flagrante, afastando-se da condição de cúmplice, parece aproximar o envolvimento com a ilicitude. Isto reforça a visão da internet como local que traz sensação de segurança para praticar quaisquer tipos de ações, pontuada por Prado (1998).

No que concerne ao território brasileiro, algumas propostas surgem com respostas à questão criminal. A SaferNet Brasil [s.d] é uma associação civil, que conta com a colaboração do Ministério Público Federal, e criou uma central de denúncias contra crimes cibernéticos on-line, oferecendo ao internauta um canal que informa sobre crimes, dá dicas e faz testes sobre segurança, dá orientações e divulga leis referentes ao tema. A mais atual é o Projeto de Lei Substituto do Senador Eduardo Azeredo que está em processo de redação final (SAFER NET BRASIL, [2008]; BRASIL, 2008) e

“Dispõe sobre os crimes cometidos na área de informática, e suas penalidades, dispondo que o acesso de terceiros, não autorizados pelos respectivos interessados, a informações privadas mantidas em redes de computadores, dependerá de prévia autorização judicial”

Entretanto, nem todos concordam com a medida de trazer as leis do mundo off-line para a rede, ativistas defensores do direito de expressão no ciberespaço, dentre eles os especialistas em internet André Lemos e Sérgio Amadeu Silveira, encaminharam um abaixo-assinado para vetar o projeto de lei, alegando que atenta contra “a liberdade, a criatividade, a privacidade e a disseminação de conhecimento na internet brasileira.” (LEMOS; SILVEIRA; CARIBÉ, 2007).

A internet é um mundo...tem coisas boas e coisas ruins. Vai depender do usuário. Na internet tem lugares que vc cria CPF em 10 segundos, vc cria um CPF falso, vc cria um CNPJ falso, pra se cadastrar. Então depende muito do usuário(...) que nem no mundo real(E1).

Mas se a globalização, reproduzida pela rede, fragiliza os limites políticos e geográficos de um Estado-Nação, leis nacionais não são suficientes para resolver a situação dos crimes virtuais. O cidadão que sofre ou comete o crime pode não responder ou ter

garantias de segurança apenas com a jurisdição brasileira. Refletindo sobre cidadania, Vieira (2001, p.46) apresenta a crítica multiculturalista em que “a consagração universal dos direitos humanos sublinha a transição da cidadania vinculada aos direitos individuais para a cidadania devida à pessoa universal”, transcendendo às fronteiras das nações, tendo em vista a globalização. Assim, a criação de leis, para crimes virtuais, para ter eficiência precisam ser transnacionais.

Outro aspecto da cibercultura que merece ser apontado é o uso de jogos eletrônicos na internet como um meio de entretenimento para muitos usuários - seja em caráter individual ou coletivo. Lévy(1999, p.67) aponta os jogos eletrônicos como um tipo de simulação oferecido pela rede. A questão é que alguns deles são tidos como péssimas influências para jovens e crianças por incentivarem à violência, pressupondo que esta venha a se reproduzir fora da rede. Títulos como “Carmageddon” e “Duke Nukem” fazem parte da lista de jogos banidos e outros como, “Mortal Kombat” e “Postal” também foram ameaçados de censura no Brasil. O “Grand Theft Auto”, mais conhecido como “GTA” tornou-se constante nas lan house, mesmo sendo proibido para menores de 18 anos. Cabe, destacar que, o público, com facilidade, o encontra e, do mesmo modo, baixá-os na rede através de sites colaborativos.

No GTA, o jogador tem liberdade de fazer o que quiser: andar, dirigir sem rumo, ajudar pessoas, matar inocente e fugir da polícia, etc.. Enfim, cada um torna-se autor e responsável pelas suas ações. A opção de poder agir de forma violenta tornou os jogos eletrônicos alvo de críticas e foco de proibição e horror de pais. (E7) considera que os jogos da internet podem mudar a forma das pessoas pensarem e agirem:

Eu adoro jogar GTA e tenho noção que é um jogo, apesar de ter uma realidade ali de gangue e drogas, mas uma criança jogar... pode crescer com aquilo, podendo se tornar realidade pra ele. Acho que depende da mentalidade, da personalidade, da influência. E até colocando minha opinião quanto a crianças na internet, pra mim não pode, totalmente errado. (E7)

O que não se pode esquecer é que os jogos são criações humanas e que as práticas oferecidas, são encenações da vida real. Além do que, o uso que se faz da tecnologia é que vai determinar suas conseqüências. Alves (2004) conclui que os jogos eletrônicos

podem servir de espaço de aprendizagem e ressignificação de desejos e que apenas participar de jogos relacionados à violência não torna a pessoa violenta.

(...)os jovens que fazem a transposição da tela, do virtual para o real, utilizam a linguagem da violência como uma forma de dizer algo, apontando aos adultos questões de ordem emocional, social, cultural e econômica. Estes sujeitos podem estar a demandar uma atenção maior dos seus pais e ou pares e buscam experimentar situações de risco no intuito de (re)significar o seu lugar enquanto sujeito. (ALVES, 2004. p.9)

A vida on-line não está desconectada da vida off-line, assim pode trazer conseqüências positivas, mas também negativas para o cotidiano das pessoas. Por isto é importante conhecer o que ela oferece, permite e muda. Conhecer o “ser” e o “não ser” tendo o ciberespaço como questão.

3.3 TV-MARAVILHA *VERSUS* SUPER-NET

A Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em pesquisa feita junto a jovens internautas brasileiros, aferiu que o uso de outras mídias se modifica com a chegada da internet, sendo que “47,1% declararam que o tempo que passam vendo televisão diminuiu desde que começaram a utilizar a web. Para a leitura de jornais este número foi de 41% e para a leitura de revistas foi de 30,5%”. (ESPM, 2005)

Bolter e Gruisn (1999) apontam que o surgimento de uma nova mídia pode trazer mudança de duas naturezas no uso que as pessoas fazem das mídias anteriores como o deslocamento - em que o aparecimento da nova mídia não extingue as antigas, mas há um aumento à exposição da mídia em geral; ou a remedição, em que há uma redefinição nos usos dos meios anteriores, sem que estes desapareçam.

O advento de uma nova tecnologia de comunicação vem rodeado de interrogações sobre suas utilidades e conseqüências. Assim aconteceu com a televisão e agora ocorre com a internet. A televisão trouxe a geração “baby boom”, que Tapscot (1999) caracteriza como pessoas nascidas entre 1946 e 1964, advindas de uma explosão demográfica do pós-guerra, que vivenciaram a revolução das comunicações que culminou no advento da televisão. A internet, por sua vez, traz a emergência do que ele chama de “Geração @”, “Geração Net” ou “N-Gen”, constituída de pessoa nascidas entre os anos 80 e os dias

atuais, que nasceram e crescem imersos na popularização da internet para usuários comuns e no processo de globalização.

Ambas as tecnologias podem influenciar a vida dos jovens. Feixa (2000) explica que elas ampliam as referências:

A juventude foi um dos primeiros grupos sociais a ‘globalizarse’: desde os anos 60, os elementos estilísticos que compõem a cultura juvenil (da música e da moda) deixaram de responder a referências locais ou nacionais, e passaram a ser linguagens universais (...). O último terço do século não há feito mais que consolidar este processo: a ampliação das redes planetárias (dos canais digitais da televisão à internet) (...). Um informante de Lleida me disse: “Para meus pais, sempre era antes da guerra (civil) e depois da guerra... Para mim foi antes dos Beatles e depois dos Beatles”. (FEIXA, 2000, p.11)¹⁶

Dentre diferentes reflexões, alguns qualificam a rede como melhor que a televisão, justificando essa opinião no fato de o usuário ter maior liberdade de escolha devido a sua interatividade, o que permite a busca de conteúdos mais qualificados do que os oferecidos pela TV, além da preservação da individualidade na construção do processo social, devido à possibilidade de acesso de conteúdos específicos. Vale a pena apresentar um comparativo sobre estas duas tecnologias. Primeiro, é interessante observar sobre como cada um destes meios de comunicação pode colaborar no processo do comportamento individual e formação de opinião.

Breed (1987) aponta que um problema de qualquer sociedade é a manutenção da coesão social, assim como, dos elementos que mantenham sua ordem, segundo sociólogos a exemplo de Durkheim e Weber. O mesmo autor pontua, ainda, que os “mass media” (meios de comunicação de massa, a exemplo da TV e rádio), apesar de não atuarem isoladamente, são meios de controle da ordem, seja pela dramatização e repetição de padrões sociais, seja pela omissão de temas que possam abalar a estrutura. Padrões de valores são projetados, possibilitando um direcionamento do comportamento das pessoas. Mas observa que “(...) algumas das omissões são contribuições responsáveis

¹⁶ La juventud fue uno de los primeros grupos sociales en “globalizarse”: desde los años 60, los elementos estilísticos que componen la cultura juvenil (de la música a la moda) dejaron de responder a referencias locales o nacionales, y pasaron a ser lenguajes universales. Un informante de Lleida me dijo: “Para mis padres, siempre era antes de la guerra (civil) y después de la guerra... Para mi fue antes de los Beatles y después de los Beatles”.

para o consenso, enquanto outras tomam a forma de racionalização para os deslizes de elites”, focalizando apenas interesses individuais (BREED, 1987, p.228).

Se a televisão é vista como uma direcionadora de padrões de comportamentos a partir da omissão ou do oferecimento de mensagens homogêneas para toda a massa indiferenciada de pessoas, a internet se opõe a esta prática. “Na internet, existe uma grande diversidade de opinião a respeito de tudo e constantes oportunidades de expressar suas opiniões. (...) Além do mais, as crianças começam a questionar pressupostos antes incontestados” (TAPSCOOT, 1999, p.25).

Feixa (2000), por sua vez, faz uma analogia entre o relógio e as diferentes formas de aprendizagem entre gerações. Aponta o relógio de arena como uma representação de aprendizagem em que o comportamento de uma geração é repetido pela sua anterior, em que os filhos aprendem com os pais, sendo que em nossa sociedade este modelo de transmissão é concretizado na família, escola, igreja e exército. Mas explica, que na atualidade, o surgimento do relógio digital traz um novo tipo de transmissão geracional expressada em instituições, a exemplo das tecnologias de informação, em que “(...)as estruturas de autoridade se colapsam e em que as idades se convertem em referentes simbólicos cambiantes, sujeitas a constante retroalimentação” (2000, p.9)¹⁷, concluindo que neste processo os pais também aprendem com os filhos.

O que se pode refletir a partir destas afirmações é que, hoje, é ineficaz escola, igreja e pais imporem para os jovens uma verdade como única, um comportamento como inquestionavelmente correto, pois pesquisando na rede, pode-se ter contato com inúmeras pessoas que discordam totalmente do discurso destas instituições, com argumentos convincentes e defendendo seu comportamento e idéias como corretos. Nesta perspectiva, (E9) aponta o ciberespaço como meio de pesquisa para formação de opinião: “a maioria das minhas dúvidas tiro pela internet, o google é minha fonte de pesquisa, temas polêmicos e cotidianos, faço questão de dar uma espiadinha na net”. (E7) complementa que a diferença entre quem tem e quem não em acesso à internet é: “quem tem pode tá o tempo todo sabendo oq tá acontecendo em vários lugares e quem não tem fica privado (se é essa palavra) só a notícias de tv,jornal”.

¹⁷ (...)las estructuras de autoridad se colapsan, y en las que las edades se convierten en referentes simbólicos cambiantes y sujetos a constantes retroalimentaciones.

Uma diferença entre televisão e internet é que :

pela primeira vez crianças estão assumindo o controle de elementos críticos de uma revolução nas comunicações. Na internet, as crianças têm de procurar a informação, em vez de simplesmente olhar. Isso faz com que desenvolvam habilidades de raciocínio, de investigação e muito mais. É preciso que desenvolvam seu senso crítico. Quais sites Webs são bons? Como posso distinguir entre o que é real e o que não é, se é real ou fictício o pretenso astro do cinema numa sessão de bate-papo? (TAPSCOOT, 1999, p.25)

Entretanto, nem todos os jovens estão dispostos a utilizar a autonomia oferecida pela rede. (E10) assume sua escolha pela comodidade, ao preferir a televisão à internet:

Falando sério, acho que além de distrair mais, eu consigo entender mais facilmente as informações ouvindo, e na net eu leio mais e me sinto um pouco cansada de ficar sentada lendo pela tela... eu ligo a tv no canal e já está lá, na net tenho que procurar

A prática de buscar informação ao invés de receber significa uma mudança de cultura, não ocorre a curto prazo, a exemplo das queixas de diversos professores - grupo do qual a pesquisadora se inclui - sobre o plágio de alunos nas atividades acadêmicas que ao invés de produzirem seus textos, engrossam a lista do grupo Ctrl+C/Ctrl+V (copiar/colar de informações). Isto tudo pode reportar ao costume herdado da cultura dos meios de comunicação de massa, à imagem do telespectador apenas como receptor passivo. (E8) lamenta que “muitas pessoas tentam fazer nome respondendo fórum(...) e as vezes com uma duvida leio varias colunas e forum, o que parece é que a pessoa copiou e colou a resposta de outro”. Parece ser mais prático receber a informação pronta do que “perder tempo” construindo. Contudo, na internet, mesmo pra copiar e colar informações o internauta precisa ter pro-atividade em buscá-las e contextualizá-las.

(E14), por sua vez, já aderiu à pro-atividade necessária e proposta pela cibercultura e diz que a internet é sua fonte de pesquisa e formação de opinião. Exemplifica como desvendou um acontecimento polêmico sobre um time de futebol:

um gás de pimenta foi jogado no vestiário de um time e algumas emissoras falaram que foi culpa do time da casa. Mas como eu vi na internet... os torcedores do time visitante tinham acesso a um corredor do lado do vestiário. Então, não há como saber se a culpa foi mesmo do time da casa.(E14)

Se os meios de comunicação são fontes de formação de opinião para os jovens, um outro ponto merece atenção no que concerne o ciberespaço: a credibilidade das fontes tendo em vista suas intenções, pois enquanto as emissoras de televisão são responsabilizadas pela sua programação e estão sujeitas às restrições de censura estabelecidas por lei, o ciberespaço ainda é uma terra sem lei clara, cujo anonimato e fakes contribuem neste sentido.

É possível contribuir de forma positiva para a construção do ciberespaço, pois através de uma participação responsável em fóruns, criação de páginas, blogs, chats e outras ferramentas, os internautas podem trocar informações enriquecedoras sobre os mais diversos temas, possibilitando uma aprendizagem coletiva. E o desenvolvimento da WEB 2.0 e dos softwares livres incentivam, ainda mais, o internauta a produzir e modificar o ciberespaço, contribuindo na sua construção de forma colaborativa. Agir como produtor no ciberespaço, contribuindo com conteúdos de credibilidade, pode trazer benefícios para o usuário. (E1) aponta a satisfação de exercer este papel, ao postar artigos em sites relacionados à tecnologia: “(...)Além de vc ajudar outras pessoas, é um trabalho seu...então eu publiquei determinado artigo... Eu acho gratificante isto. É uma espécie de curriculum”(E1). (E10), por sua vez, diz que pretende um dia divulgar suas idéias, mas ainda não teve tempo: “é interessante poder expor as idéias... e ter pessoas comentando, criticando, debatendo sobre isso (no próprio blog)...é um incentivo a estudar mais... para produzir”.

Hine, conclui que

Os autores de páginas web, por sua vez, dão sentido aos seus desenhos, baseando sua interpretação principalmente nas visitas que recebem; visitas que funcionam como forma de reconhecimento. Se preocupam em produzir páginas que durem ao longo do tempo e que estejam bem enlaçadas para maximizar o número de visitantes (HINE, 2004, p. 21)¹⁸

Por outro lado, este poder de ser referência para a opinião pública e para construção de idéias e comportamentos, que a internet oferece a pessoas comuns, também está

¹⁸ Los autores de páginas web, por su parte, dan sentido a sus diseños basándose principalmente en su interpretación de las visitas que reciben; visitas que funcionan como forma de reconocimiento. Se preocupan por producir páginas que duren en el tiempo y que estén bien enlazadas para maximizar su número de visitantes.

disponível, para anônimos e pessoas mal intencionadas, que podem influenciar internautas a partir de informações sem credibilidade, impulsionadas por motivações individuais ou banais.

Às vezes quero fazer algo que realmente não teria coragem de fazer sendo eu mesmo (...) por exemplo no orkut é a coisa mas fácil do mundo pra se fazer um perfil falso. Ai faço e se por acaso não gostar muito de uma pessoa e souber de algo a respeito dela, que possa denegrir a sua imagem, faço um fake e meto o pau nela(...)se tiver foto então melhor ainda (E9).

Torna-se comum também a divulgação de vídeos no you tube que expõem jovens fazendo sexo com seus ex-namorados, só que algumas vezes, são os próprios ex-namorados que postam imagens e expõem a vida particular do parceiro de forma prejudicial por questões que por vezes são banais, mas em geral são privadas, como mágoa pelo fim do namoro ou desconfiança de traição. A Wikipedia – enciclopédia virtual, em que qualquer internauta pode ajudar a construir editando os conceitos dos significados das palavras - é um exemplo de colaboração, mas que tem tido sua credibilidade arranhada, devido a contribuições, talvez inocentes em motivação, mas irresponsáveis em termos de eficácia.

É claro que a televisão também pressupõe alguma crítica por parte do espectador, afinal não é a toa que ainda se discute a veracidade ou não da ida do homem à Lua, mas na rede, a reflexão tem que ser mais cuidadosa, pois as fontes de informação são infinitas, com motivações nem sempre nobres e muitas vezes sem um responsável identificável. Devido a fatores como os apresentados, (E7) defende que crianças não devem ter acesso à internet: “...não devem de jeito nenhum, justamente por ter esses conteúdos que acabam confundindo a criança, e mesmo adolescente, até ter a cabeça feita do que é certo e errado pra ela seguir”. (E15) mostra ponderação quanto à confiabilidade na internet: “sempre que ouço algo que ocorreu, minha primeira fonte é a internet, tudo que eu preciso saber eu primeiramente busco na internet...considero 80% dependendo da fonte de pesquisa como fóruns, sites etc”.

Assim, sobre a influência destas tecnologias no comportamento, acredita-se que se a internet é uma referência para os jovens na formação de opiniões, o acesso a este espaço e aos diferentes pontos de vista que oferece, obriga o internauta a uma maior proatividade na busca por informações e maior responsabilidade sobre seu auto-

desenvolvimento crítico para construção de comportamentos que preservem suas individualidades, mas que garantam coesão social, tendo em vista a dúbia credibilidade e multiplicidade de fontes. Enquanto a televisão oferece padrões de comportamento, a rede despadroniza, permitindo, entretanto, coesão entre pequenos grupos que comungam da mesma verdade, ao tempo em que oferece a possibilidade de verdades múltiplas. Será que a rede aparece então como um risco ao controle da coesão social aos desmistificar padrões? Será que fragiliza a influência das instituições tradicionais na formação das pessoas? Tapscoot (1999, p.9) diz que os jovens da geração Net “(...)Não acreditam que as instituições tradicionais possam lhes proporcionar uma vida boa e tentam assumir pessoalmente a responsabilidade pelas suas vidas”. Mas, é preciso considerar que nem televisão nem a internet agem isoladamente na formação de valores comportamentais; a escola, a família e os diferentes grupos sociais também interferem neste processo.

Outra discussão reflete sobre dois pontos: 1) a qualidade dos conteúdos oferecidos pelas mídias interativa e de massa e 2) qual o valor da multiplicidade de ofertas para escolha oferecido pela internet, em contraste a menor quantidade de opções de conteúdos apresentados pela televisão?

Lazarsfeld e Merton (1987), ao falar dos “mass media” apontam que outra fonte de preocupação com os:

(...) meios de comunicação reside em seus supostos efeitos sobre a cultura popular e o gosto estético de seus públicos. Na medida em que o tamanho dos públicos aumentou, argumenta-se que o nível do gosto estético sofreu uma deteriorização. Daí, o temor de que os meios de comunicação possam constituir-se deliberadamente canais de suprimentos de gostos vulgarizados, contribuindo desta forma, para uma nova deteriorização. (LAZARSELD e MERTON 1987, p.232)

Adorno (1987, p.293) esclarece que se trata de uma indústria cultural - e não de uma cultura que emerge espontaneamente da massa - em que os produtores dão maior atenção à motivação econômica do que ao conteúdo oferecido e suas conseqüências. E adverte que através da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a consciência. Na televisão, um rol limitado e pré-definido de conteúdos é ofertado pelos produtores, com possibilidade de escolha reduzida aos consumidores, se comparado

com a rede. Acrescenta-se a isto, que devido à estrutura dessa tecnologia - em que uma mesma informação é transmitida de uma fonte para uma massa composta por pessoas de diferentes idades, classes sociais, níveis educacionais, gêneros, etc., - os conteúdos são produzidos de forma a serem compreensíveis para maioria dos telespectadores, vindo daí a dificuldade de ofertas de conteúdos específicos a interesses individuais, trazendo a imagem de conteúdos desqualificados, para serem passíveis à compreensão de uma maioria.

O advento da TV a cabo - oferecendo maior opção de canais, com temas mais específicos - e da TV digital - na qual o usuário pode escolher o momento em que vai assistir um determinado conteúdo e que permite, ainda, ver programas diferentes no mesmo canal, ou ver o mesmo programa com vários ângulos/posições diferentes através da multiprogramação - são tentativas para aumentar o direito de escolha do público. Ainda assim, os conteúdos oferecidos são limitados, pois são pré-estabelecidos e isto se apresenta como um limite ao direito de escolha em relação ao ciberespaço, onde a formulação de conteúdos é contínua. Nesse espaço, a resposta a uma questão individual e específica pode ocorrer a qualquer momento através da interatividade permitida pela estrutura em rede, em que as informações podem ser transmitidas e produzidas de todos para todos. Assim que, diferente do que ocorre com a televisão, na rede, os conteúdos não são homogêneos, permitindo maior especificidade na busca de conteúdos qualificados. Mas não se pode deixar de questionar se os consumidores estão realmente interessados em ter mais opções de conteúdos e ampliação do poder de escolha.

(E9) mostra sua opinião: “Acredito que informação tem um valor muito grande e a internet é uma das melhores formas de se manter atualizado e em tempo real...pq se tem acesso a informações muito mais rápido na hora em que elas acontecem e com uma qualidade melhor do que a tv pode nos dar.(...)”.

Os internautas graduandos em redes de computadores entrevistados utilizam a internet como meio de acesso a informações específicas de suas áreas de estudo. De um lado é fato, que muitas pessoas são beneficiadas ao encontrar, em fóruns e sites de busca, a informação adequada aos seus legítimos estudos e trabalhos científicos e profissionais, com profundidade e multiplicidade de visões. Ativistas das mais diversas áreas - ambiental, social, cultural, política - trocam conteúdos que podem repercutir em

mudanças na sociedade. Por outro lado, observa-se uma diversidade de conteúdos interrogáveis quanto à importância social, sem desmerecer que venham a saciar algum tipo de necessidade dos internautas. (E8) acredita que o uso da rede para divulgações de idéias “desde que sejam ideais uteis de alguma forma, muito válido”, mas durante a entrevista criticou em diferentes momentos o uso que internautas em geral fazem da rede, apontando como uso improdutivo, inútil, sem objetivo, condenando práticas como blogs e fotologs. Sibilia (2008) reflete sobre o “digital trash” como

(...)pequenos espetáculos descartáveis, algum entretenimento engenhoso sem maiores ambições, ou celebrações da estupidez mais vulgar.

Vale recordar, todavia, que nem sempre foi um valor incontestável essa tranqüilidade conformista que aplaude a própria banalidade. E, sobretudo, que reconhece esta mesma mediocridade na pobreza da vida alheia, servindo-se desta contestação para apaziguar toda inquietude incomoda e suportar melhor a existência(...) Se expande, assim esta multiplicação de vozes que não dizem nada(...) (SIBILA, 2008, p. 308-310)¹⁹

Navegando por aplicativos populares da internet, como o youtube (com inúmeros vídeos que reelaboram um “big brother” da vida privada) e orkut (com diversas comunidades enfraquecidas pela falta de atuação dos membros, que apenas se inscrevem, mas não participam ativamente) percebe-se o silêncio ou a mediocridade destas vozes que, nas palavras de Sibilia, falam, mas não comunicam.

Percebe-se que a internet, assim como a televisão está submetida ao vulgar. A questão é que na rede, diferente do que ocorre com a televisão, pode-se contestar a suposta mediocridade de conteúdos, buscando o que é de “alto nível” e até produzindo conteúdos diferentes. Mas, não se pode deixar de considerar que há quem queira o vulgar. Dessa forma, parece que o direito de escolha oferecido pela internet, em contraste aos conteúdos “impostos” pela televisão, não é determinante para o aumento no nível de conteúdos.

¹⁹ (...)pequenos espetáculos descartables, algun entretenimiento ingeniosos sin mayores ambiciones, o bien celebraciones de la estupidez más vulgar.(...) Vale recordar, no obstante, que no siempre fue un valor incontestable esa tranquilidad conformista que aplaude la propia banalidad. Y, sobre todo, que reconoce esa misma mediocridad em la pobreza de la vida ajena, viviéndose de esa constatación para apaciguar toda incómoda inquietud y soportar mejor la existência(...)expande, así esta multiplicación de voces que no dicen nada.

O que se conclui é que a tecnologia apresenta referências, mas sozinha, não direciona o gosto popular ou o comportamento individual. No máximo potencializa-os ou reforça-os. A história, o meio social, a vontade de escolher e a escolha das pessoas por algo diferente são decisivos como meio de imposição de seus desejos.

4 SER UM INTERNAUTA JOVEM - GERAÇÃO @

Ao possibilitar novas formas de relacionar-se, expressar-se e produzir, ser ou não ser internauta torna-se característica de uma nova geração, que utiliza a tecnologia para suprir suas necessidades. Mannheim (1928 apud WELLER, 2007) considera que não pode se falar de gerações com base em um tempo externo ao ser humano, como fazem especialistas da vertente positivista neoliberal francesa, fixando a duração do efeito destas por 15 ou 30 anos. É preciso fazer a análise da questão, baseando-se em um tempo interior e não mensurável, pois “diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico (...)” (WELLER, 2007). Os internautas percebem e apreendem assim distintas formas de ver uma mesma realidade, vivendo em uma mesma época e local. O oposto também ocorre, pessoas de locais e faixas etárias distintas apreendem uma realidade de forma semelhante.

Assim como Hall (2000) diz que a identidade de um sujeito se forma a partir da relação com diferentes paisagens culturais e não mais pela simples vinculação a um tempo e espaço específicos, para Mannheim, o foco centralizador de uma geração também não se restringe a um tempo externo:

A situação de classe e a situação geracional (a comunidade de pertencimento a anos de nascimento próximos) têm algo em comum, devido à posição específica que ocupam no âmbito socio-histórico os indivíduos afetados por elas. Essa característica comum consiste em que limitam os indivíduos a determinado terreno de jogo dentro do acontecer possível e que lhes sugerem assim uma modalidade específica de vivência e pensamento, uma modalidade específica de adaptação no processo histórico. (MANHEIM 1928, p.209|528 apud WELLER, 2007, p.5)²⁰

É importante frisar a influência das referências sócio-históricas no modo de viver e pensar tanto em nível individual - identidade - quanto coletivo - geração -, pois isso é

²⁰ La situación de clase y la situación generacional (La comunidad de pertencia a años de nacimiento próximos) tienen algo en común, debido a La posición específica que se ocupan en el ámbito sociohistórico los individuos afectados por ellas. Esa característica común consiste en que limitan a los individuos a determinado terreno de juego dentro Del acontecer posible y que lês sugieren así una modelidad específica de vivencia y pensamiento, una modalida específica de encajamiento en el proceso histórico.

determinante para a construção da história. A internet aparece como um (des) centralizador de referências ao reforçar a compressão tempo-espço, ampliando nossas “paisagens culturais do local ao global”.

A rede dá suporte à juventude enquanto característica de identidade e geração. Para compreender esta relação, é importante apresentar três conceitos trazidos por Mannheim (apud WELLER, 2007):

- Posição geracional - **possibilidade** de um grupo de indivíduos adquirir experiências comuns. Isto depende de outros aspectos sociais para ocorrer.
- Conexão Geracional - pressupõe a **participação** - e não só, presença num mesmo contexto histórico - num destino comum, um vínculo concreto.
- Unidades geracionais - mais do que uma participação no destino comum, as unidades geracionais pressupõem um **posicionamento** específico a respeito de um mesmo tema. Caracteriza-se pela intenção, ação e expressão de um grupo.

A partir destes conceitos, apresenta-se, a seguir, quatro temas contemporâneos que envolvem a juventude, e discute-se, a partir deles, a internet e a identidade, pressupondo que a rede traz novas perspectivas quando se trata de identidades, pois oferece ao sujeito múltiplas possibilidades de ser, de significar-se para os outros e para si, de afirmar-se não só como receptor, mas também como ator de informações e caminhos. Permite o encontro entre semelhantes e o conhecimento dos diferentes, reforçando identidades - individuais e coletivas - seja pelo acolhimento ou pela resistência.

4.1. GERAÇÃO @ - DEFINO MEUS CAMINHOS

O primeiro tema refere-se à vulnerabilidade como fator que segmenta os jovens em diferentes unidades geracionais. Abramovay e Castro (2002) explicam que a violência sofrida e causada por jovens, resulta da sua condição de vulnerabilidade, que impede sua mobilidade, integração e ação como cidadãos. A vulnerabilidade é “resultado da interseção de dois conjuntos: um definido em nível ‘macro’, relativo à estrutura de oportunidades e outro definido em nível ‘micro’, referente aos ativos dos atores”. Sendo

que estes atores não podem interferir no primeiro, enquanto suas ações são essenciais para ocorrência do segundo (FILGUEIRA 2001, p.10)²¹.

O acesso ou não a estas oportunidades separa a juventude em diferentes unidades geracionais. E apesar de não ser o único fator a ser observado, Abramovay e Castro apontam a importância do capital social para eficácia de políticas públicas contra violência e vulnerabilidade juvenil, pois “(...) implica propiciar o crescimento da participação dos atores na busca das soluções de seus problemas, criar, fortalecer e ampliar redes sociais de cooperação com o intuito de aumentar os recursos materiais e simbólicos dos atores” (ABRAMOVAY; CASTRO, 2002, p.17). Coloca os jovens como atores importantes na resolução de seus problemas, dando-lhes valor ao reconhecer sua capacidade. (E5) que atua em projetos de inclusão digital, assegura a importância do ciberespaço como meio de acesso a oportunidades:

Eu tenho um empreendimento lá no Uruguai. E nesse empreendimento, eu consigo trazer 2 jovens. Eles criaram um portal. Eles agregam todo comércio local a um mini portal. Então eles conversão com o pessoal que tem comércio lá: “Traz o seu mercadinho pra cá, anuncia lá no portal, porque todas as pessoas vão ver e vc vai conseguir vender mais.” Eles já conseguem enxergar a internet de uma forma diferente.(...)Então esses jovens já conseguem ver a internet como uma fonte de renda.(..) a internet já consegue mudar com o cotidiano deles.(E5)

Dos jovens pesquisados, todos utilizam a rede para fazer pesquisa profissional, 65,3% como meio de divulgação de seus trabalhos e 62,3% conhecem pessoas na rede. A partir daí, percebe-se que a internet pode funcionar como um meio colaborativo para desenvolvimento de redes sociais. (E5) conclui: “Então eu acho que políticas públicas deveriam ser feitas para divulgar todo conteúdo que a internet tem, (...)pois a internet hoje está prostituída. Muitos jovens, hoje quando pensam em internet, pensam em orkut e msn. (...)” e não enxergam como meio de buscar oportunidades de vida. É claro que a criação de uma maior ou menor rede de relacionamentos via internet também depende da capacidade de cada indivíduo em expressar-se, relacionar-se e identificar-se, além em primeira instância, do acesso a este meio de comunicação e da percepção sobre as oportunidades que ele pode lhe prover.

²¹ Resultante de la intersección de dos conjuntos; uno, definido a nivel "macro" relativo a la estructura de oportunidades y otro definido a nivel "micro", referido a los activos de los actores.

4.2 GERAÇÃO @ - SOU ISTO, MAS POSSO SER AQUILO, OU ELA, OU...

A segunda reflexão aponta que a juventude, enquanto papel social exercido por meio da internet, caracteriza uma unidade geracional.

Um papel social representa “o comportamento esperado de uma pessoa que ocupa um certo status” - uma certa posição social (TURNER, 2000). Cada um de nós desempenha diferentes papéis sociais - a exemplo de filho, amigo, colega de trabalho, etc. - que faz com que sejam criadas expectativas sobre nossas ações e que fazem parte da composição de nossas identidades enquanto pessoas. “Ser jovem” é uma forma de identificar-se, vinculada a um papel social, que *a priori* pode trazer expectativas pré-estabelecidas de comportamento. Feixa (2000), todavia, aponta que na contemporaneidade:

Viver a juventude (...)para os jovens de hoje significa migrar por diversos ecossistemas materiais e sociais, mudar os papéis sem mudar necessariamente o status, correr o mundo regressando periodicamente para casa dos pais, fazer-se adulto e voltar à juventude quando o trabalho termina, disfarçar-se de jovem quando já se está casado e se ganha tanto quanto, viajar por Interrail²² ou pela internet sem por isto renunciar a identidade localizada que corresponde a uma nova solidariedade de base (FEIXA, 2000, p.12)²³

Tendo em vista que o processo de globalização permite que as interações sociais ultrapassem uma localidade, amplia-se a possibilidade do jovem de criar mais relações, sendo que cada uma delas pode vincular o papel de jovem a outros papéis sociais e a diversas expectativas de comportamento: jovem trabalhador, jovem amigo, jovem marido, etc... “(...) À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente” (HALL, 2000, p.13).

²² Bilhete de trem utilizado para viajar por toda Europa.

²³ Para los jóvenes de hoy, ello significa migrar por diversos ecosistemas materiales y sociales, mudar los roles sin cambiar necesariamente el estatus, correr mundo regresando periódicamente a la casa de los padres, hacerse adulto y volviendo a la juventud cuando el trabajo se acaba, disfrazarse de joven cuando ya se está casado y se gana tanto como un adulto, viajar por Interrail o por Internet sin por ello renunciar a la identidad localizada que corresponde a una nueva solidaridad de base.

Se a internet colabora no processo de quebra de barreiras da globalização, tornando-se um meio de sociabilidade que oportuniza o fomento de interações sociais com quantidades e tipos de pessoas em escala mundial, por outro lado, pode trazer significados para construção do ser. (E8) esclarece que ser internauta lhe deu o poder de agregar novos papéis sociais a sua vida, tendo em vista que permitiu se “... transformar em um desenvolvedor de sistema Web, mesmo sem ter entrado em um curso, só com as informações que lá estavam” (no ciberespaço).

O surgimento da sociedade em rede traz à tona os processos de construção de identidade (...), induzindo assim novas formas de transformação social. Isso ocorre porque a sociedade em rede está fundamentada na disjunção sistêmica entre o local e o global para a maioria dos indivíduos e grupos sociais. (CASTELLS, 1999, p. 27).

Devido a sua estrutura em rede, a internet demanda dos internautas a capacidade de exercício de variados papéis, por vezes simultaneamente. De acordo com as entrevistas e a pesquisa feita com os jovens graduandos, identifica-se o exercício de diversos papéis sociais no ciberespaço: estudante, filho, namorado, cidadão, consumidor, amigo, trabalhador, etc.. O internauta pode concentrar em um mesmo momento múltiplos papéis, transitando entre diferentes janelas pelo click do mouse. As ferramentas do ciberespaço “(...)criam tempos simultâneos, mas não contínuos (ou seja, criam uma ‘simultaneidade virtual’ completamente artificial). Não existe nem passado nem futuro, mas unicamente o presente” (FEIXA, 2000, p.9).²⁴

Relações sociais criadas ou mantidas na rede permitem também o não exercício de papéis sociais, sem que a expectativa de comportamento que os outros têm por uma posição social (status) seja perdida, ou seja, é possível agir de forma inesperada, sem prejuízo da imagem que as pessoas têm do internauta. Havery (1992) expõe a visão de Lyotard que explica como se constroem as relações sociais. Este defende que cada um de nós vive na interseção de diversos jogos de linguagem e estas combinações lingüísticas não são necessariamente mutáveis ou comunicáveis: “cada um pode recorrer a um conjunto de códigos, a depender da situação em que se encontrar (em casa, no trabalho, na igreja, na rua ou no bar, num enterro, etc.).” (HARVEY, 1992, p.51). (E16)

²⁴ (...)crean tiempos simultâneos, pero no continuos (es decir, crean una “simultaneidad” completamente artificial).

mostra o benefício: “Se eu quiser ofender um pessoa que eu não goste, ofendo sem que ela saiba, alívio meu stress, vou lá depois e cumprimento a mesma pessoa, entendeu?”.

A afirmação de (E16) comprova que na rede é possível manter o status, sem nem sempre exercer o papel. Assim que, as pessoas praticam jogos de linguagem diferentes a depender do entorno. Adiante veremos que o uso do fake é um dos meios de executar esta prática.

Como se deve compreender estes processos? Por um lado, parece haver uma liberação. Há sem dúvida, um alívio ao abandonar o enorme peso das tradições, inclusive do próprio passado individual e de toda carga que implica possuir uma verdade hospedada no caroco da própria interioridade. E da compulsão de ter que descobri-la e interpretá-la constantemente, condenados para sempre a segurar uma identidade fixa e estável que urge decifrar. Há uma liberação a respeito desta convicção, desta obrigação de ser para sempre um eu que foi engendrando ao largo de toda uma vida, na qual até o detalhe mais mínimo significa algo.(...)(SIBILLA, 2008, p.311)²⁵

Reflete-se que por mais que os fakes sejam construídos com características distintas das identidades off line, eles representam o indivíduo de forma real, respondendo a seus desejos e necessidades verdadeiros. Os fakes são, neste aspecto, o próprio indivíduo, pois são suas criações e projeções, mesmo que interlocutor no outro lado da tela não perceba desta forma. As diferentes formas de identificar-se aparecem como meio de atender a uma necessidade momentânea e variável, preenche o que Da Poian (2000) chama de vazio contemporâneo, presente em todo ser humano como uma “falta inevitável” causada pela impossibilidade de criar uma identificação sólida e permanente de representar-se em quaisquer situações. “Os padrões identitários não são mais marcados, as referências se perderam e a depressão, tomada por muitos como sintoma maior de nosso tempo, tem, sem dúvida, muito a ver com este vazio de identidade e de identificações” (DA POIAN, 2000).

Lemos defende que o ciberespaço é um rito de passagem que marca a vida de indivíduos e grupos levando-os para um outro lugar. E “como um ‘lugar’ de passagem,

²⁵ ¿Como se deben comprender estos procesos? Por un lado, parecen haber una liberación. Hay sin duda, un alivio en esse abandono del peso enorme de las tradiciones, inclusive del propio pasado individual y de toda carga que implica poseer una verdad hospedada en el carozo de la propia interioridad. Y de la compulsión de tener que descubrirla e interpretarla constantemente, condenados para siempre a detener una identidad fija y estable que urge descifrar. Hay una liberación con respecto a esa condena, esa obligación de ser para siempre un yo que se fue engendrando a lo largo de toda una vida, en la cual hasta el detalle más nimio significa algo.(...)

os ritos se caracterizam por um espaço simbólico intermediário, através do qual um indivíduo ou grupo se integra à globalidade da vida social”. (LEMOS, 2006). Refletindo sobre o seu rito de passagem, (E16) reconhece que no ciberespaço torna-se uma pessoa mais criativa: “quando coloco-me na frente do computador, me sinto + a vontade para expressar minhas idéias...posso fazer coisas e voltar atrás se quiser!”. Todavia confessa que off-line as pessoas não o vêem desta forma.

A internet respeita a individualização do ser, ao lhe oferecer variadas oportunidades de agir, de se comportar, de ser de acordo com seus significados. É um novo ambiente de prática de jogos de linguagem, com situações e características próprias. Aí cada sujeito pode exercer ou não seus papéis sociais, pode usar linguagens iguais ou diferentes das utilizadas off-line, construir e reconstruir sua identificação ao ter acesso a novos conhecimentos, pode criar uma “identidade virtual” e a partir dela viver novas formas de ser, simular novos papéis. O que se oferece, assim, às pessoas é um novo meio de sociabilidade e a partir desta nova forma de se expressar.

4.3. GERAÇÃO @ - PAREÇO, LOGO SOU

O terceiro tema apresenta a transição para vida adulta como conexão geracional. Pais (2006) esclarece que está ocorrendo uma mudança na maneira dos jovens se identificarem nesta transição. Justifica que, também devido às estruturas sociais, cada vez mais fluidas e inconstantes, os jovens não têm mais segurança no futuro e, por isto, diferente das gerações mais velhas - que orientam suas vidas baseadas em valores de rotina e segurança - baseiam-se na ruptura e nos desvios como forma de fuga às “culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe” (PAIS, 2006, p.7). Para compreender estas formas de expressão e evasão características de uma geração, Feixa (2000) explica que a idéia de cultura juvenil ultrapassa a quantidade de anos de vida, pois “as culturas de idade” podem ser analisadas

no plano das *imagens* culturais, entendidas como um conjunto de atributos ideológicos e simbólicos atribuídos e/ou apropriados por cada indivíduo, as culturas de idade se traduzem em estilos mais ou menos visíveis, que integram elementos materiais ou imateriais heterogêneos, que podem traduzir-se em formas de comunicação, usos do corpo, práticas culturais e atividades focais” (FEIXA, 2000, p. 4)

As formas de fuga segmentam os jovens em diversas unidades geracionais. Pais (2006) exemplifica: 1) Rap, que traz o significado de justiça e revolta; 2) Grafite, que abarca o preenchimento do vazio e a possibilidade de ser escutado; 3) Esportes radicais, representando a superação de limites; 4) as drogas e 5) relações virtuais. Estes meios de fuga são formas de expressão, equilibrando a relação entre o ser e o parecer onde é possível a expressão de múltiplos “eus”. A aparência supre a ausência da identificação na essência e se manifesta pelo uso de piercings, tatuagens, moda, bulimia, anorexia, etc.. Nas relações virtuais, o jovem projeta a identidade que deseja ter e o outro imagina o ser com que quer se relacionar. Dessa forma, a relação ocorre com a projeção e não com o outro real, do mesmo modo que a busca da identificação permeia a premissa do “Pareço, logo sou”.

Dos jovens graduandos em redes de computadores pesquisados, 55,6% já utilizaram identidades falsas ao navegar pela internet. (E10) acredita que as pessoas usam fake como meio facilitador de iniciar relacionamentos: “Talvez para chamar a atenção das pessoas ou para conseguir amigos. Inventam um mundo que gostariam que fosse, através da internet é possível...”. (E18) concorda e pratica o uso do fake, aponta sua estratégia para chamar atenção no momento de criar sua identidade: “Sempre digo o contrário(...)Então quando eu queria chamar atenção de uma pessoa, dizia que era: feio, cabeludo, dente estragado, cheio de espinhas e cravos, aparelho nos dentes”. Diferente do que a maioria dos depoimentos apontam, (E18) menospreza qualidades consideradas atraentes como meio para chamar atenção e conseguir criar relações e justifica porque esse método lhe parece eficaz: “Hoje em dia a internet está tão cheia de gente querendo se parecer melhor que já é esta sem graça (...) Assim elas tinham a curiosidade de me conhecer melhor!(...) Dá certo!”.

Baym (1998) afirma que a “realidade parece ser que muitos, provavelmente a maioria dos usuários sociais da CMC (Comunicação Mediada pelo Computador), criam egos on-line compatíveis com sua identidade off-line” (BAYM, 1998 apud CASTELLS 1999, p. 447) O autor conclui que, a internet não seria um ambiente procurado prioritariamente para mascarar-se. Mas esta não foi a realidade encontrada junto aos jovens internautas entrevistados. Cada um com suas motivações comprovam que diante de situações determinadas o uso da prática do “Pareço, logo sou” pode responder a suas

necessidades de ser e as identidades criadas são diretamente opostas às identidades reais: Criar fake como pessoa mais velha e de fato ter acesso a conteúdos restritos a menores; fingir ser homem para fugir de preconceito e conseguir ser aceito num grupo; ser reconhecido como poderoso ao adotar a identidade de jogador de futebol; sentir e conhecer o universo homossexual ao identificar-se desta forma; buscar credibilidade em uma discussão sugerida, usando estratégias “(...)em que o autor constrói uma identidade para dar a entender que seu conhecimento está baseado na experiência”(HINE,2004,p.22)²⁶. Percebeu-se que os egos on-line podem ser compatíveis com os off-line em situações em que algumas necessidades não estejam em jogo, como para uma diversão descompromissada.

Mas, se de um lado o “Pareço, logo sou” traz um sentimento de conforto, alívio e pertença para os seus adeptos, Pais (2006) coloca esta estratégia como meio de fuga da realidade, assim, é preciso atentar se a satisfação de ter a necessidade atendida via uso de fake, não leva a um conformismo que anestesia o jovem para ação e mudança da sua realidade, como acontece com outras formas de fuga a exemplo das drogas. Os próprios graduandos em redes mostram que a internet possibilita a transformação da auto-percepção com subsídios reais, pois reconhecem que se sentem mais cultos, mais atualizados, mais parte do mundo por navegarem na rede. Além do que, ali é um espaço passível à aceitação da diversidade, de encontrar grupos que comunguem e aceitem a forma de ser de cada um, onde é possível ser de uma forma e ser aceito por isso.

Observa-se que nem todos os jovens entrevistados concordam com o uso do fake. (E13) acredita que “é complicado, a pessoa pode acabar se deixando levar. Pode se tornar um vício como outro qualquer”. E como um vício, (E5) complementa que “quando voltam pro mundo real, elas acabam sofrendo mais, por que não estão acostumadas com a realidade” e como numa situação de dependência, as conseqüências desta prática podem trazer malefícios para vida da pessoa. (E3), apesar de não haver base para ser considerado viciado, já se sentiu prejudicado:

Uma vez conheci uma pessoa e ela ia me conseguir um trabalho e eu perdi a oportunidade por brincar. Depois que eu descobri que era uma pessoa que ia me conseguir um trabalho(...)O lado negativo é que vc pode perder oportunidades.

²⁶ (...)en el cual el autor construye una identidad para dar a entender que su conocimiento está basado en la experiencia.

O uso de fake e do anonimato estão entre os motivos que podem descredibilizar as relações virtuais: “A mentira na internet é prejudicial por que destrói toda credibilidade que a internet constrói ao longo do tempo”(E5).

4.4. GERAÇÃO @ - TODA RELAÇÃO TEM LIMITE

Nesta última questão, a conexão geracional se dá pela busca de contato e a unidade geracional é que as relações acontecem via internet. Pais (2006) também entende este tipo de relação como meio de fuga, pois “a procura de contato é também uma busca de si, uma vez que as identidades individuais se constituem como resultado de experiências individuais, embora surgida de ritualizações próprias de identidades coletivas”(PAIS, 2006, p.18). A pesquisa feita em comunidade paulista (RITS), não apenas com jovens, aponta que a internet, através do chat, foi vista como um grande facilitador de contatos sociais e pessoais, já que 83,2% dos usuários têm amigos no chat e 40,4% já foram a encontros de algum tipo de comunidade virtual. 72,1% dos sujeitos que usam chat relataram que já conheceram pessoalmente internautas que haviam conhecido via ciberespaço e 60,8% destes continuam a se encontrar com as pessoas conhecidas.

Uma relação social pode ser compreendida como qualquer

situação em que duas ou mais pessoas estão empenhadas numa conduta onde cada qual leva em conta o comportamento da outra de uma maneira significativa (...) consiste assim, inteiramente na probabilidade de que os indivíduos comporta-se-ão de uma maneira significativamente determinável (WEBER, 2002, p.5)

(E8) não gosta de criar relações virtuais, diz que “nas salas de bate papo tem pessoas muito carentes ou com dificuldade de relacionamento”. E talvez seja porque, assim como nas relações presenciais, nas virtuais, os envolvidos agem em busca de que o outro se comporte de forma a atender uma determinada demanda que motivou a busca do contato e por diversas razões, algumas já citadas, há quem prefira iniciar ou manter relações virtualmente. Bauman (2003), por exemplo, diz que as pessoas estão sempre em busca do equilíbrio entre a liberdade (de ser e agir) e a necessidade de segurança

oferecida pela comunidade. A internet apresenta-se como um meio de supressão desta demanda. Todavia, os jovens pesquisados não são unânimes quanto à positividade de relações virtuais, pois o uso de fakes, a invasão da privacidade e as relações sem motivo concreto fazem com que elas sejam evitadas.

No que tange o uso de fake, (E8) apesar de ter conhecido a esposa numa sala de bate papo, (E8) desabafa: “conheci pessoalmente, algumas pessoas que simplesmente não se pareciam nada com aquela virtual. Mulheres quase mudas que falavam pra caramba virtualmente. Coisas do tipo que me levaram a essa conclusão, que virtualmente não dá pra conhecer ninguém de fato”. (E14) complementa dizendo que a prática:

(...)pode vir a prejudicar pessoas. Como um Homem que se passar por uma mulher que gosta de um outro homem imagine onde isso ia parar, se torna constrangedor porque a pessoa que esta sendo enganada pode se prejudicar com essa ‘brincadeira’ sem graça daqueles que não tem o que fazer.

(E9) desabafa que já passou por uma situação como esta: “Fiquei muito chateado, quase parto pra porrada quando fui em um encontro e quando cheguei lá era um homossexual”. Por sua vez, (E2) diz que já espera isso da internet, mas a questão é que nem todos esperam. Há aqueles que de fato buscam uma relação verdadeira e se sentem lesados com o fake, pois mesmo sem saber que se mantém uma relação com uma pessoa de identidade falsa, um dos aspectos da “interação social é que ela modifica o comportamento dos indivíduos envolvidos, como resultado do contato e da comunicação que acontece entre eles” (OLIVEIRA, 2002, p.30).

As interrogações sobre as relações virtuais fazem com que internautas adotem padrões de comportamento no ciberespaço que parecem defensivos. Talvez isto explique o fato de que apesar de todos os entrevistados utilizarem email e 95,% se comunicarem por msn, nota-se que o uso cai quando trata-se de ferramentas como chats. Nos chats, a não ser que se marque com um amigo, a comunicação pressupõe o contato com pessoas desconhecidas - e que podem usar identidades falsas. Já o email e o msn são meios de comunicação no qual se disponibiliza o email para pessoas que conhece previamente. E caso receba mensagens de internautas que conseguiram seu contato em bancos de dados, pode-se simplesmente ignorá-los. Hine (2004) observa que, com frequência, a comunicação mediada por computador, como os chats, “representa um problema quando não é possível determinar a confiabilidade das afirmações e da identidade dos

autores (...). A autenticidade da identidade se mantém amplamente inquestionada, salvo se afetar diretamente o tópico da discussão”(HINE. 2004, p.21-22)²⁷. Observa-se aí o limite da tolerância no uso de fakes.

Uma curiosidade sobre os fakes é que existem casos em que o internauta utiliza e justifica o uso, mas não aceita que outro o faça com ele, como acontece com (E16) e (E17). Se inicialmente não há um consenso sobre poder ou não usar identidade falsa entre os internautas, entre os que usam fakes não há um parâmetro sobre as situações em que se pode usar. (E16) acredita que poder usar fakes é “Muito legal, podemos fazer o que quisermos sem os outros saibam!”. Mas não aceita que outros usem com ele: “Tremenda sacanagem, cambada de pessoas que não tem o q fazer !!! aí o bicho pega!”. Diante desta incoerência ele explica: “Existem dois tipos de fake(...) 1 -fake como defesa = para sondar... 2- fake pra sacanear, passar tempo”. (E16) justifica que a identidade virtual que usa tem o objetivo de defesa: “Testar se sua nega, está te COLOCANDO UM PAR DE CHIFRES, se passando por outro cara!” e que nessa situação aceitaria que sua namorada fizesse o mesmo que ele.

(E17) tem uma outra visão. Ele usa a segunda modalidade de fake (apresentada por (E16) - passar tempo). Apesar de também não querer que outras pessoas usem identidade virtual falsa ao se relacionar com ele via internet, confessa que já usou como meio de brincadeira, “tipo pegadinha”, por acreditar que não há gravidade neste tipo de uso. Condena a prática apenas em situações em que deixe “pessoas tristes ou preocupadas, que faça algum mal” (E17). Mas como ter segurança sobre o que faz ou não mal? Qual o parâmetro? Isto não fica claro.

Dentre os internautas entrevistados, que não costumam conhecer pessoas na internet, observa-se que se o fake é um risco, a presença física é a solução. Poder identificar a pessoa fisicamente promove algum tipo de garantia. A questão é que mesmo na vida off-line alguém pode mentir sobre suas idéias e seu comportamento, mas o entrevistados apontam que a identificação física traz mais segurança: “Se Ronaldinho não desconfiou dos travestis olhando bem de pertoimagina pela msn! Pessoas ruins são dissimuladas mas sempre dão pistas sobre quem realmente são” presencialmente

²⁷ (...)la autenticidad de la identidad se mantiene ampliamente incuestionada, salvo que afecte directamente el tópico de discusión.

(E13). (E10) costuma conhecer pessoas na rede para tirar dúvidas sobre informática, mas evita criar laços, justamente por não poder ver o outro e garante que só em ver o outro, percebe facilmente “o que a pessoa realmente é”. Diante disto, questionei se o uso de uma web cam não seria suficiente para o seu julgamento e (E10) reflete que está é uma solução: “Acho que poderia haver mais envolvimento sim... mesmo sendo através da net. (...) não seria como estar presente, mas as pessoas poderiam sim criar laços se todos os dias mantivesse um diálogo vendo a outra pessoa em tempo real...” na web cam. (E17) discorda e diz que manter uma relação via internet só é possível “(...)a partir do momento que já se tem um contato pessoal”.

O segundo motivo dos entrevistados evitarem as relações virtuais é o fato de sentirem, em alguns momentos, suas privacidades invadidas. Talvez isso explique porque enquanto 52,3% usam a internet para conhecer pessoas, quando se trata de manter contatos com quem já se conhece, o número cresce para 88% entre os graduandos pesquisados. O ciberespaço é uma rede de acesso mundial e quando se põe uma informação neste meio, o conteúdo fica disponível para qualquer um, todavia nem todos concordam que a democracia da informação deve preceder valores como privacidade. (E15) explica sua apreensão: “Pessoas me adicionam sem que eu permita e tentam colher informações de minha vida.(...)preciso me ocultar para poder entender até que ponto essa pessoa quer chegar, é mais uma forma de defesa”.

(E2) passou a bloquear o próprio perfil no orkut - ficando oculta - por ficar irritada com internautas que disponibilizam informações pessoais na rede e questionam quando outros as acessam: “você vai no orkut da pessoa e ela pergunta: “Por que você olhou meu orkut?”. Aí da vontade de ser grossa: “Por que você tem orkut?”, entendeu?” Então eu preferi [ocultar o próprio perfil]até pra eu não tá olhando o de alguém e ficar procurando satisfação”

(E13) também acredita que se uma pessoa tem uma pagina na internet ou pertence a uma comunidade é porque aceita que sua vida privada torne-se pública: “vc entra num site de relacionamento e se algum estranho acessa tua página tu fica chateada...é complicado né... o nome diz... SITE DE RELACIONAMENTO!!!

Todavia, o próprio (E13) sente-se invadido em outra situação em que critica os internautas que não respeitam sua privacidade nos momentos em que se mostra

indisponível no msn. “Tem gente que é inconveniente....vc coloca no seu status ‘muito ocupado’...daí vem fulaninho e pergunta ‘tá ocupado é ??????’”(E13). Possivelmente os internautas inoportunos fazem a leitura de que se a pessoa está conectada, apesar de estar ocupada, ela está disponível, afinal ela está na rede e a indisponibilidade só seria compreendida mediante a ausência virtual. A internet talvez traga outros significados a termos como “disponível” e “ocupado”.

Por último, apesar de todos os entrevistados verem a internet como bom meio de encontrar pessoas com interesses comuns, alguns jovens como (E10), (E13), (E2) e (E7) resistem à criação de relações virtuais quando não vêm nestas um benefício concreto. Para eles conhecer pessoas na internet para criar um laço pessoal não lhes aparece útil. Aceitam fazer contato apenas quando, previamente, já há um interesse comum com o outro. Este parece ser o motivo de que enquanto 62,3% dos pesquisados apontam que costumam conhecer pessoas pela internet, este número cresce para 75%, quando é dada a opção de “conhecer pessoas com interesses iguais aos seus”. Acredita-se que a diferença de 12,7% aponta os internautas que só estão abertos a “conhecer pessoas”, caso estas tenham um interesse comum com eles. Este interesse aparece como garantia de um benefício e um filtro no momento de selecionar quem conhecer.

(E13) participa de comunidades relacionadas a basquete e chega a encontrar com outros internautas de interesse comum apenas para jogarem, sem criar nenhum outro tipo de aproximação, após o fim do jogo. Esclarece que uma vinculação maior que isto é raridade: “Eu mantenho contato só com dois ...e olha que foi depois de alguns jogos juntos”. O que se observa é que mesmo “o interesse comum” não é motivo suficiente para que estes internautas mantenham ou aprofundem as relações virtuais: “posso ter várias informações através de um site de pesquisa, através de foruns, sem precisar conhecer pessoas pela internet, utilizo muito foruns tanto pra ler como pra tirar minhas duvidas, e as pessoas respondem sem ter q add aqui e ali”(E7). (E8), complementa: “Quando posto uma duvida +/- 14.000 profissionais estão ali para esclarecer, mas nem nos apegamos a quem é sabe, qual o ramo”.

A ênfase na motivação e o desinteresse em criar vínculos fazem de algumas relações virtuais um meio para atender uma necessidade momentânea, em que a busca do contato só aparece mediante uma necessidade específica.

Todavia há aqueles internautas que prezam pelas relações virtuais sem compromisso e assumem que estas lhe trouxeram experiências únicas. (E9), por exemplo, explica: “Sim já conheci primeiro pela internet depois viajei ate la ...alem do fato de poder ter conhecido outro estado e ter aprendido um pouco da sua cultura é uma experiencia unica que so foi possivel atraves da internet”. (E3) já teve um namoro virtual de 11 meses e com a atual namorada, já faz planos, abrindo a possibilidade ainda incerta de ir morar com ela: “ela vem agora em julho e provavelmente eu vou pra lá em agosto. Assim que eu colar grau aqui na faculdade[pretende se mudar], provavelmente, não tô dando certeza que eu vá morar no Rio”. (E2) costuma conhecer pessoas na rede e acredita que uma relação virtual baseada na verdade só traz benefícios e conta sua vivência mais recente: “Ela morava na Suíça e ela acabou vindo pro Brasil e ela participou aqui em Salvador de um projeto social junto comigo, né?”

O que se afere sobre as relações virtuais é que o ciberespaço concretiza a busca de si através do contato com o outro, suprimindo demandas diversas, como Pais (2006) defende. Mas por outro lado, este tipo de relação é marcada pelo descrédito por causa dos fakes; pela superficialidade e individualismo de pessoas que só se relacionam com outras de interesse comum e pela irritação daqueles que sentem invadidos em sua privacidade.

Quanto à internet, enquanto marco da geração @, ter acesso a esta tecnologia apresenta-se como uma conexão geracional entre jovens e os usos que cada um faz dela, os divide em diferentes unidades geracionais, pois no ciberespaço, pessoas pertencentes a segmentos homogêneos podem se encontrar independente de distâncias físicas. O jovem pode ter sua individualidade saciada ao poder expressar-se e pertencer a grupos que compartilham de suas características. A rede, até então, dá espaço a todas as tribos. A tabela 02 (ver APÊNDICE H) apresenta dados das diversas unidades geracionais que posicionam os pesquisados em grupos comuns de acordo com a finalidade de uso da internet. Elas estão divididas de acordo com o critério que qualifica o internauta em: a) **consumidor** - que apenas alimenta-se dos recursos da internet como acessar blogs, baixar filmes ou fazer pesquisa, etc.; b) **produtor** - que contribui na construção da internet e sua inteligência coletiva disponibilizando informações via sites pessoais, blogs, etc. promovendo o intercâmbio de informações” - através de ferramentas de troca como chats, emails etc.

A internet mostra-se, ainda, como uma posição geracional. Uma possibilidade de os jovens compartilharem a experiência de conhecer “outra” realidade (a virtual). A concretização ou não desta possibilidade, depende de aspectos políticos e sociais para ocorrer e vai determinar o que se chama hoje de inclusão digital. Quando se fala da juventude, enquanto geração, a internet é um aspecto do contexto contemporâneo que pode unir ou pode separar.

5 O QUE É SER INTERNAUTA

Poder experimentar as oportunidades oferecidas pela internet ainda não é um privilégio de todos. Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br, 2007, p.150), em 2007, 59% dos brasileiros ainda não acessavam este meio de comunicação, embora tenha havido um crescimento se comparado à pesquisa realizada, em 2005, pelo PNAD, na qual 79% eram excluídos do universo digital. Este fato tem suscitado a discussão de estratégias para incluir cidadãos no mundo digital.

Cresce o número de projetos que se dedicam à causa, seja sobre responsabilidade de órgãos governamentais ou não-governamentais. Em 2004, registrava-se que em Salvador havia 119 projetos de inclusão digital (SANTOS; CAMARGO, 2004). De acordo com o Observatório Nacional de Inclusão Digital, que visa mapear os telecentros existentes no Brasil, hoje a Bahia tem 552 unidades (GOVERNO FEDERAL, 2008). Isto é resultado do imaginário que se tem da rede, do que ela pode oferecer de mudança na vida das pessoas. (E16) é taxativo ao comparar pessoas que têm, com as que não têm acesso ao ciberespaço: “Pessoas que tem: Atualizadas, antenadas. Pessoas que ã tem: Pré-históricas, são relógios analógicos na era digital" !”. (E5) explica a diferença:

Vejo que o mundo digital ainda tem muita coisa boa para apresentar a humanidade, a inclusão digital tem que ser uma prioridade mundial como é acabar com a fome....pq isso??? Cada dia que passa vemos que o mundo fica pequeno dentro de um computador um celular (...)Isso significa que a educação já vem contida no mundo digital e possivelmente todas as crianças e estudantes em geral precisarão desse suporte para uma boa educação. O governo como nosso gestor tem por obrigação de acompanhar essa evolução e colocar a rede de ensino publica.

O governo brasileiro apresenta como meta dar acesso aos cidadãos brasileiros ao mundo digital e no site <<http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/outros-programas>>, é possível conhecer 17 iniciativas governamentais com este objetivo. Observa-se que, quando o governo torna o cidadão um incluído digital, oferece um novo meio de acesso a alguns direitos - como educação e trabalho. Dando acesso à internet: “(...)vc está capacitando pessoas pra conquistarem um trabalho melhor, (...)Então...se ela conseguiu

um emprego, ela consegue uma saúde melhor, porque ela consegue pagar um plano de saúde dela” (E1).

Além disto, o cidadão internauta tem facilitado meios para cumprimento de algumas das suas obrigações, como exemplificado através da pesquisa realizada: 66,7% usa a internet para o envio de imposto de renda e 81,9% usa este meio para acessar serviços oferecidos pelo governo. O ciberespaço também contribui para arrecadação de impostos já que 72% dos entrevistados fazem compras e 68,1% realizam transações bancária via rede mundial.

Mas nem todos os jovens entrevistados acreditam que a inclusão digital deve ser uma prioridade do governo. (E2) defende que não adianta dizer: “ ‘ah vc tem internet a partir de hoje’, pra uma pessoa que passe fome, que não tem interesse nenhum em ir pra escola, por que ta com a mãe doente em casa...(...) A internet não é um meio de resolver problemas(...) A educação básica não vai se conseguir através de internet”.

Sobre a opinião expressa por (E2) é preciso considerar a reflexão de Lemos:

O debate é ainda mais forte em países como o Brasil, onde a sociedade está excluída de diversos serviços e direitos básicos (...) Parte-se do princípio que a sociedade deve ser incluída na era da informação. Essa máxima é encarada sem nenhum questionamento (...) Faz-se assim a felicidade de empresas, ONGs e tecnoutópicos que vão nos vender, sob essa ideologia, mais e mais brinquedinhos tecnológicos (LEMOS, 2003).

A inclusão digital pode ser vista ainda como inútil, para aquelas pessoas que não têm percepção de como utilizá-la de forma a mudar suas realidades de acordo com entrevistados como (E8): “A maioria das pessoas que utilizam a internet, são para fins de relacionamento(...)seria muita perda de tempo(...)trabalho na área, aqui no trabalho eu controlo os acessos a internet, e 95% das paginas acessadas são de conteúdos inúteis: como blogger, flog, orkut. Não concordo” com a inclusão digital como prioridade do governo.

O que se precisa esclarecer é que ter acesso a computador conectado à internet é um passo básico, mas insuficiente para inclusão digital, pois esta pressupõe mais do que o acesso técnico. Silveira (2003) conceitua esta inclusão como “a universalização do acesso ao computador conectado à internet, bem como, ao domínio da linguagem básica

para manuseá-lo com autonomia”. Pressupõe, então, um tripé em que ter 1) acesso a computador ligado à internet é apenas o começo; 2) saber manuseá-lo tecnicamente (usar suas ferramentas)²⁸ e 3) saber empregá-lo de forma útil, proveitosa para algum fim de forma autônoma, também é necessário e deve fazer parte do processo de inclusão.

O CGI.br (2007, p.168) reforça este tripé ao apontar os motivos pelos quais os brasileiros nunca utilizaram internet, duas motivações se referem ao pressuposto 1 (acesso a computador ligado à internet): dos quais 18% das pessoas afirmam não ter onde acessar e 31% não têm condições de pagar pelo acesso. Outra motivação relaciona-se ao pressuposto 2 (saber manuseá-lo tecnicamente): 55% apontam falta de habilidade com o computador/internet; E ainda, há brasileiros que não acessam a internet devido ao pressuposto 3 (saber empregá-las de forma útil) visto que 39% pontuam não ter necessidade/ interesse pela internet.

(E7) tenta mostrar à mãe as utilidades da tecnologia para a sua rotina: “Minha mãe não suporta nem computador, nem internet, mas eu digo que ela não sabe usar o que tem de bom, o que facilita muito e até diminui o tempo que gastaríamos indo pagar uma conta, pegando fila, transporte enquanto podemos levar 5 minutos acessando e pagando”. (E9) também concorda que quem não acha internet uma ferramenta fundamental é porque: “nao conhece o poder que ela tem e da liberdade que ela te dar...apenas vem como algo sem muita importancia para a vida delas...sem saber que foi umas das maiores revolucoes que vivemos”.

Ao responder sobre “o que é incluir digitalmente?”, o governo da Bahia dá ênfase a este terceiro ponto, fazendo inclusive, uma relação entre inclusão digital e temáticas da inclusão social:

- Possibilitar a apropriação da tecnologia e o desenvolvimento das pessoas nos mais diferentes aspectos;
- Estimular a geração de emprego e renda;
- Promover a melhoria da qualidade de vida das famílias;
- Proporcionar maior liberdade social;
- Incentivar a construção e manutenção de uma sociedade ativa, culta e empreendedora. (BAHIA, 2008)

Todavia, às vezes, não é dada atenção a este tripé, pois a partir de pesquisa feita em 14 projetos de inclusão digital em Salvador, Costa e Lemos (2005) concluem que a

²⁸ Ver no Anexo A - Tabela do CGI.br sobre habilidades dos brasileiros no uso da internet

perspectiva tecnocrata é, ainda, o principal foco. Observa que dão acesso e ensinam o uso de software e hardwares, mas não focam em meios que possibilitem aos usuários compreenderem e apreenderem com autonomia as oportunidades da internet. O mesmo acontece com projetos oferecidos pelo governo, a exemplo do:

- 1) **Computador para todos** que “permite à indústria e ao varejo a oferta de computador e acesso à internet a preços subsidiados”;
- 2) **Projeto Computadores para Inclusão**: “Implantação de um sistema nacional de condicionamento de computadores usados, doados pelas iniciativas pública e privada, condicionados por jovens de baixa renda em formação profissionalizante, e distribuídos a telecentros, escolas e bibliotecas de todo o território nacional.”, e
- 3) **PROINFO** que dá “Apoio à introdução das tecnologias de informação e comunicação nas escolas públicas de ensino médio e fundamental em parceria com os governos estaduais e municipais”. (BRASIL, INCLUSÃO DIGITAL, 2008)

Sobre este último, Pretto (2007) diz que as declarações públicas do Ministro da Ciência e Tecnologia e de seus Secretários, insistindo sempre no uso de palavras como “recurso” e “treinamento”, indicam a perspectiva instrumental da internet, não sensibilizando o internauta a uma aprendizagem independente, através da busca curiosa, de descobertas através da prática de uso e ampliação da visão sobre a tecnologia.

Até mesmo o governo do Estado da Bahia, ao definir a inclusão digital, mencionado anteriormente, pontuou a importância da “apropriação da tecnologia e o desenvolvimento das pessoas em diferentes aspectos” e ao apontar que a “Cidadania Digital” (Programa de Inclusão Sócio-Digital do Estado da Bahia) “objetiva, através do amplo e generalizado uso e apropriação das tecnologias, possibilitar o desenvolvimento humano e social nas mais distintas áreas” não aplicou esta teoria à prática do seu projeto “Centro de Cidadania Digital”²⁷ que restringe-se a “salas equipadas com microcomputadores, com uma série de softwares livres instalados, conectados à internet banda larga”. (BAHIA, 2008)

Como apresentado anteriormente, o acesso a computador é pressuposto para inclusão digital, mas conhecer e manusear os programas são passos essenciais que seguidos da

capacidade de utilizar as possibilidades do ciberespaço de forma autônoma é, como diz Lemos (2006), um rito de passagem que só ocorre quando o cibernauta aprende a andar pelo novo espaço com seus próprios pés, quando ele enxerga o que há de potencial na virtualidade. E é claro que quem possui um arcabouço cultural mais rico tem maior facilidade de vislumbrar possibilidades. Neste aspecto, Marshall (1967) aponta a educação como fator determinante do ser, já que ela influencia o comportamento social das pessoas e por isto aparece como um direito.

O direito da educação é um direito social da cidadania genuíno porque o objetivo da educação durante a infância é moldar o adulto em perspectiva. Basicamente deveria ser considerado não como o direito da criança freqüentar a escola, mas como o direito do cidadão adulto ter sido educado. (MARSHALL, 1967, p.73)

Silveira(2005, p5), por sua vez, destaca que “ter contato com a informação pode não gerar conhecimento. Para tal, será preciso uma boa orientação”. A falta de orientação não leva apenas à subutilização da internet, ela expõe o internauta a situações de risco: (E7) esclarece que “Pessoas inocentes saem clicando aqui e ali sem saber que página vai abrir, fazendo inscrições em sites sem conhecer e acaba entrando em uma rede de sexo... essas coisas assim”. Justifica que, por isso, defende que a educação para o uso da internet deve ser dada pelo governo e, ainda, a proibição de acesso a crianças, para que estas não corram o risco de ficarem expostas a conteúdos que possam influenciá-las negativamente.

Alves aponta que a escola é um meio de construir novos significados da internet se esta for utilizada como meio de apropriação de conhecimentos para transformação de pessoas.

(...)percebo que a comunicação via rede é um caminho possível dentro do ambiente escolar, uma vez que, além de permitir a abertura de novos canais de comunicação da escola com o mundo, torna possível uma maior aproximação com pessoas, em diferentes pontos do globo terrestre, possibilitando a construção de uma inteligência coletiva, que nasce com base no desejo de cada sujeito e é negociada, constantemente, com o desejo do outro. (ALVES, 2000)

Claro, que se deve considerar, neste caso, a ruptura da barreira idiomática também. Mas a partir do momento que a inclusão digital acontece em sua totalidade, possibilita que o

nível de desigualdade cultural e social torne-se cada vez menor. A inclusão aparece como ferramenta estratégica potencial para transformar as pessoas e suas vidas, pois quem tem a internet como parte de suas rotinas sente que o acesso ao mundo virtual é útil e necessário, possuindo significados em suas vidas. (E17) desabafa que se não tivesse acesso à internet se sentiria: “menos desenvolvido do que estou agora, pois aprendi muita coisa com apenas 17 anos, estaria menos informado sobre uma grande diversidade de informações e talvez não estaria cursando em um centro universitário o que mudou muito minha vida”. (E17) segue afirmando que a vida do internauta muda e ele se percebe como agente potencial para transformação do mundo. (E1) dá outro exemplo apontando que com: “a google... duas pessoa criaram um site que agora é uma das maiores empresas do mundo. Então...com essa... por causa de duas pessoa, milhares de pessoas ganham emprego” e pontua que quer trabalhar com algo que lhe permita galgar resultados semelhantes, apreende assim novos significados da internet e novas expectativas para si.

5.1. ALGUNS DESAFIOS PARA OS INTERNATUTAS E PARA O FUTURO

O ciberespaço traz mudanças na vida dos internautas. Transforma suas identidades, seus valores, suas rotinas e expectativas. Traz também novos desafios apontados pelos entrevistados:

- **Falta de tempo** - 37,5% dos graduandos em redes de computadores pesquisados gostariam de acessar mais tempo a internet. Isto representa a subutilização da rede, no que tange as demandas dos jovens. Os entrevistados sentem-se desatualizados ou “fora do mundo” quando não podem ir ao mundo virtual ou sentem-se ansiosos de terem de tomar algumas decisões ou emitir opiniões sem antes terem feito uma pesquisa na rede.
- **Auto-disciplina** - O excesso de possibilidades de ações oferecido pelo ciberespaço demanda que o internauta tenha, dentre outras coisas, a capacidade de navegar de forma objetiva, sem se deixar levar pela multiplicidade de caminhos: “Na verdade é uma administração melhor que tenho que adotar para mim, eu perco muito tempo conversando com pessoas quando eu poderia esta pesquisando coisas para aumentar meu conhecimento” (E15). Por isto, quando

tem afazeres para realizar, (E1) adota uma prática que considera eficaz, de ficar off-line quando está conectado no msn:

Off-line vc tem acesso a todo mundo que está on-line e (...)vc consegue conversar com as pessoas. Então eu prefiro ficar assim, por que tem horas que eu to ocupado trabalhando e toda hora tem alguém me chamando pra conversar, pra tirar dúvida, pra brincar, falar alguma.

A diversidade de interrogações que permeiam as tecnologias de informação e comunicação (TIC's) faz com que sujam desafios não só em níveis individuais, estes se expressam em grupos de pesquisas e publicações de diferentes áreas, que visam trazer maior compreensão teórica e prática das suas aplicabilidades. Fazer um levantamento de sua totalidade é um exercício interminável, mas o Apêndice I apresenta uma lista de endereços eletrônicos relacionados a temáticas de pesquisas sobre as TIC's, como:

- 1) Na área do trabalho, as pesquisas de administração e processos gerenciais discutem meios de aperfeiçoar a gestão de processos e pessoas, além do perfil de consumidores que fazem e de que não fazem compras via internet; A área de jornalismo, turismo, comércio, finanças e mesmo construção civil também buscam meios de se beneficiarem das TICs;
- 2) No campo da educação, investe-se no desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem e de outras ferramentas de suporte e apoio ao ensino e aprendizagem com interações presenciais e a distância, inclusive jogos virtuais, objetivando uma menor subutilização destas ferramentas no processo de ensino;
- 3) Projetos que estudam distribuição de informação apontam também meios de melhoramento de softwares e gerenciamento de redes, além da criação de bibliotecas virtuais. Neste campo, também está em voga a discussão sobre software livre como meio colaborativo;
- 4) No âmbito da cibercultura, as relações virtuais visam dar mais clareza sobre as possíveis especificidades desta forma de interação em comparação com o contato presencial; os ciberpunks, a exemplo de hackers, que são internautas com alto conhecimento e domínio na manipulação da rede e que utilizam esta habilidade para fins nem sempre éticos, por vezes de revolta, também são alvo das pesquisas em cibercultura;

- 5) Pesquisa-se ainda, uma maior compreensão da realidade virtual como construção de espaços imaginários que podem ser percorridos e explorados distanciando e/ou aproximando o mundo “fictício” do real;
- 6) A inteligência artificial é pesquisada na área das Ciências da Computação voltada para o desenvolvimento de sistemas de computadores inteligentes - que exibem características que estão associadas à inteligência no comportamento humano, como a compreensão da linguagem, aprendizado, raciocínio e resolução de problemas;
- 7) A influência da internet nos diversos campos do direito - criminal, do consumidor, comercial, empresarial, privacidade, etc. ganham força fazendo surgir uma nova área de atuação para advogados - o Direito digital;
- 8) Compreender as mudanças comunicacionais e sócio-políticas do espaço urbano levando em consideração múltiplos eixos - como celular 3G, ciberativismo, portais governamentais, análise de interfaces de portais, e-gov, privacidade vigilância, delegacias virtuais etc. - são tratadas em discussões cuja temática central é “cibercidades”, e
- 9) Por último, mas não menos relevante, a inclusão digital, continua como tema de reflexão e desafio sobre as TIC's.

O apêndice I traz um breve relação de livros, projetos de pesquisa, grupos de pesquisas e outras publicações que caracterizam a multiplicidade de temas relacionados as TIC's em especial à internet. Estes dados foram levantados na própria rede através do Portal de Informação Científica e Tecnológica (PROSSIGA), O Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), livrarias e sites de busca.

Cada revolução tecnológica traz mudanças no contexto em que acontece. Quando estas revoluções se relacionam com meios de comunicação, que gradativamente penetram no cotidiano das pessoas - a exemplo o rádio, televisão e, agora, internet - as transformações são mais profundas e talvez mais permanentes. A internet tem o entorno global, já que as mudanças são para “todo o mundo”, mesmo que isto não seja percebido diretamente, assim que é preciso conhecê-la.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet é um fator presente na contemporaneidade que possibilita ações novas ou reconfigura formas de fazer o que se fazia, oportunizando para internautas a construção de significados da rede e também de si, sendo que os diferentes sentidos que ganha devem ser relativizados, a partir do uso que é feito, de quem faz e como é feito. Os jovens internautas graduandos em redes de computadores adotam o ciberespaço em seus cotidianos nas três dimensões sugeridas por esta pesquisa: transformação da rotina, relações sociais e identidade. A construção do objeto de pesquisa trouxe reflexões que foram respondidas ao longo do presente documento e serão aqui resumidas em tópicos e, desde já, admito que as respostas trouxeram ainda mais interrogações. *A priori*, três conclusões gerais devem ser apresentadas, pois servem de base para as demais:

A primeira é que quando se fala em ser um jovem internauta, existe uma reflexividade entre jovens-internet-relações: a rede influencia suas vidas, ao tempo em que o uso que fazem dela, remodela e modifica o ambiente e as relações sociais nas quais o internauta esteja integrado.

Todos são agentes e objetos de mudança. Navegar pelo mundo virtual é tornar possível agregar valor à “inteligência coletiva” e permite a interferência no mundo global. A internet é, e pode tornar o jovem, fator de influência e mudanças. Isto acontece no âmbito individual, mas também no coletivo.

A segunda é que para o jovem, enquanto sujeito coletivo, a internet é um marco geracional que traz a emergência da Geração @, que está embebida em uma nova cultura – a cibercultura – marcada por: 1) re-significação de valores e comportamento; 2) mudança na percepção de si e do outro; 3) expectativas de transformação de vida, e 4) uso da rede como parte da rotina. As questões aqui concluídas são marcas desta nova geração – representada, durante toda a pesquisa pelos graduandos de redes de computadores pesquisados e/ou entrevistados.

Enquanto posição geracional, a internet separa jovens em incluídos e excluídos digitalmente. Dentre os internautas, segmenta-os, em diversas unidades geracionais a depender do uso que fazem e a pró-atividade destes na utilização das potencialidades da rede em suas vidas, o que determina uma conexão geracional entre eles.

A terceira conclusão considera os diferentes usos da rede. Percebeu-se que estes usos agregam significados variados da rede no imaginário dos graduandos pesquisados. A forma como um jovem utiliza a internet varia conforme alguns pontos apresentados - a seguir - de onde os significados florescem:

- 1) A **individualidade** do internauta, pois a rede abraça pessoas de raças, idades, gênero, valores, culturas diversas, o que significa para elas respeito à **diversidade e chance de escolha**;
- 2) A **compreensão** sobre as possibilidades que a internet oferece para suas vidas, representando a possível **passagem do potencial para o real** dos interesses, sonhos e demandas do internauta;
- 3) Disponibilidade de **tempo** e acesso às **ferramentas** do ciberespaço, que codificam a **utilização plena ou subutilização** da rede em relação às demandas. Os internautas gostariam de poder navegar mais tempo para saciar demandas;
- 4) **Interesse**, que se traduz em **comodidade ou pró-atividade do jovem**, considerando que o ciberespaço solicita do internauta uma nova postura de ação em relação à televisão e por isto a preferência por este meio não é unânime para alguns. No que se refere a questões como busca de entretenimento ou lazer, há quem opte pela televisão;
- 5) **Disciplina**, o que figura a **eficiência na navegação**, já que internautas admitem “se perder” na rede o que traz como consequência a falta de objetividade em realizar as atividades a que se propõem ao acessar, e
- 6) **Consciência**, o que se traduz nos **efeitos das ações** das pessoas em suas vidas, na dos outros e no mundo, tendo em vista que alguns jovens fazem uso irresponsável ou arriscado da nova tecnologia.

A verdade é que as três dimensões da pesquisa estão interligadas entre si, afinal se há uma influência da internet na identidade do jovem, isto vai se refletir na forma dele se relacionar e nas maneiras de estabelecer suas rotinas. Além do que, quando se fala de relações sociais é preciso lembrar que o contato com o outro é um meio de afirmação de

identidade. Assim concluímos estas dimensões, iniciando com duas reflexões propostas na construção do objeto: **a primeira relaciona a internet como meio de construção de significados que podem contribuir - apesar de não determinar - a construção de identidades dos jovens.** E a partir desta, refletiu-se que se a rede apresenta-se como meio de construção de novos significados é compreensível **que jovens internautas percebam-se como diferentes daqueles digitalmente excluídos.** Reforçando que a geração @ aqui apresentada refere-se apenas aos graduandos de redes de computadores que fizeram parte da pesquisa e que as conclusões não são unânimes para todos eles, aponta-se que:

- A rede é procurada pelo jovem como meio de formação de opinião, por lhe oferecer multiplicidade de pontos de vista, o que exige mais responsabilidade do internauta na seletividade das fontes. Daí duas conseqüências são indicadas, segundo o ponto de vista dos entrevistados: de um lado isto é positivo, pois ela não incentiva a homogeneidade de comportamentos como a TV, respeitando individualidades; mas por outro, é negativo, pois há oferta de comportamentos de risco e de fontes duvidosas para internautas, que precisam ser atentadas no momento de formar opiniões.
- Jovens tornam-se formadores de opinião, usam a internet para influenciar comportamentos, seja por postagens de informações ou via relações virtuais de interesses comuns ou diversos. A credibilidade deles enquanto fonte é duvidosa, pois, se de um lado há quem se dedique a tornar-se fonte de credibilidade ilibada, há quem atue com motivações pessoais e individuais de caráter duvidoso, divulgando informações inverídicas. Expressar-se sem ter responsabilidades pela conseqüência, torna o internauta agente de informação de risco.
- A preferência pelo meio de ter informação e lazer não é unânime entre os entrevistados. A pró-atividade e o gosto por buscar os conteúdos é visível, pois vêem a rede como um meio de obtenção de conteúdos de melhor qualidade e variedade. Exercem uma nova relação com o aprender. Mas há quem ache a prática cansativa e prefira métodos expositivos – como os oferecidos pela televisão.

- Os entrevistados acreditam que muitos internautas não sabem usar a internet de forma proveitosa, reservando-se a práticas que julgam menos valorosas como blogs, chats ou relações virtuais com uso de fake.
- A rede colabora na busca de significados para o processo de individualização. O internauta procura isto, tanto pela proximidade - ao buscar vivências com pessoas de interesses comuns - quanto pela resistência - ao trazer reafirmação no contato com o diferente (a exemplos de contato com homossexuais e crackers).
- Na internet, os jovens exercem papéis sociais diversos, ao exercitarem múltiplos jogos de linguagem. Claro que isto também ocorre fora da rede, já que vai-se à faculdade como aluno, vai-se ao shopping como consumidor, mas no ciberespaço, em um mesmo momento, assume-se diversos papéis, ao clicar do mouse, navegando por múltiplas janelas. Talvez isso potencialize a fragilização do indivíduo como aponta Sibila (2008). Questiona-se, ainda, se esta fragilização está diretamente ligada com a superficialidade das relações sociais.
- Para os jovens pesquisados, a internet é fonte de proximidade com a cidadania, já que exercitam atividades ligadas à educação, trabalho, movimentos políticos/sociais/ambientais. Além de acessarem serviços do governo no ciberespaço.
- Jovens da geração net que foram entrevistados sentem-se mais protegidos em agir na rede. A ausência física age como escudo protetor, ao, supostamente, não dar acesso à identificação, daí também a justificativa no uso de fakes e anonimato. Hipotetiza-se, que devido a isto haja a subutilização de ferramentas como blog, fotolog e sites pessoais, que identificam as pessoas.
- Anonimato e criação de identidades virtuais fake são práticas polêmicas utilizadas por internautas entrevistados. Os que discordam desta atitude vinculam a: 1) Ações de caráter duvidoso, pois acreditam que se alguém não identifica sua identidade real é com objetivos nocivos e danosos; 2) Meio de saciar alguma carência associada à baixa auto-estima ou dificuldade de relacionamento, mas não vêem esta prática como meio adequado para este fim,

pois acham que o internauta pode se prejudicar ou viciar-se, afastando-o de sua realidade. Os que apóiam a prática defendem as mais diversas motivações: maior facilidade de expressão, segurança, defesa, fugir de preconceitos, busca de conhecimentos que na vida presencial seria desconfortável, acessar a privacidade do outro sem ser identificado, simular situações. Há, neste caso, algum tipo de satisfação, alívio ou conforto nesta atitude.

- O anonimato e o fake utilizados como meio de fuga, seja de compromissos, de responsabilidade, ou de questionamentos, são considerados meios facilitadores da expressividade.
- As identidades fakes têm características opostas às identidades off-line. O que é compreensível, uma vez que são utilizadas como meio de suprir alguma demandas que os jovens julgam não ser possível com a identidade off-line. Assim, são usados para acessar à lógica do “Pareço, logo sou”.
- Não há um consenso sobre em quais situações o uso de fakes é aceitável. De um lado, é uma prática esperada no meio digital; de outro, é tido como uma prática egoísta e, apesar de alguns usarem, não querem ser alvo da prática.

Ainda na dimensão identidade, buscou-se aferir dos jovens **como se percebem por serem digitalmente incluídos** e o que se pôde concluir foi que:

- A rede é vista como meio de desenvolvimento do ser, influenciando na percepção que o jovem tem de si. Eles se sentem mais: “mais cultos, mais poderosos, mais atualizados, mais capazes”, ou até mais parte do mundo. Por isso que ser ou não ser internauta não se resume a ter ou não computador ou a acessar ou não a internet, significa acesso ou não à uma nova cultura. Significa perceber-se diferente. É um ritual de passagem.
- Os jovens entrevistados da geração net vêem os excluídos digitais como pessoas com menos possibilidades que as suas, pois a rede é vista como fonte de poder fazer mais coisas e ter mais oportunidades.

Dentro da relação internet-identidade, se, de um lado, a rede possibilita uma fragilização de identidade fixa e única (SIBILA 2008; HALL, 2000), por permitir as múltiplas manifestações, inclusive simultâneas dos internautas; se, age ainda como facilitador de ilusões por oportunizar que os jovens vivam a lógica do “Pareço, logo sou!”, por outro lado, permite que os jovens internautas se vejam com capacidades ampliadas, com facilidades oportunizadas por terem acesso à cibercultura e ao ciberespaço. A segunda dimensão tange justamente a percepção que o jovem tem da rede como fator de **transformação da rotina**. Sobre isto:

- Os graduandos entrevistados da geração @ vêem a internet como facilitadora fundamental da rotina, colocando a rede como elemento de grande valor e acreditam não conseguir mais estar sem ela, pois fazem de tudo através da rede: lazer, trabalho, estudo, expressão, relacionamentos, formação de opinião. A multiplicidade de informações, a acessibilidade destas sem sair de casa e a flexibilidade de horário de acesso são os principais fatores da internet vista como facilitadora.
- Internautas consideram que o ciberespaço traz alguns desafios para suas rotinas como: 1) a necessidade de se disciplinarem para não perderem tempo navegando, 2) falta de tempo para ficar mais na internet, uma vez que esta necessidade é vista como uma nova demanda que não está sendo 100% suprida, 3) o assédio constante das pessoas no msn é incômodo e, por vezes, atrapalha as atividades cotidianas.
- Os jovens vêem na rede uma estratégia contra a vulnerabilidade social, de acesso a bens simbólicos e materiais. A rede já é percebida como meio de acesso a oportunidades ou como facilitadora da formação profissional seja através de relações sociais na distribuição de currículos ou através do surgimento de atividades autônomas vinculadas à rede que podem ser divulgadas.
- Há pró-atividade na divulgação de trabalhos e idéias, mas o uso de ferramentas como site pessoal e blogs parecem práticas subutilizadas. Hipotetiza-se que estas ferramentas são evitadas por exporem a identidade do internauta para toda a rede, sem que eles tenham controle de quem terá acesso às informações.

- Jovens entrevistados pertencente à geração @ o ciberespaço como local de risco. Considera que ali é um espaço onde podem ser alvo de atividades criminosas ligadas a atividades de cracker ou fakes. Por isso, costumam ter ações preventivas, como se relacionar com pessoas previamente conhecidas.
- Enquanto consumidor, o jovem vê o ciberespaço como meio de acesso ao mundo global, pois a utiliza para fins econômicos. Consomem produtos de outros Estados e, em alguns casos, de outros países.

Sobre a dimensão relações sociais, buscou-se compreender se os jovens consideram que **a internet contribui nas suas formas de se relacionar**, sendo que algumas conclusões já foram citadas anteriormente. Além destas, aferiu-se que:

- A rede é utilizada como meio de socialização, mas na maioria dos casos o objetivo da ruptura representa quebra de barreiras físicas e não de barreiras culturais, pois os jovens costumam se comunicar com quem já conhecem: parentes, amigos, noivas. Priorizam a manutenção e não a criação de laços pessoais. As distâncias percorridas nas relações, em geral, limitam-se ao Brasil. Neste caso, internet faz às vezes de um carro, mas não de um avião.
- Para os jovens, relações iniciadas através da presença virtual não são confiáveis, pois acreditam que levam ao risco e à decepção. Assim, consideram o contato físico como fator de segurança para eles. Achar que estas relações sejam possíveis e seguras é a exceção.
- Haver um interesse comum prévio com o outro é pressuposto para os jovens se motivarem a conhecer alguém, mesmo assim, o interesse comum é o foco da relação e não a criação de laços pessoais. Terminados os temas de interesse comum, vínculos raramente são mantidos.
- Ser rejeitado ou criticado no mundo virtual não tem o mesmo valor que nas relações presenciais. Não ter uma exposição física no momento da rejeição é menos constrangedor.

- O valor de criminalidade se reconfigura no mundo virtual para os internautas. Ter contatos ou praticar atividades crackers, para alguns, é um meio de conhecimento. O uso de fake é uma prática que é esperada, apesar de indesejada.
- O uso de fake é um motivador do descrédito em relações virtuais e passa a imagem de crimes ou ações nocivas cometidas na rede, além do distanciamento da realidade, distanciando os jovens destas relações. Por isso, apesar de as pessoas também poderem mentir sobre quem são off-line, reafirmam que a presença física é um fator de maior segurança para os internautas.
- Os jovens têm opiniões dispares quanto ao valor de público e privado na internet. Alguns acham que ao se fazer parte de sites de relacionamento, o internauta está disposto a ver sua vida privada virar pública. Outros acreditam que fazer partes destes sites não dá às pessoas o direito de acessarem suas informações, mesmo estas estando expostas na rede mundial. Neste caso, consideram que a privacidade vem antes da democracia da informação. Dessa forma, os valores de público e privado ganham diferentes significados entre os jovens.

A internet traz apenas uma unanimidade: ela é importante para os jovens graduandos em redes de computadores, apesar de não trazer homogeneidade de significados e usos. Enquanto marco geracional, os jovens a percebem e apreendem de distintas formas. A rede oferece aos usuários a chance de construir significados de acordo com sua individualidade e interesse, transformando o ser. Assim, considera-se que políticas públicas de inclusão digital são um meio estratégico para colaborar nas soluções de problemas sociais, desde que, e apenas se, respeitarem o tripé (material, técnico e perceptivo). É preciso atentar sobre os riscos do ciberespaço, mas não afastá-lo do cotidiano dos jovens. Enquanto cidadãos, a juventude que compõe a geração @ exerce suas obrigações e direitos no ciberespaço. Concorde-se que uma técnica não é nem boa nem má, como diz Lévy (1998), o uso que fazemos delas é que lhes dá valor.

Somos o que fazemos e pensamos. Nossas características físicas e comportamentais nos distinguem. O comportamento e imaginário são fruto da história e da cultura de cada

um, bem como da influência dos grupos sociais a que se pertence. Construimos significados continuamente, a partir do processamento de experiências reflexivas com o mundo exterior, das relações sociais. Estes significados determinam nosso pensar e nosso agir. Nos individualiza, nos identifica. A internet se apresenta, pois, como uma experiência, um conhecimento novo que traz oportunidade de construir significados para quem se permite um contato prático. Somos atores neste processo, talvez nem sempre da forma que queremos, mas da maneira que podemos.

7 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (Coord.). **Juventude, juventudes: o que une e o que separa?** UNESCO, Brasília, 2006.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia, et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO. 2002. 154p.

ADORNO. T. W.. A indústria cultural. In. CONH. Gabriel. **Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade.** 5 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

ALVES, L. R. G. Conhecimento e Internet: uma construção possível?. **Revista de Educação da Faculdade de Educação - FEBA**,. Salvador: , v.1, n.1,2000. p.91-108.

_____. Jogos eletrônicos e violência – um caleidoscópio de imagem. 2004. Disponível em: <http://www.lynn.pro.br/artigos.htm>. Acesso em 8 jun 2008.

ASSIS, S.; DESLANES, S.; MINAYO, M.C.; SANTOS, N.. Definição de objetivos e construção de indicadores visando à triangulação. In: MINAYO, M.C. (Org.) **Avaliação por triangulação de métodos.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p.105-222

ASSOCIAÇÃO PROMOVE inclusão digital para deficientes visuais. 2006. Disponível em: <http://www.acesasp.sp.gov.br/html/modules/news/article.php?storyid=167> . Acesso em 20 dez 2007.

AZEREDO. Eduardo. **Projeto de Lei substitua do Senador Eduardo Azeredo** (PSDB-MG). Disponível em: <http://www.safernet.org.br/twiki/bin/view/SaferNet/PLSEduardoAzeredo>. Acesso em 01 ago. 2008.

BAHIA. Governo do Estado. Cidadania Digital. **Programa de inclusão sociodigital do Estado da Bahia.** Inclusão Sócio-digital. Disponível em: <http://www.cidadaniadigital.ba.gov.br/inclusaodigital.php?pgid=1> . Acesso: 4 ago. 2008

BAHIA. Governo do Estado. Cidadania Digital: programa de inclusão sociodigital do Estado da Bahia. Como abrir um centro digital. Disponível em:

<http://www.cidadaniadigital.ba.gov.br/infocentro.php?pgid=13> . Acesso: 4 ago. 2008

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: a busca de segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAYM, Nancy. "The emergence of online community". 1988. In. CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. The Mit Press. Cambridge. Disponível em: <http://mitpress.mit.edu/catalog/item/default.asp?ttype=2&tid=3468&mode=toc>. Acesso 11 ago. 2008

BOTH, W.C; COLOMB, G; WILLIAMS, J.. A arte da pesquisa. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 49-61.

BOULHOSA, Adriana Sanmartin; SANTOS, Ana Carolina Oliveira; SANTOS, Fernanda Pinho dos. **Trabalho e tecnologia: a imagem que bancários e petroquímicos têm do trabalho que desenvolvem com o uso das novas tecnologias da Informação**. 2001.140f. Monografia (Graduação)-Universidade Salvador, Salvador, 2001.

BRASIL. Congresso. Senado Federal, Comissão Diretora. Texto integral de proposições:Parcer nº657, de 2008. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/atividade/Materia/getHTML.asp?t=13674>. Acesso em: 1 ago. 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.** São Paulo: Revista dos Trbuinais, 2000.

BRASIL. Governo Federal. Inclusão Digital. Serviços do Governo. Disponível em http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/servicos-governamentais/folder_summary_view?b_start:int=0&-C=> .Acesso 4 ago. 2008

BRASIL. Governo Federal. Observatório Nacional de Inclusão Digital. Disponível em <http://www.onid.org.br/mapas/> Acesso 4 ago. 2008.

BREED, W.. Comunicação de massa e integração sociocultural. In. CONH. Gabriel. **Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade**. 5ed. São Paulo: T.A.Queiroz, 1987.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. O poder da Identidade. São Paulo:Paz e Terra,1999(a).

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil**: TIC domicílios e TIC empresas 2007. São Paulo. Disponível em : <http://www.cetic.br/tic/2006/indicadores-2006.pdf> . Acesso em 20 ago. 2008.

COSTA, Leonardo Figueiredo; LEMOS, André. Um modelo de inclusão digital: o caso da cidade de Salvador. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**. Vol.VIII, nº 6, 2005. Disponível em: <http://www2.eptic.com.br/arquivos/Revistas/VII,n.3,2005/AndreLemos-LeonardoCosta.pdf> . Acesso em 20 dez. 2006.

DA POIAN, Carmen. **Inquietações contemporâneas**: formas de vazío. Conferência proferida em 5 abr. 2000, na abertura do Ciclo de Debates "Inquietações Contemporâneas, promovido pelo Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.etatsgeneraux-psychanalyse.net/mag/archives/paris2000/texte224.html> Acesso 11 ago. 2008

DADOS DO ORKUT estão em risco: MP pede quebra do sigilo e investigará comunidades. **2008**. Disponível em: http://www.juspodivm.com.br/noticias/noticias_711.html .Acesso em 05 jun. 2008

FILGUEIRA, C.H.. Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social:aproximaciones conceptuales recientes. In: CEPAL. **Seminário Vulnerabilidad**. Santiago de Chile: CEPAL, 2001. Disponível em: <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/3/8283/cfilgueira.pdf>. Acesso 12 ago. 2008

ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING. Assessoria de Comunicação. O que os jovens fazem na WEB. 2005. In: Observatório de Imprensa. **Notícias**. Seção Novos hábitos. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=329ENO002> Acesso 11 ago 2008.

FOLHAONLINE. Confira alguns crimes virtuais que viraram notícia, 7 jan. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u19460.shtml>. Acesso: 1 ago. 2008

FEIXA, Carles. **“Generación @. La juventud en la era digital”**. Nómadas, Santafé de Bogotá (Colombia), v. 13, 2000. p. 76-91.

- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal Paulista, 1991.
- GUIMARÃES, Thelma. **Criatividade e inovação**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens e mudança de cultura. São Paulo: Loyola, 1992.
- HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.
- HYPESCIENCE. **Entenda a lei que coíbe crimes na internet**. Disponível em: <http://tc.hypescience.com/hype.asp?cod=2697> .Acesso:1 ago. 2008
- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra por domicílios 2005.
- ITANI, Alice. **Subterrâneos do Trabalho**: imaginário tecnológico no Cotidiano. São Paulo: Hucitec, 1997.
- JODELET, Denise. **Representações sociais**: um domínio em expansão. (In.) JODELET, Denise. (Org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- JOHNSON, Laird; BYRNE, Ruth. **A gentle introduction..** 2000. Disponível em http://www.tcd.ie/Psychology/Ruth_Byrne/mental_models/ .Acesso em 11 ago. 2008.
- LAZARFELD, P.F.; MERTON, R. K. Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada. In. CONH. Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade. 5 ed. São Paulo: T.A.Queiroz, 1987.

LEMOS, André. **As estruturas antropológicas do Cyberespaço**. 2006. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcy1.html> . Acesso em: 04 nov. 2006.

LEMOS, André; SILVEIRA; Sérgio Amadeu da; CARIBÉ, João Carlos Rebello. **Pelo veto ao projeto de cibercrimes**: em defesa da liberdade e do progresso do conhecimento na internet brasileira. Set. 2007. Disponível em: <http://www.petitiononline.com/veto2008/>. Acesso em 1 ago. 2008

_____. Dogmas da inclusão digital. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/inclusao.pdf> . Acesso em 04 mai. 2007

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. O que é o virtual. São Paulo: Ed. 34, 1998.

_____.O que é o virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996.

MANNHEIM, Karl. (1928). WELLER, Wivian. XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. Recife. **Um pioneiro da sociologia da juventude**. Anais... 2007.

MARSHALL, T.H..**Cidadania, classe social e status**: Rio de janeiro: Zahar Editores, 1967.

MELUCCI, Alberto. A busca da qualidade, ação social e cultura In: MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 25-43

MINAYO, Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos (Orgs.) Definição de Objetivos e Construção de Indicadores visando a Triangulação. In: MINAYO, Cecília de Souza, et al. **Avaliação por Triangulação de Métodos**. Rio de Janeiro: Fiocuz, 2005, p. 105-132.

_____. Construção dos Instrumentos Qualitativos e Quantitativos. In: MINAYO, et al. **Avaliação por triangulação de métodos**. Rio de Janeiro: Fiocuz, 2005. p.133-156

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. Introdução à sociologia. São Paulo: Ática 2002 .

PAIS, José Machado. Prefácio - Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. São Paulo: Zahar, 2006.

PERERIRA, José Haroldo. **Curso básico de teoria da comunicação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

PRADO, O.Z. **Pesquisa Internet e comportamento**: um estudo exploratório sobre as características de uso da Internet. São Paulo. 1998. Disponível em: www.netpesquisa.com . Acesso em 03 abr. 2007.

PRETTO, Nelson. **Educação e inovação tecnológica**: um olhar sobre as políticas públicas brasileiras. Salvador. Disponível em: <http://www.ufba.br/~pretto/textos/rbe11.htm> Acesso em 20 abr. 2007.

QUILOMBOLAS CONECTADOS à internet vencem licitação em São Paulo. 2006. Disponível em: <http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/noticia/quilombolas-conectados-a-internet-vencem-licitacao-em-sao-paulo/>. Data de acesso: 20 dez. 2007.

REDE DE INFORMAÇÃO PARA O TERCEIRO SETOR- RITS. **Apropriação cidadã dos telecentros de São Paulo**: um levantamento social. São Paulo: Rits, 2004. Disponível em <http://www.infoinclusao.org.br> . Acesso em 13 mai 2007

SANTOS, Cleria Vanusa Soares; CAMARGO, Marly Figares. **Experiências de inclusão digital em Salvador (Bahia)**: projetos com o uso do computador em 2004. Salvador, 2004. Disponível em: http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/RibeiroCleriaMarly.pdf . Acesso em 20 set. 2006.

SHAH, Nishant. **PlayBlog**: Pornography, performance and cyberspace. Cut-up.com Magazine. Holanda, V.2.5, issue 42, 24 set. 2005. Disponível em: <http://www.cut-up.com/news/detail.php?sid=413> .Acesso em 17 ago. 2008

SAFERNET BRASIL. Central de denúncias contra crimes cibernéticos. Disponível em <http://www.denunciar.org.br/wiki/bin/view/SaferNet/WebHome>. Acessado em 1 ago. 2008

SIBILA, Paula. La intimidad como espetáculo. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. **Inclusão digital, software livre e Globalização contra hegemônica**. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.softwarelivre.gov.br/softwarelivre/artigos/artigo_02. Acesso em 18 set. 2006.

_____. **Exclusão digital: a miséria na era da informação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

TAPSCOOT, Don . **Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração Net**. São Paulo: Makron Books, 1999.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia: conceitos e aplicações**. Traduzido por Maria marques Gomes Navas. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000.

VIEIRA, Liszt. Em torno do conceito de cidadania In. VIEIRA, Liszt. **Os argonautas da cidadania: a sociedade civil da Globalização**. São Paulo: Record, 2001. p 34-51

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. Traduzido por Reubens Eduardo ferreira Frias e Gerard Georges Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

YOUNG, kimberly S. **Internet addiction: the emergency of a new clinical disorder**. University of Pittsburgh at Bradford, vol. 1 No. 3, p. 237-244, 1996. Disponível em: <http://www.netaddiction.com/articles/newdisorder.htm> . Acesso em 1 ago. 2008.

_____. **Treatment outcomes with Internet addicts**. CyberPsychology & Behavior, 2007, Vol. 10, n. 5, p. 671-679. Disponível em <http://www.netaddiction.com/articles/Treatment.pdf> . Acesso em 1 ago. 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

1. Na sua opinião, dar acesso e ensinar o uso da internet deve ser uma prioridade do governo?
2. Qual o a importância da internet tem para sua vida? (T)
3. O que você não fazia que passou a fazer por te acesso à internet? (T)
4. Como você se sentiria se não tivesse acesso a internet? (T)
5. Em quais aspectos pessoas que têm acesso à internet tornam-se diferentes das que não têm? (II)
6. A internet dá às pessoas poderes de fazer coisas que não faziam antes. Você pode dizer que a internet te tornou uma pessoa mais...(II)
7. Todas as pessoas têm diferentes papéis sociais que constroem suas identidades. Quais são as suas identidades que navegam na internet? (II)
8. Para você o que significa expressar-se e relacionar-se utilizando identidades oculta ou virtuais (conhecidas como “fake”) (RR)
9. Conhecer pessoas via internet tem o mesmo significado de conhecer pessoas fora da Internet? (RR)
10. Para você o que significa a internet possibilitar que você conheça pessoas de pai/cidade/estado diferentes dos seus? (RR)
11. Para você o que significa a internet possibilitar que você conheça pessoas com interesses iguais aos seus? (RR)

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas questionário

QUESTIONÁRIO:

Significados da internet para jovens, como fator de influência na identidade

Respondendo este questionário, você ajuda em uma pesquisa que visa conhecer a juventude e o alcance da internet. Os dados são sigilosos, as informações personalizadas não serão publicadas ou divulgadas, são apenas para mantermos contato no futuro, se necessário. **Favor responder todos os itens.** Obrigada!

Perfil do entrevistado:

Renda da família: _____

Sexo: F M

Escolaridade atual: _____

Idade: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Classe social:

Alta Média Médias alta Média baixa Baixa _____ (Outra classificação que lhe pareça

mais adequada.)

Perfil do internauta:

1) Em que ano acessou à Internet pela primeira vez ? _____

2) **Frequência de uso:** diariamente algumas vezes na semana 1 vez na semana
 quinzenalmente mensalmente raramente

3) **Quantas horas permanece conectado à Internet quando acessa em:**

- Casa: até 1 hora 2 h 3h 4h 5h a partir de 6h não acesso neste local
- Trabalho: até 1 hora 2 h 3h 4h 5h a partir de 6h não acesso neste local
- Lan house: até 1 hora 2 h 3h 4h 5h a partir de 6h não acesso neste local
- Faculdade: até 1 hora 2 h 3h 4h 5h a partir de 6h não acesso neste local
- Infocentros: até 1 hora 2 h 3h 4h 5h a partir de 6h não acesso neste local
- Outro local de acesso: _____ até 1 hora 2 h 3h 4h 5h a partir de 6h

4) **Você gostaria de passar mais tempo navegando na internet ?** sim não

5) **Endereço de email:** _____

6) **Endereço de site pessoal:** _____

7) **Endereço de blog e fotolog:** _____

8) **Endereço de orkut:** _____

9) **Sites mais freqüentados:** _____

APÊNDICE B – Roteiro de perguntas questionário (continuação)

Finalidade de uso da internet

Na tabela a seguir, sobre a finalidade do uso da internet, responda se você: 1- usa o serviço oferecido e 2- conhece o serviço oferecido.

	1-Usa Internet para este fim?		2-Conhece esta possibilidade que a internet oferece?	
	sim	não	Sim	Não
Conhecer pessoas				
Conhecer pessoas de país/estado/cidade diferentes da sua				
Conhecer pessoas com interesses iguais aos seus				
Conhecer lugares diferentes				
Manter contatos pessoais				
Manter contatos profissionais				
Divulgar seu trabalho				
Divulgar coisas que você produz				
Fazer pesquisa profissional (trabalho/estudo)				
Fazer pesquisa pessoal				
Pesquisar em sites de busca				
Pesquisar pessoas que conhece (em orkut, blogs, fotolog, etc...)				
Tratar de assuntos polêmicos e/ou íntimos				
Participar de fóruns				
Enviar e-mail				
Participar de chats				
Usar MSN				
Ler notícias				
Acessar comunidades virtuais				
Entretenimento				
Baixar filmes e séries				
Baixar programas				
Baixar Música				
Baixar livros				
Baixar jogos				
Jogar				
Navegar no “Second life”				
Navegar no site “ You tube”				
Acessar blogs				
Acessar fotolog				
Acessar site “My space”				
Acessar serviços on-line oferecidos pelo governo				
Enviar imposto de renda				
Acessar serviços de software livres				
Realizar compras				
Realizar vendas				
Fazer transações bancárias				
Telefone via Internet				
Participação em movimentos políticos/sociais/ambientais, etc.				
Informações sobre atividades hackers e crackers				
Acessar sites de conteúdo sexual				
Outros. Especifique:				

- Você já ocultou sua identidade ao navegar em sites da internet? sim não
- Você já criou uma identidade virtual diferente da sua ao navegar em sites da internet? sim não

APÊNDICE C – Carta convite

Caros alunos de Redes de Computadores,

No início do mês de maio, todas as turmas responderam a um questionário sobre o uso da internet, que é parte fundamental de uma pesquisa de mestrado da Ucsal. O objetivo final da pesquisa é conhecer os significados desta tecnologia para os jovens, já que ela ganha cada vez mais importância. A partir dos questionários respondidos foram selecionados aqueles respondentes: 1- entre 18 e 29 anos; 2- que utilizam diversas ferramentas oferecidas pela rede; 3- que acessam a Internet com alguma frequência.

Os alunos de Redes foram priorizados, pois considera-se que podem dar uma opinião mais qualificada, já que convivem com a internet no seu cotidiano. Por isso, estamos convidando você para a etapa final da pesquisa que consiste numa entrevista para conhecer a opinião dos jovens sobre temas ligados a esta tecnologia e significados para suas vidas.

A entrevista é breve, em local e horário que lhes sejam confortáveis – pode acontecer inclusive na própria faculdade ou via msn. Seus dados serão mantidos em sigilo e sua experiência com a internet é fundamental para que pesquisadores conheçam melhor esta tecnologia.

Aguardamos a sua resposta positiva e abertos para qualquer esclarecimento.

Ana Carolina Oliveira
Mestranda UCSAL
Pesquisadora

APÊNDICE D - Texto padrão para início das entrevistas

Primeiro: Obrigada por se dispor a fazer parte da minha pesquisa de mestrado.

Segundo: Importante lembrar que seu nome será mantido em sigilo. Caso haja alguma informação que deseje manter fora da pesquisa, você pode e deve sinalizar. Fique a vontade para esclarecer perguntas que não estejam claras. Vale ressaltar que, aqui, somos pesquisador e pesquisado e não professor e aluno, ok?!

Terceiro: O roteiro da entrevista é composto de 11 perguntas fixas, mas outras podem surgir durante o processo. O tempo estimado da entrevista é de 50 min. E é interessante que durante este período sua atenção esteja voltada a este processo para garantir que as respostas não sejam superficiais.

Então...podemos começar?

APÊNDICE E - Perfil demográfico

Perfil demográfico dos 72 graduandos de redes de computadores participantes de pesquisa quantitativa

1 - Escolaridade

Superior incompleto	98,7%
Superior completo	1,3%

2 – Gênero

Masculino	93%
Feminino	5,6%
Resposta em Branco	1,4%

3 - Classe social (auto-classificação)

Média	40,3%
Média Alta	8,3%
Média Baixa	45,8%
Baixa	5,6%
Branco	1%

4 - Idade

18 anos	1,4%
19 anos	5,6%
20 anos	16,7%
21 anos	9,7%
22 anos	8,3%
23 anos	8,3%
24 anos	4,2%
25 anos	16,7%
26 anos	6,9%
27 anos	6,9%
28 anos	11,1%
29 anos	4,2%

APÊNDICE F - Perfil do internauta

Perfil de internauta dos 72 graduandos de redes de computadores participantes de pesquisa quantitativa

5- Frequência de uso

Diariamente	89%
Algumas vezes na semana	9,7%
Uma vez na semana	-
Raramente	1,3%
Quinzenalmente	-
Mensalmente	-
Raramente	-

6-Ano em que acessou internet pela 1ª vez

1992	2,8%
1993	-
1994	4,2%
1995	12,5%
1996	9,7%
1997	13,7%
1998	15,3%
1999	15,3%
2000	12,5%
2001	-
2002	-
2003	4,2%
2004	2,8%
Branco	4,8%
Nulo	2,8%

7 – Local de acesso

Lan house	2,7%
Infocentros	11,1%
Casa	91,1%
Faculdade	83,3%
Trabalho	75%

APÊNDICE G - TABELA 1: Tempo de permanência *versus* local de uso

	Casa	Trabalho	Lan house	Faculdade	Infocentros
Até 01 h	8,3%	8,3%	12,5%	62,5%	4,1%
02h	22,2%	5,5%	12,5%	13,8%	5,5%
03h	19,4%	5,5%	1,4%	5,5%	1,6%
04h	16,7%	8,3%	-	-	-
05h	6,9%	8,3%	-	1,6%	-
A partir de 06h	23,6%	37,5%	1,4%	-	-
Não acessa no local	2,9	26,6%	61,1%	11,1%	75%
Resposta em Branco	-		11,1%	5,5%	13,8%

APÊNDICE H - TABELA 2: Finalidade de uso da internet *versus* consumidor/produtor

1-Usa Internet para este fim?		Sim	não
PRODUTOR	Enviar e-mail	100%	-
	Mantem contatos profissionais	97%	7%
	Usar MSN	95,8%	4,2%
	Acessar serviços de software livres	90,3%	9,7%
	Mantem contatos pessoais	88,9%	11,1%
	Entretenimento	86%	14%
	Participar de fóruns	81,9%	18,1%
	Conhecer pessoas com interesses iguais aos seus	75%	25%
	Fazer transações bancárias	68,1%	31,9%
	Enviar imposto de renda	66,7%	33,3%
	Divulgar seu trabalho	63,3%	34,7%
	Jogar*	62,5%	37,5%
	Conhecer pessoas	62,3%	33,7%
	Telefone via Internet	59,7%	40,3%
	Divulgar coisas que você produz	51,9%	48,1%
	Conhecer pessoas de país/estado/cidade diferentes da sua	50%	50%
	Participar de chats	50%	50%
	Tratar de assuntos polêmicos e/ou íntimos	44,4%	55,6%
	Realizar vendas	41,7%	58,3%
	Participação em movimentos políticos/sociais/ambientais, etc.	22,2%	77,8%
Navegar no “Second life”	9,7%	90,3%	
CONSUMIDOR	Baixar programas	98,6%	1,4%
	Fazer pesquisa pessoal	95,8%	4,2%
	Ler notícias	95,8%	4,2%
	Baixar Música	95,8%	4,2%
	Acessar comunidades virtuais	90,3%	9,7%
	Baixar filmes e séries	84,7%	15,3%
	Baixar jogos	84,7%	15,3%
	Acessar serviços on-line oferecidos pelo governo	81,9%	18,1
	Conhecer lugares diferentes	79,2%	20,8%
	Navegar no site “ You tube”	77,8%	22,2%
	Informações sobre atividades hackers e crackers	76,4%	23,6%
	Baixar livros	69,4%	30,6%
	Pesquisar pessoas que conhece (em orkut, blogs, fotolog, etc...)	63,9%	36,1%
	Jogar*	62,5%	37,5%
	Acessar sites de conteúdo sexual	62,5%	37,5%
	Acessar blogs	40,3%	59,7%
	Acessar fotolog	31,9%	68,1%
	Acessar site “My space”	18%	82%
	Realizar compras	72%	28%
	Fazer pesquisa profissional (trabalho/estudo)	100%	-
Pesquisar em sites de busca	97%	3%	

* Jogar figura nas duas qualificações, visto que é possível jogar sozinho ou jogar interagindo com outros participantes

APÊNDICE I - Publicações e grupos de pesquisa sobre TIC'S

Onde encontrar	Temática
<p>Grupo de pesquisa:</p> <p>Estudos sobre Comunicação Organizacional: estratégias e processos Disponível em < http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=01036090561FGC&seqlinha=2></p> <p>Grupo de Pesquisa: GIANTI - Gestão do Impacto da Adoção de Novas Tecnologias de Informação Disponível em < http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0192602BGPTZZ1&seqlinha=2></p> <p>Livros e Projeto de Pesquisa: JESUS, Ivan Jorge de Azevedo. <i>Relação entre tecnologia da informação e a organização virtual</i>. Salvador, 2001. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal da Bahia. Disponível em: < http://www5.prossiga.br/informacaoct/asp/SaidaCat.asp?cod=25&id=port></p> <p>CAMPOS, Edna. <i>A adoção estratégica da tecnologia de informação: implementando sistemas de groupware</i>. Salvador, 2001. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal da Bahia. Disponível em: < http://www5.prossiga.br/informacaoct/asp/SaidaCat.asp?cod=25&id=port></p> <p>Abrão Caro. Fatores Críticos no Comportamento do Consumidor Online – Um Estudo Exploratório. 01/09/2005 1v. 155p. Mestrado. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – ADMINISTRAÇÃO. Disponível em: <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200559933002010085P5></p>	<p>Administração e Processos gerenciais</p>
<p>Livros e Projeto de Pesquisa: -FERNANDES, Mercedes de Figueiredo. <i>Internet e redes de pesquisa acadêmica do Programa Prossiga: análise das bibliotecas virtuais</i>. Rio de Janeiro, 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www5.prossiga.br/informacaoct/asp/SaidaCat.asp?cod=25&id=port></p>	<p>Bibliotecas virtuais</p>
<p>Grupo de pesquisa:</p> <p>-Grupo de pesquisa: Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura - CIBERPESQUISA Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0291609CJEJBD#linhapessq></p> <p>Livros e Projeto de Pesquisa:</p> <p>LEMOS, André. <i>As cidades na cibercultura</i>. Ed. E-Papers. Rio de Janeiro, 2004 LEMOS, André. <i>CIBERCIDADE 2 – CIBERURBE: A cidade na sociedade da informação</i> A CIDADE NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO Ed. E-Papers, Rio de Janeiro, 2005</p>	<p>Cibercidades</p>
<p>Grupo de pesquisa:</p> <p>- Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura - CIBERPESQUISA Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0291609CJEJBD#linhapessq></p> <p>-Grupo de Realidade Virtual de Goiás Disponível em: <HTTP://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=50161038IPZBKR ></p> <p>- CIBER VIX Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=03926122HZAF8Q#linhapessq> Grupo de pesquisa: CIBER VIX</p>	<p>Cibercultura e Realidade Virtual</p>

<p>-Comunicação, Culturas e Mídias Contemporâneas Disponível em<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0514609PVO0VRC&seqlinha=2></p> <p>- Grupo de Estudos Multidisciplinar em Avaliação de Tecnologias de Informação e Comunicação Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=76137081BIRMV2&seqlinha=1></p> <p>-Relações Sociais e Organizações no Ciberespaço Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0006703OLD8MP4></p> <p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u> MARTINS, Francisco Menezes. Impressões digitais: cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo. Ed. Sulina, Porto Alegre, 2008</p> <p>RUDIGER, Francisco. <i>Introdução as teorias da cibercultura</i>.Ed. Sulina. Porto Alegre. 2007</p> <p>LEMOS, A. L. M. (Org.) ; PALACIOS, M. (Org.) . Janelas do Ciberespaço. Comunicação e Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2000. v. 1. 277 p.</p> <p>LEMOS, A. L. M. . Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre: Sulina/Meridional, 2002</p>	
<p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u> COZAC, João Ricardo Lebert. <i>Relações virtuais</i>. E. Vozes, 2005</p> <p>PEREIRA, Marcelo Cardoso.<i>Direito a intimidade na internet</i>. Juruá editora: Curitiba, 2004</p> <p>SAMPAIO, Alice. <i>Amor na internet: quando o virtual cai na real</i>. Record: 2002</p> <p>LEMOS, A. L. M. . Cibersocialidade. Logos, UERJ - Rio de Janeiro, v. 6, p. 15-19, 1997.</p>	Cibercultura e relações virtuais
<p><u>Grupo de pesquisa:</u></p> <p>-Ciberpunks disponível em<http://www.facom.ufba.br/acad_prodcient_public.html></p> <p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u> LEMOS, A. L. M. . Hackers no Brasil. Revista Contracampo, UFF, Niteroi, Rio de Janeiro, v. 6, p. 21-42, 2002.</p>	Ciberpunks
<p><u>Grupo de pesquisa:</u></p> <p>- Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura - CIBERPESQUISA Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0291609CJEJBXD#linhapesq></p> <p>-Grupo de pesquisa: Comunicação e redes hipermediáticas Disponível em<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=1178609LT2W6DN&seqlinha=2></p> <p>-Grupo de pesquisa:Cultura contemporânea Disponível em<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=3428802ZRCOZTO#linhapesq></p> <p>-Grupo de pesquisa:Grupo de Literatura Digitalizada Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=03238022KJZI4D&seqlinha=3></p> <p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u> -Jornalismo na Internet: Pinho, J.b.(2003) -Jornalismo em Redes Digitais: problematizando a Internet enquanto suporte para a prática do Jornalismo(2003-2007)UFBAMarcos Silva Palácios http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4783293D1</p>	Comunicação e áreas afins
<p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u></p>	Construção civil

<p>Luiz Antonio do Nascimento. (C) Proposta de um Sistema de Recuperação de Informação para Extranet de Projeto.. 01/03/2004 1v. 123p. Mestrado. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ENGENHARIA CIVIL http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200466733002010130P0</p> <p>Marco Antonio Yamamoto. (C-SUP) Uma Proposta para Disponibilizar Sistemas de Simulação pela Internet.. 01/09/2005 1v. 68p. Mestrado. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ENGENHARIA CIVIL http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200579933002010130P0</p>	e otimização de processos
<p><u>Grupo de pesquisa:</u></p> <p>-GETIC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias de Informação e Comunicação Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=1981103T2AJV5C#linhapescq></p> <p>-Grupo ACME! de Segurança de Computadores e Redes Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330103JEBEIDO></p>	Desenvolvimento de novas tecnologias
<p><u>Grupo de pesquisa:</u></p> <p>-Direito virtual Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=1178601JT0MV3C#linhapescq></p> <p>-GEP Grupo de Estudos, Pesquisas, Integração e Práticas Interativas Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=1004601JSNW4DP#linhapescq></p> <p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u></p> <p>- PAESANI, Liliana Minardi. <i>Direito e internet</i>. Ed. Atlas. São Paulo, 2006.</p> <p>- INELLAS, Gabriel Cesar Zaccaria de. <i>Crimes na internet</i>. Ed. Juarez de Oliveira. São Paulo, 2004</p>	Direito e afins
<p><u>Grupo de pesquisa:</u></p> <p>-GEPICC- Grupo de Estudos de Políticas de Informação, Cultura e Comunicações Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0291607OX5E8IP&seqlinha=5></p> <p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u></p> <p>-ROSA, José Antônio. ABC da comercialização e negócios via internet. Ed STS, São Paulo, 1998</p> <p>-MAIRELES, Manuel. <i>A arte de operar na bolsa pela internet</i>. Arte e ciência, São Paulo, 2000</p>	Economia, finanças comérico e negócios
<p><u>Grupo de pesquisa:</u></p> <p>-Núcleo de Desenvolvimento de Ambientes Virtuais Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=28151033DC6N7B></p> <p>-GEMAT-TIC - Grupo de estudos em Educação Matemática e Tecnologias de Informação e Comunicação Disponível em<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=5842101093CJT5></p> <p>-GPEAD - Grupo de Pesquisa e Desenvolvimento da EAD. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=3095708BI4PGHS></p> <p>-Laboratório de Novas Tecnologias Aplicadas na Educação. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0079708UGU4HSF></p> <p>-Grupo de Estudos e Pesquisas de Tecnologias Interativas de Aprendizagem</p>	Educação e ambientes virtuais

<p>Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=8337708PYS29JV#linhapesc></p> <p>Livros e Projeto de Pesquisa: -VALENTE, Vânia Cristina Pires Nogueira. <i>Desenvolvimento de um ambiente computacional interativo e adaptativo para apoiar o aprendizado de geometria descritiva</i>. 1v. 131p. Doutorado. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - ENGENHARIA CIVIL. 2004. Disponível em:<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200465133002010130P0></p> <p>PEREIRA, Alice Cybis, <i>AVA: Ambientes Virtuais de Aprendizagem em Diferentes Contextos</i>. Ed Ciência Moderna. Rio de Janeiro, 2007.</p> <p>VITORINO, Elizete Vieira. <i>Educação a distância(EAD)na percepção do aluno</i>.Ed. Univali. Itajai-SC, 2006</p> <p>PARADO, Maria Elisabete Brisola Brito; VALENTE, José Armando. <i>Educação a distância via internet</i>. Ed. AVERCAMP: São Paulo, 2003</p> <p>DUQUE, Andréa Paula Osório. Modelagem de cursos à distância via internet, à luz da Ciência da Informação. Rio de Janeiro, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Disponível em:http://www5.prossiga.br/informacaoct/asp/SaidaCat.asp?cod=25&id=port</p> <p>ALVES, L. R. G., SILVA, J. B. Educação e cibercultura. Salvador : EDUFBA, 2001</p> <p>HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. Information literacy: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. Rio de Janeiro, 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Disponível em: <http://www5.prossiga.br/informacaoct/asp/SaidaCat.asp?cod=25&id=port></p> <p>DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. <i>Aprendizagem pela busca e uso da informação: a influência de habilidades informacionais na aprendizagem (2006-Atual)</i> Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4723809P6></p> <p>CASAGRANDE, Ludimila Monjardim . <i>Projeto de Pesquisa:Tecnologia da Informação no Desenvolvimento da Internet Avançada - TIDIA – FAPESP(2004-2008) Vitoria –ES</i> Disponível: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4769981Z1></p> <p>VANNI, Renata Maria Porto. <i>Tidia Aprendizado Eletrônico. São Paulo (2005-Atual)</i> Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4728290P6></p>	
<p>Livros e Projeto de Pesquisa: REGIS, Maria Cláudia Alves de Santana. As Tecnologias da informação e comunicação aplicadas à educação especial : uma análise de ensino de surdos nas classes especiais. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). USP. Faculdade de Educação Disponível em: < http://www5.prossiga.br/informacaoct/asp/SaidaCat.asp?cod=25&id=port></p>	Educação e deficientes
<p>Livros e Projeto de Pesquisa: Projeto de pesquisa:Letramento Digital no ensino superior . Antonio Carlos dos Santos Xavier-Pernambuco(2005-2008) Disponível em: <HTTP://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4791355A7></p>	Habilidades e conhecimento no uso de TIC
<p>Grupo de pesquisa:</p>	Inclusão e exclusão digital

<p>GEPICC- Grupo de Estudos de Políticas de Informação, Cultura e Comunicações Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0291607OX5E8IP&seqlinha=3></p> <p>GEPINDI - Grupo de Estudos em Políticas de Informação e Inclusão Digital Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0291607AJQ0CLT></p> <p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u></p> <p>DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal, <i>Inclusão digital e competência informacional: estudo de caso da implantação da faceta inclusão digital no projeto Carro-Biblioteca</i> (2006-Atual). Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4723809P6></p> <p>SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. <i>Exclusão Digital</i>. Ed. Perseu Abramo: São Paulo: 2001</p> <p>SCHLUNZEN JUNIOR, Klaus; SCHLUNZEN, Elise Tomoe Moriya;PELLANDA, Nize Maria Campos. <i>Inclusão digital</i>. DP&A Editora, São Paulo: 2005</p>	
<p><u>Grupo de pesquisa:</u></p> <p>- GEMAT-TIC - Grupo de estudos em Educação Matemática e Tecnologias de Informação e Comunicação</p> <p>Disponível: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=5842101093CJT5&seqlinha=3></p> <p>-<u>Gerenciamento e infra-estrutura de TI.</u> Disponível<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=5016103GGOW76E&seqlinha=2></p> <p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u></p> <p>BITTENCOURT, Guilherme. <i>Inteligência artificial: Ferramentas e teorias</i>. Ed. UFSC: Florianópolis, 2003</p> <p>FERNANDES, Anita Maria Rocha. <i>Inteligência artificial: Noções gerais</i>. Visual Books: Florianópolis, 2003</p>	Inteligência Artificial
<p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u></p> <p>ALVES, Lynn. <i>Game Over: Jogos eletrônicos e violência</i>. Ed. Futura: Salvador, 2005.</p> <p>KUTOVA, M. A. S. ; OLIVEIRA, C. C. G. . Jogos Digitais, Competição e Socialização na Sala de Aula. In: XII WIE - Workshop de Informática na Escola, 2006, Campo Grande. XXVI Congresso da Sociedade Brasileira de Computação. Porto Alegre : Sociedade Brasileira de Computação, 2006. p. 231-239. Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4742224T8</p>	Jogos digitais
<p><u>Grupo de pesquisa:</u> Comunicação, Cultura e Sociedade Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=4254609S1DNU4Y&seqlinha=1></p> <p>Biblioteca digital Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0240607DDB5LGO#linhapesq></p> <p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u></p> <p>LENCAR, Maria Simone de Menezes. Mecanismos de busca na web: uma análise de metodologia</p>	Otimização de busca na web e distribuição de informação

<p>de estudos comparados. Rio de Janeiro, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Disponível em: http://www5.prossiga.br/informacaoct/asp/SaidaCat.asp?cod=25&id=port</p> <p>GUERRA, Marcela Fontes Lima. <i>Um sistema interativo de pré-processamento e expansão de consultas para um sistema de recuperação de informação na web</i>. Recife, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) - Universidade Federal de Pernambuco Disponível em: <http://www5.prossiga.br/informacaoct/asp/SaidaCat.asp?cod=25&id=port></p>	
<p>Livros e Projeto de Pesquisa: ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia et al. <i>Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para políticas públicas</i>. Brasília: UNESCO.2002.</p> <p>Sites: Comitê Gestor da Internet no Brasil. Disponível em < http://www.cgi.br/> Acesso em: 5 ago 2008 RITS (REDE DE INFORMAÇÃO PARA O TERCEIRO SETOR). <i>Apropriação Cidadã dos telecentros de São Paulo: um levantamento social</i>. São Paulo:Rits, 2004. Disponível em http://www.foinclusao.org.br.</p> <p>IBGE. <i>Pesquisa Nacional por Amostra por domicílios 2005</i>.Disponível em:< http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2005/default.shtm> Acesso 8 dez 2007</p>	<p>Perfil do internauta brasileiro</p>
<p>Grupo de pesquisa:</p> <p>-GEPICC- Grupo de Estudos de Políticas de Informação, Cultura e Comunicações Disponível em< http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0291607OX5E8IP&seqlinha=6></p> <p>-Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura – CIBERPESQUISA Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0291609CJEJBXD#linhapesc></p> <p>- Comunicação, Internet e Democracia Disponível em<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=02916098H7DBL6#linhapesc></p> <p>-Novas Tecnologias da Comunicação e Sociabilidade Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0083609LUOX4EQ&seqlinha=2></p> <p>Livros e Projeto de Pesquisa: CEPIK, Marco; EISENBERG, José. Internet e política. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2003</p>	<p>Política</p>
<p>Grupo de pesquisa:</p> <p>-Cognição e Percepção Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=56167084X3HLMD#linhapesc></p> <p>-Tecnologia e Subjetividade Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0111707CJDCEC6&seqlinha=1></p>	<p>Psicologia</p>

<p><u>Grupo de pesquisa:</u> Utilização e Desenvolvimento de Software Livre Disponível em:<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=5016103AMV3COY#linhapesq></p> <p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u> AMADEU, Sérgio;CASSINO, João. Software livre e inclusão digital. Conrad do Brasil, São Paulo, 2003</p> <p>TAURION, Cezar.<i>Software Livre: potencialidades e modelos de negócio</i>.Ed. Brasport: Rio de Janeiro, 2004</p> <p><u>Sites:</u> PRESIDENCIA DA REPÚBLICA. <i>Softwate livre no governo do Brasi</i>Disponível em <http://www.softwarelivre.gov.br/> Acesso 8 ago 2008.</p> <p>SOFTWARE LIVRE BRASIL.<i>PSL Brasil – o que é?</i>Dipsonível em <http://www.softwarelivre.org/> . Acesso 7 ago 2008</p> <p>O'REILLY.<i>What is web 2.0. Disponível em:</i> <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html> Acesso 8 ago 2008</p> <p>YOU TUBE. TIM O'reilly in what is web 2.0? <i>Disponível em</i><http://br.youtube.com/watch?v=CQibri7gpLM> Acesso 8 ago 2008 e</p> <p>WEB 2.0 BR. <i>Conceituando o que é web 2.0</i> Disponível em: <http://web2.0br.com.br/conceito-web20/> Acesso 4 ago 2008.</p>	Software livre e WEB 2.0
<p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u> ROCHA, Marcelo Oliveira. <i>Direito do trabalho na internet</i>.Ed. Leud, São Paulo, 2005</p>	Trabalho
<p><u>Livros e Projeto de Pesquisa:</u> E-turismo - Internet e Negócios do Turismo Guimaraes, Andre Sathler; Borges, Marta Poggi e(2008)</p>	Turismo

ANEXOS

ANEXO A - PESQUISA SOBRE O USO DAS TICS NO BRASIL - 2007

COMITÊ GESTOR DE INTERNET DO BRASIL

(Pesquisa sobre o Uso das TICs no Brasil - 2007 / Survey on the Use of ICTs in Brazil - 2007 213 TIC Domicílios / ICT Households
voltar)

(Disponível no : <<http://www.cgi.br/>>)

I3 - HABILIDADES RELACIONADAS AO USO DA INTERNET

INTERNET-RELATED SKILLS

Percentual sobre o total da população¹

Percentage over the total population¹

Percentual (%) Percentage (%)	Nenhuma das mencionadas <i>None of the mentioned</i>	Usar um mecanismo de busca de informação <i>Using a search engine to find information</i>	Enviar e-mails com arquivos anexados <i>Sending e-mails with attached files</i>	Enviar mensagens em salas de bate-papo, etc. <i>Posting messages to chat-rooms, etc.</i>
TOTAL	62	35	24	20
REGIÕES DO PAÍS – REGION				
Sudeste <i>Southeast</i>	61	35	26	21
Nordeste <i>Northeast</i>	68	30	17	17
Sul <i>South</i>	56	41	29	20
Norte <i>North</i>	69	25	19	16
Centro-Oeste <i>Center-West</i>	57	41	30	25
SEXO GENDER				
Masculino <i>Male</i>	60	36	25	21
Feminino <i>Female</i>	63	33	23	19
GRAU DE INSTRUÇÃO SCHOOLING				
Analfabeto / Educação infantil <i>Illiterate / Kindergarten</i>	93	6	2	3
Fundamental <i>Elementary</i>	68	27	15	15
Médio <i>High School</i>	40	55	38	33
Superior <i>University</i>	18	79	70	48
FAIXA ETÁRIA – AGE				
10 – 15	47	45	23	26
16 – 24	34	60	46	42
25 – 34	49	48	35	26
35 – 44	71	27	19	13
45 – 59	86	13	9	5
60 +	97	3	2	1
RENDA FAMILIAR – INCOME				
< R\$ 380,00	85	13	5	7
R\$ 381,00 - R\$ 760,00	74	23	13	12
R\$ 761,00 - R\$ 1.140,00	58	38	26	21
R\$ 1.141,00 – R\$ 1.900,00	45	51	40	30
R\$ 1.901,00 – R\$ 3.800,00	28	68	57	42
R\$ 3.801,00 +	24	75	66	47
CLASSE SOCIAL SOCIAL - CLASS				
A	6	92	86	54
B	30	65	55	40
C	57	39	25	22
DE	84	14	8	7
SITUAÇÃO DE EMPREGO EMPLOYMENT STATUS				
Trabalhador <i>Worker</i>	59	38	28	22
Desempregado <i>Unemployed</i>	56	39	23	27
Não integra a população ativa <i>Is not part of the active population</i>	68	28	17	16
TOTAL	9	9	6	5
REGIÕES DO PAÍS REGION				
Sudeste <i>Southeast</i>	10	11	6	6
Nordeste <i>Northeast</i>	5	4	5	2
Sul <i>South</i>	10	11	6	6
Norte <i>North</i>	5	4	5	2
Centro-Oeste <i>Center-West</i>	12	11	9	7

SEXO GENDER				
Masculino <i>Male</i>	10	11	6	6
Feminino <i>Female</i>	7	7	6	5
GRAU DE INSTRUÇÃO SCHOOLING				
Analfabeto / Educação infantil <i>Illiterate / Kindergarten</i>	1	1	1	-
Fundamental <i>Elementary</i>	4	3	3	2
Médio <i>High School</i>	14	13	10	8
Superior <i>University</i>	28	34	17	20
FAIXA ETÁRIA AGE				
10 – 15	7	6	5	2
16 – 24	20	17	12	8
25 – 34	11	13	9	9
35 – 44	6	8	4	5
45 – 59	2	4	2	3
60 +	1	1	-	1
RENDA FAMILIAR INCOME				
< R\$ 380,00	2	1	2	1
R\$ 381,00 - R\$ 760,00	5	3	3	2
R\$ 761,00 - R\$ 1.140,00	8	7	6	5
R\$ 1.141,00 – R\$ 1.900,00	13	14	9	9
R\$ 1.901,00 – R\$ 3.800,00	21	27	13	17
R\$ 3.801,00 +	42	46	24	27
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS				
A	44	57	26	33
B	21	24	14	15
C	9	8	6	4
DE	2	2	2	1
SITUAÇÃO DE EMPREGO EMPLOYMENT STATUS				
Trabalhador <i>Worker</i>	11	11	7	7
Desempregado <i>Unemployed</i>	10	7	6	4
Não integra a população ativa <i>Is not part of the active population</i>	5	4	4	2

C3 - FREQUÊNCIA DO ACESSO INDIVIDUAL À INTERNET
 FREQUENCY OF INDIVIDUAL ACCESS TO THE INTERNET
 Percentual sobre o total de usuários de Internet1
 Percentage over the total number of Internet users1

Percentual (%) Percentage (%)	Diariamente Daily	Pelo menos uma vez por semana At least once a week	Pelo menos uma vez por mês At least once a month	Menos que uma vez por mês Less than once a month
TOTAL	53	34	10	3
REGIÕES DO PAÍS REGION				
Sudeste <i>Southeast</i>	53	33	11	3
Nordeste <i>Northeast</i>	51	35	11	3
Sul <i>South</i>	53	36	8	2
Norte <i>North</i>	54	31	11	4
Centro-Oeste <i>Center-West</i>	55	27	13	5
SEXO GENDER				
Masculino <i>Male</i>	54	34	9	3
Feminino <i>Female</i>	52	33	12	3
GRAU DE INSTRUÇÃO SCHOOLING				
Analfabeto / Educação infantil <i>Illiterate / Kindergarten</i>	31	47	17	5
Fundamental <i>Elementary</i>	39	41	15	5
Médio <i>High School</i>	52	34	11	3
Superior <i>University</i>	72	23	4	1
FAIXA ETÁRIA AGE				
10 - 15	39	43	15	3
16 - 24	55	32	11	2
25 - 34	55	32	9	3
35 - 44	66	23	6	5
45 - 59	55	33	9	3
60 +	52	33	7	9
RENDA FAMILIAR INCOME				
< R\$ 380,00	34	47	17	2
R\$ 381,00 - R\$ 760,00	39	39	17	5
R\$ 761,00 - R\$ 1.140,00	46	39	11	4
R\$ 1.141,00 - R\$ 1.900,00	58	29	10	4
R\$ 1.901,00 - R\$ 3.800,00	70	23	6	2
R\$ 3.801,00 +	80	17	3	-
CLASSE SOCIAL SOCIAL CLASS				
A	91	8	1	-
B	64	28	6	2
C	48	37	12	3
DE	35	40	19	6
SITUAÇÃO DE EMPREGO EMPLOYMENT STATUS				
Trabalhador <i>Worker</i>	58	30	9	3
Desempregado <i>Unemployed</i>	45	33	17	4
Não integra a população ativa <i>Is not part of the active population</i>	44	40	13	3

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)